



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

A DIGLOSSIA E A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MAPUTO

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Mestrado em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

SUPERVISOR: PROF. DOUTOR GREGÓRIO FIRMINO

DISCENTE: RICARDO CHIHLUPEQUE ALFREDO DIMANDE

Maputo, Fevereiro de 2016

A DIGLOSSIA E A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MAPUTO

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Mestrado em **Linguística** da Universidade

Eduardo Mondlane por **Ricardo Chihlupeque Alfredo Dimande**

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

SUPERVISOR: PROF. DOUTOR GREGÓRIO FIRMINO

Maputo, Fevereiro de 2016

O JÚRI

O PRESIDENTE

O SUPERVISOR

O Oponente

DATA

_____ / ____ / _____

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Alfredo Uamueche Dimande por ter sido a luz que ilumina a minha vida.

À minha mãe Carlota Quive, por me ter mostrado o mundo e a rudeza da vida.

À minha avó Nteyasse, génio de mulher, mulher de inteligência nata e trabalhadora incansável.

Ao nosso filho que partiu prematuramente para o ocaso da vida. Saudades!

AGRADECIMENTOS

O meu profundo agradecimento vai em primeiro lugar ao Prof. Doutor Gregório Firmino, meu supervisor, por ter aceitado despende o seu precioso tempo no acompanhamento à minha pesquisa e muito em particular pela orientação que me prestou em todas as fases do meu trabalho, pela orientação metodológica e pedagógica, pelas críticas e sugestões e pelo apoio, sempre que necessário, em material bibliográfico mas, sobretudo, pelo encorajamento e compreensão quando algumas dificuldades conjunturais e outras de ordem profissional se colocaram ao longo do processo que culmina com a apresentação deste trabalho.

Os meus agradecimentos estendem-se a todos os docentes que tive ao longo do curso de mestrado em Linguística, em especial, aos Professores Catedráticos Armando Jorge Lopes e Armino Atelela Ngunga, pelo incentivo e pelo apoio para a realização desta pesquisa. Os nossos agradecimentos vão, também, para os Profs. Doutores Marcelino Liphola, Mateus Katupha, Bento Siteo e Henriques Nhaombe.

Aos meus colegas do curso e, muito em particular, à dra. Julieta Langa, ao dr. Manuel Guissemu, à dra. Pércida Langa e demais companheiros da longa jornada académica pelo encorajamento e pela amizade. Aos funcionários da Biblioteca pelo apoio prestado.

A todos os meus familiares, em particular, aos meus irmãos pelo apoio e pelo interesse no acompanhamento do estágio do meu trabalho.

A todos os que se interessaram pela culminação dos meus estudos até esta fase, muito em particular, os meus amigos e colegas com destaque para Leonel Matias e Arão Cuambe. Aos Engs. Salatiel e Taúla, pelo apoio dado na área da Informática.

Aos meus informantes, aos dirigentes a diversos níveis das instituições públicas, privadas e locais de residência onde decorreu a minha investigação e a todos os que, de diversas formas aceitaram colaborar nesta pesquisa, os meus sinceros agradecimentos.

Por último, mas não menos importantes pelo significado primordial que têm na minha vida, um particular agradecimento à minha família restrita, em especial, à minha esposa, Esperança Cuamba Sambo, à Neyde (nossa filha) e à Telma Sambo (cunhada), por tudo quanto fizeram e passaram para que o meu trabalho se tornasse realidade e pelos sacrifícios consentidos para que eu atingisse este patamar académico.

PROVÉRBIOS

O coração do entendido adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios busca a ciência. (Prov. 18:15)

Águas profundas são as palavras da boca do homem, e ribeiro transbordante é a fonte da sabedoria. (Prov. 18:4)

O que ajunta no verão é filho entendido, mas o que dorme na sega é filho que envergonha. (Prov.10:5)

RESUMO GERAL DA TESE DE MESTRADO

O presente trabalho insere-se na área de Sociolinguística Comportamental e visava verificar a robustez e a aplicabilidade dos conceitos de diglossia avançados por Ferguson (2003 [1959]) e Fishman (2003 [1967]), para explicar os fenómenos linguísticos referentes ao caso da cidade de Maputo. Trata-se, no fundo, de um estudo teórico que elaborou à volta do (s) conceito (s) de diglossia tendo em conta a universalidade da sua aplicação. Para tanto, a pesquisa verificou as condições sócio-históricas e culturais associadas aos usos linguísticos dos habitantes da cidade, e a utilidade ou não do (s) conceito (s) nucleares de diglossia formulados por Ferguson (1959) e Fishman (1967).

A pesquisa tomou como base as abordagens de Ferguson (1959) e Fishman (1967), sobre a diglossia, e na análise do fenómeno tomou em consideração, entre outras, a perspectiva sociolinguística de Firmino (2006 [2001]), Hudson (2003) e Fasold (1991 [1984]).

Como metodologia para a eliciação dos dados da pesquisa usamos como técnicas, nomeadamente, a observação não participativa, a introspecção, os inquéritos, as entrevistas e a pesquisa documental, através das quais obtivemos informações sobre: os usos linguísticos e a alocação funcional das línguas e/ou variedades linguísticas; as atitudes e percepções sobre o Português e as Línguas Bantu Moçambicanas; os empregos linguísticos e a alocação funcional prospectiva do uso daquelas línguas.

Depois da apresentação, análise e discussão dos dados da pesquisa e da análise de cada um dos critérios definidores de diglossia de Ferguson (1959) e dos termos de referência de Fishman (1967) fez-se a apresentação das conclusões e recomendações do estudo.

A conclusão de fundo desta pesquisa é a seguinte: o conceito clássico de diglossia de Ferguson (1959) e os termos de referência de Fishman (1967), não são plenamente robustos ou plenamente aplicáveis para explicar a situação linguística prevalecente na cidade de Maputo, porque não captam determinadas realidades. As línguas são dinâmicas, são uma construção sócio-histórica e ideológica. Não há, por isso, língua (s) /variedade (s) /dialecto (s) que seja (m), eminentemente High ou, eminentemente Low. As recomendações apontam para o aprofundamento do estudo da diglossia nas províncias e, particularmente, no seio das comunidades asiáticas migrantes estabelecidas há séculos no país e, das novas comunidades, que surgem em razão de emprego, estudos ou negócios.

ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

A - Alta	CGPH- Censo Geral da População e Habitação
Acad - Formação académica	Cic- Cicopi
AHM- Arquivo Histórico de Moçambique	Cin- Cindau
AIM- Agência de Informação de Moçambique	Cinya- Cinyanja
AJ- Assistente Jurídico	Ciny-Cinyungwe
AMCM- Assembleia Municipal da Cidade de Maputo	Cis- Cisena
Ára- Árabe	Cit- Citshwa
B- Baixa	Ciy-Ciyao
BALB- Bairro do Albazine	CM - Cidade de Maputo
BAM- Bairro do Alto Maé	CM-Cidade de Maputo
BAU- Balcão de Atendimento Único	CMCM- Conselho Municipal da Cidade de Maputo
BBEN- Bairro do Benfica	CQ- Chefe do Quarteirão
BCEN- Bairro Central	CSAM- Centro de Saúde do Alto Maé
BHL- Bairro do Hlamankulo	Dep- Desempregado
BLAU- Bairro do Laulane	DH- Dummi High
BM- Bazaar Malay	Do- Doméstico
BMF- Bairro da Mafalala	Dr/Pr- Director da Escola Primária
BMH- Bairro das Mahotas	Ech- Echuwabo
BUR- Bairro da Urbanização	Emak- Emakhuwa
BX- Bairro do Xiphamanine	Ent est- Entrevista estruturada
CCJC- Centro de Conferências Joaquim Chissano	Ent-sest- Entrevista semi-estruturada
	EP1- Escola Primária do Primeiro Grau

EPCA- Escola Primária Completa do Albazine	IURD- Igreja Universal do Reino de Deus
EPCC- Escola Primária Completa da Coop	Jr- Jornalista
ESJM- Escola Secundária Josina Machel	Jr-TVM- Jornalista da TVM
Est- Estudante	L- Low
FEM- feminino	LBM(s)- Língua (s) Bantu de Moçambique/ Moçambicanas
FONU- funcionário da ONU	LM- Língua Materna
FP- Funcionário Público	LMO (s) - Língua (s) Moçambicana (s)
Fra- Francês	Loc- Local da entrevista/inquérito
Gen- Género	LP- Língua Portuguesa
Gest- Gestor	LR- Líder Religioso
Git- Gitonga	Masc- Masculino
GU- Gramática Universal	MBX- Mesquita da Baixa
H- High	MC- Mercado Central
Ibne- Inhambane	MIND- Magazine Independente
IMAPM- Instituto do Magistério Primário da Munhuana	MMAF- Mesquita da Mafalala
IMPD- Igreja Mundial do Poder de Deus	Mus- Músico
INDE- Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação	MX- Mercado do Xiphamanine
INE- Instituto Nacional de Estatística	MZ- Mercado do Zimpeto
Ing- Inglês	Nat- Naturalidade
Inq- Inquérito	NELIMO- Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas
Isi- Isizulu	Nias- Niassa
	Npl- Nampula
	OBG- Operador das Bombas de Gasolina

OC - Operador Comercial	Prof. - Professor
Ocp - ocupação	RdM- República de Moçambique
OIs - Organizações Internacionais	RGPH- Recenseamento Geral da
ONGs- Organizações Não Governamentais	RM- Rádio Moçambique
ONU- Organização das Nações Unidas	RO/BC- Ronil/Bairro Central
PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa	SB- Secretário do Bairro
PEBIMO - Projecto de Experimentação de Escolarização Bilingue em Moçambique	SNE- Sistema Nacional de Educação
PM- Português de Moçambique	Sof- Sofala
PMM- Português de Maputo	TP- Trabalhador Privado
PMO- Província de Maputo	TU- Técnica Usada
População e Habitação	TVM- Televisão de Moçambique
Port- Português	UEM- Universidade Eduardo Mondlane
Pri- Primário	Ven- Vendedor
Prof. Pri- Professor Primário	Xich- Xichangana
	Xir- Xirhonga
	Zam- Zambézia

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-----	9
Tabela 2-----	11
Tabela 3-----	12
Tabela 4-----	13
Tabela 5-----	21
Tabela 6-----	35
Tabela 7-----	36
Tabela 8-----	63
Tabela 9-----	xxvi
Tabela 10-----	xxviii
Tabela 11-----	xxix
Tabela 12-----	xxx
Tabela 13-----	xxxi
Tabela 14-----	xxxvii
Tabela 15-----	xlii
Tabela 16-----	xlvii
Tabela 17-----	liv

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	I
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
PROVÉRBIOS	IV
RESUMO GERAL DA TESE DE MESTRADO	V
ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E CONVENÇÕES	VI
LISTA DE TABELAS	IX
ÍNDICE.....	X
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
1.INTRODUÇÃO	1
1.1. OBJECTIVO DO ESTUDO	2
1.2. PROBLEMA	2
1.3. HIPÓTESES DE TRABALHO	4
1.4. MOTIVAÇÃO DO ESTUDO	5
1.5. CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO	5
1.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	6
1.7. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	6
NOTAS FINAIS	6
CAPÍTULO II. SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE E DA CIDADE DE MAPUTO EM PARTICULAR.....	7
2. INTRODUÇÃO	7
2.1. CARACTERIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DE MAPUTO	7
2.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DA CIDADE DE MAPUTO	8
2.3. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA CIDADE DE MAPUTO.....	10
2.3.1. <i>DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS FALADAS NA CIDADE DE MAPUTO ...</i>	<i>10</i>
2.3.2. <i>AS VARIANTES DAS LÍNGUAS FALADAS EM MAPUTO.....</i>	<i>13</i>
NOTAS FINAIS	14
CAPÍTULO III. REVISÃO DA LITERATURA.....	15
3. INTRODUÇÃO	15

3.1. COMUNIDADE LINGUÍSTICA E OS CONCEITOS DE VARIAÇÃO/ DIVERSIDADE E (OU) REPERTÓRIO LINGUÍSTIC (A) O	15
3.1.1. COMUNIDADE LINGUÍSTICA/LÍNGUA	15
3. 1. 2. LÍNGUA, DIALECTO OU VARIEDADE LINGUÍSTICA?	16
3.3. CRITÉRIOS DEFINIDORES DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959)	18
3.3.1.EXTENSÃO E REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE DIGLOSSIA DE FISHMAN (1967).....	20
3.3.2. COMUNIDADE LINGUÍSTICA COM DIGLOSSIA E BILINGUISTO.....	21
3.3.3.COMUNIDADE LINGUÍSTICA COM BILINGUISTO SEM DIGLOSSIA... 22	
3.3.4.COMUNIDADE LINGUÍSTICA COM DIGLOSSIA SEM BILINGUISTO... 22	
3.3.5.COMUNIDADE LINGUÍSTICA SEM DIGLOSSIA E SEM BILINGUISTO 23	
3.4. AS MÚLTIPLAS REACÇÕES ÀS ABORDAGENS DE FERGUSON (1959) E FISHMAN (1967) SOBRE DIGLOSSIA: CONTRIBUIÇÕES E/OU CRÍTICAS.....	23
NOTAS FINAIS	26
CAPÍTULO IV. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA.....	27
4. INTRODUÇÃO	27
4.1. QUADRO TEÓRICO ADOPTADO	27
NOTAS FINAIS.....	28
CAPÍTULO V. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	29
5. INTRODUÇÃO	29
5.1. A NATUREZA DOS DADOS	29
5.1.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E AS TÉCNICAS USADAS.....	29
5.2. OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA	30
5.2.1. OBJECTIVOS	30
5.2.2. SELECÇÃO DO PÚBLICO-ALVO	30
5.2.3. SELECÇÃO DO LOCAL DA OBSERVAÇÃO.....	30
5.3. INQUÉRITOS	30
5.3.1.OBJECTIVOS	30
5.3.2. SELECÇÃO DOS INQUIRIDOS	30
5.3.3. COMO FORAM ADMINISTRADOS OS INQUÉRITOS.....	31
5.3.4. SELECÇÃO DOS LOCAIS DE ADMINISTRAÇÃO	31
5.4. ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	31

5.4.1. OBJECTIVOS	31
5.4.2 SELECÇÃO DOS INFORMANTES	31
5.4.3. COMO FORAM ADMINISTRADAS AS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	31
5.4.4. SELECÇÃO DOS LOCAIS DE ADMINISTRAÇÃO	32
5.5. ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	32
5.5.1. OBJECTIVOS	32
5.5.2. SELECÇÃO DE INFORMANTES.....	32
5.5.3. COMO FORAM FEITAS AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	32
5.5.4. SELECÇÃO DOS LOCAIS DE ADMINISTRAÇÃO	32
5.6.INTROSPECÇÃO	32
5.6.1. OBJECTIVOS	32
5.7. PESQUISA DOCUMENTAL	32
5.7.1.OBJECTIVOS	32
5.7.2. TIPO DE INFORMAÇÃO OBTIDA.....	32
5.7.3. COMO FORAM OBTIDOS OS DOCUMENTOS E AONDE?.....	33
5.8. ORGANIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS/ENTREVISTAS.....	33
5.8.1.AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	33
5.8.2.AO NÍVEL DA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	33
5.8.3.AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	34
5.9. TRATAMENTO DA AMOSTRA DA PESQUISA	34
5.9.1. TIPO DE DADOS OBTIDOS	34
NOTAS FINAIS.....	34

CAPÍTULO VI. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS

RESULTADOS	35
-------------------------	-----------

6. INTRODUÇÃO	35
----------------------------	-----------

6.1.PERFIL INDIVIDUAL E SOCIOLINGUÍSTICO DOS INQUIRIDOS E ENTREVISTADOS	35
6.1.1.DADOS GERAIS DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS	35
6.1.1.1. IDADE DOS INQUIRIDOS /ENTREVISTADOS.....	36
6.2. OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA	36
6.2.1.CONSTATAÇÕES DA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA	37
6.3. OS RESULTADOS OBTIDOS NOS INQUÉRITOS E NAS ENTREVISTAS...	38

6.3.1. <i>A VISÃO DOS FALANTES SOBRE AS LÍNGUAS E USOS LINGUÍSTICOS</i>	38
.....	38
6.3.1.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	38
6.3.1.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	38
6.3.1.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	38
6.3.2. <i>QUE LÍNGUA (S) VOCÊ APRENDEU ANTES DE IR À ESCOLA?</i>	39
6.3.2.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	39
6.3.2.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	39
6.3.2.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	39
6.3.3. <i>QUE LÍNGUA VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA?</i>	40
6.3.3.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	40
6.3.3.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	40
6.3.3.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	40
6.3.4. <i>USOS LINGUÍSTICOS: LÍNGUA (S) USADA (S) NA COMUNICAÇÃO COM A FAMÍLIA</i>	41
6.3.4.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	41
6.3.4.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	41
6.3.4.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	41
6.3.5. <i>LÍNGUA (S) QUE USA NA COMUNICAÇÃO COM AMIGOS/COLEGAS/ VIZINHOS E NA VISITA A ALGUÉM. A HOMILIA É DADA EM QUE LÍNGUA?</i>	42
.....	42
6.3.5.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	42
6.3.5.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	43
6.3.5.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	43
6.3.6. <i>LÍNGUA (S) QUE USA NAS INSTITUIÇÕES</i>	44
6.3.6.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	44
6.3.6.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	45
6.3.6.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	45
6.3.7. <i>QUE LÍNGUA (S) USA PARA FALAR COM UM SUPERIOR HIERÁRQUICO?</i>	45
6.3.7.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	45
6.3.7.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	46
6.3.7.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	46

6.3.8. EMPREGOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS E DAS LÍNGUAS BANTU	46
6.3.8.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	47
6.3.9. QUE LÍNGUA (S) USA NAS FESTAS? NOS RESTAURANTES? NO FUTEBOL? E NA ALDEIA?	47
6.3.9.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	47
6.3.9.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	48
6.3.9.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	48
6.3.10. VAI COM FREQUÊNCIA AO MERCADO? QUE LÍNGUA USA NO PROCESSO DE COMPRA DE PRODUTOS NO MERCADO?	48
6.3.10.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	48
6.3.10.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	48
6.3.10.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	49
6.3.11. ATITUDES E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS	49
6.3.11.1. A LÍNGUA PORTUGUESA TEM ALGUM VALOR? QUAL?	49
6.3.11.2. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	49
6.3.11.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	49
6.3.11.4. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	49
6.3.12. AS LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS TÊM ALGUM VALOR? QUAL?	50
6.3.12.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	50
6.3.12.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	50
6.3.12.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	50
6.3.13. DE QUE LÍNGUA (S) GOSTA MAIS PARA O ENSINO? E PARA USO NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS PARA TRATAR DOCUMENTO (S)?	51
6.3.13.1. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	51
6.3.13.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	51
6.3.14. EM QUE SITUAÇÕES SE DEVERIA USAR, OBRIGATORIAMENTE, A LÍNGUA PORTUGUESA E AS LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS?	52
6.3.14.1. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	52
6.3.14.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	52
6.3.15. ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DA LP E DAS LM	53
6.3.15.1. A LÍNGUA PORTUGUESA TEM FUTURO? QUAL É?	53
6.3.15.2. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	53

6.3.15.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	53
6.3.15.4. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	53
6.3.16. AS LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS TÊM FUTURO? QUAL?	54
6.3.16.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS	54
6.3.16.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	54
6.3.16.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	54
6.4. OS CRITÉRIOS DEFINIDORES DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959) E OS TERMOS DE REFERÊNCIA DE FISHMAN (1967) SÃO OU NÃO APLICÁVEIS À CIDADE DE MAPUTO?.....	56
6.4.1. ANÁLISE COM BASE NOS CRITÉRIOS DE FERGUSON (1959).....	56
6.4.2. ANÁLISE NA BASE DOS PRESSUPOSTOS DE FISHMAN (1967).....	64
NOTAS FINAIS	66
CAPÍTULO VII. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	67
7. INTRODUÇÃO	67
7.1. AS CONSTATAÇÕES DE ÂMBITO GERAL DA PESQUISA	67
7.1.1. EM RELAÇÃO AO PERFIL SOCIAL E SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES:	67
7.1.2. EM RELAÇÃO AOS USOS LINGUÍSTICOS:	67
7.1.3. EM RELAÇÃO AOS EMPREGOS LINGUÍSTICOS:	68
7.1.4. EM RELAÇÃO ÀS ATITUDES E PERCEPÇÕES SOBRE A LP E LBM _s	68
7.1.5. ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DO USO DA LP E DAS LBM _s NO ENSINO E NAS INSTITUIÇÕES:	69
7.2. PREMISSAS PARA A DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES	69
7.2.1. PREMISSAS NA BASE DO CONCEITO DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959).....	70
7.2.2. PREMISSAS NA BASE DOS PRESSUPOSTOS DE DIGLOSSIA DE FISHMAN (1967).....	71
7.3. DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES E CONCLUSÃO DA PESQUISA.....	72
7.4. RECOMENDAÇÕES	78
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	79
ANEXOS	XVII

<i>ANEXO 1-INQUÉRITO SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS NA CIDADE DE MAPUTO.....</i>	<i>xviii</i>
<i>ANEXO2-GUIÃO PARA ENTREVISTA ESTRUTURADA SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS NA CIDADE DE MAPUTO</i>	<i>xxi</i>
<i>ANEXO 3-GUIÃO PARA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS</i>	<i>xxiii</i>
<i>ANEXO 4-GUIÃO PARA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE.....</i>	<i>xxv</i>
<i>ANEXO 5 -LOCAL DE REALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS E DAS ENTREVISTAS</i>	<i>xxvi</i>
<i>ANEXO 6 - NATURALIDADE DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS.....</i>	<i>xxviii</i>
<i>ANEXO 7- OCUPAÇÃO SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS.....</i>	<i>xxix</i>
<i>ANEXO 8- ESCOLARIDADE DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS</i>	<i>xxx</i>
<i>ANEXO 9: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS.....</i>	<i>xxxi</i>
<i>ANEXO 10:IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS... </i>	<i>xxxvii</i>
<i>ANEXO 11: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS.....</i>	<i>xlii</i>
<i>ANEXO 12: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS... </i>	<i>xlvii</i>
<i>ANEXO 13: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS.....</i>	<i>liv</i>
<i>ANEXO 14- CÓPIA DO REGIMENTO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL</i>	<i>lxi</i>
.....LXII	
<i>ANEXO 15- REGIMENTO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA</i>	<i>lxiv</i>
<i>.....</i>	<i>lxvi</i>
<i>ANEXO 16- MAPA DA CIDADE DE MAPUTO.....</i>	<i>lxx</i>
<i>ANEXO 17-MAPA DOS BAIRROS DA CIDADE DE MAPUTO.....</i>	<i>lxxii</i>

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo, para além da introdução apresenta o objectivo, o problema, as hipóteses, a motivação, a contribuição e as limitações do estudo e ainda a organização do trabalho.

Moçambique é um país multilingue, que se caracteriza pela coabitação do Português, a língua oficial, com as Línguas Bantu e outras de origem asiática e europeia.

Maputo, a cidade capital do país, não foge à regra do que acontece no resto de Moçambique. Maputo é, pois, uma cidade cosmopolita convergindo nela, provavelmente, mais do que outras zonas da nação, indivíduos de todas as regiões do país e, conseqüentemente, falantes de várias línguas que constituem o vasto mosaico sociocultural que caracteriza Moçambique.

Esta situação (sócio) linguística mostra-nos que, provavelmente, na capital moçambicana, a vida social dos membros da (s) comunidade (s) linguística (s) se faz através da negociação do uso dos recursos linguísticos colocados à sua disposição para fins de comunicação.

O nosso estudo analisa o caso da cidade de Maputo e cinge-se às relações que se estabelecem entre os falantes do Português e de outras línguas aqui faladas como, por exemplo, o Tsonga (Xichangana, Xirhonga e Citshwa), Gitonga, Cicopi, Emakhuwa¹, entre outras. Veremos como é que pode (m) ser aplicado (s), ao contexto de Maputo, o (s) conceito (s) de diglossia avançado (s) por Ferguson (2003 [1959]) e Fishman (2003 [1967]), para verificar se é (são), suficientemente, robusto (s) para explicar os fenómenos linguísticos prevaletentes na urbe.

O conceito de diglossia foi, originalmente, introduzido por Ferguson (2003 [1959]: 345-347), para descrever as situações por ele encontradas em comunidades linguísticas de alguns países árabes, da Grécia, do Haiti e dos cantões suíço-germânicos da Suíça. Nessas comunidades, alguns falantes usavam duas ou mais variedades da mesma língua sob diferentes condições. Essas duas variedades da língua coexistem, lado a lado, dentro da comunidade embora, cada uma tenha o seu papel bem definido. Mais tarde, Fishman (2003 [1967])² reelaborou o conceito de modo a incluir duas ou mais línguas. A abordagem de Fishman (op.cit.) abarca as situações em que, numa comunidade-falante existe uma distribuição funcional de duas

¹ Nesta pesquisa, a escrita dos nomes das Línguas Bantu Moçambicanas (LBMs) obedece à ortografia padronizada proposta pelo NELIMO - Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas. Nos inquiridos e nas entrevistas, os informantes, ao se referirem às LBMs uns, usavam a forma padronizada do NELIMO e outros, a forma portuguesa. Neste trabalho respeitamos essas opções das fontes. [ver Siteo e Ngunga (2000)].

² [Ver também Fishman (1972: 91-106)]

variedades linguísticas podendo ser dialectos, sociolectos e registos da mesma língua ou então línguas diferentes para âmbitos e funções sociais diferentes. (ver pp 359-360).

A partir das perspectivas destes dois estudiosos sobre o conceito de diglossia pode-se depreender, à partida, que elas não são, necessariamente, coincidentes levantando-se, por isso, algumas questões pertinentes quando se pretende ligar o conceito de diglossia à situação linguística da cidade de Maputo, como é o caso das que se seguem:

(a). A situação da cidade de Maputo pode ou não ser caracterizável à luz dos conceitos de diglossia defendidos por Ferguson e Fishman?

(b). As línguas/variedades linguísticas da cidade de Maputo estabelecem entre si uma relação diglósica?

(c). Há alocação diferenciada do uso das línguas/variedades na cidade de Maputo?

(d). Como é que essas línguas/variedades se relacionam entre si e de que formas são negociadas as relações linguísticas no mercado linguístico da urbe?

No fundo, o que pretendemos com o estudo é verificar a operacionalidade ou robustez do (s) conceito (s) de diglossia dos dois autores, para aferir o seu valor explicativo e preditivo tendo em conta a situação linguística da cidade de Maputo.

1.1. OBJECTIVO DO ESTUDO

Conforme o anteriormente referido, este estudo visa verificar a aplicabilidade do (s) conceito (s) de diglossia avançado (s) por Ferguson e Fishman à situação linguística de Maputo. Analisaremos os pressupostos que sustentam o fenómeno diglósico e aferiremos se eles são ou não, suficientemente, robustos para explicar os fenómenos linguísticos referentes ao caso da cidade de Maputo. Trata-se de um estudo, meramente, teórico-empírico que elaborará à volta do conceito de diglossia tendo em conta a universalidade da sua aplicação. A diglossia é dos poucos conceitos, inicialmente, propostos na área da sociolinguística, que têm perdurado nos estudos e análises deste ramo do conhecimento científico, à semelhança de outros como os de comunidade linguística, mudança linguística, variação linguística e contacto de línguas.

1.2. PROBLEMA

Em Moçambique, o Português, segundo Firmino (2006 [2001]: 22) é definido como a língua

oficial e da unidade nacional, sendo também conotado como “a língua dos domínios institucionais, de mobilidade social e de prestígio”, enquanto as Línguas Moçambicanas³ não têm esse estatuto e o seu uso é, grosso modo, reservado a domínios não institucionais ou não oficiais. São usadas por pessoas que partilham a mesma origem étnica, geralmente, fora dos contextos institucionais mas, por vezes, são usadas em domínios mais formais como a comunicação radiofónica ou religiosa, exercendo funções simbólicas importantes.

Nos últimos tempos tem havido, do ponto de vista institucional, o interesse pelo uso das Línguas Bantu Moçambicanas, sendo disso exemplos o seu uso na Rádio Moçambique e de forma ténue na Televisão de Moçambique (sobretudo nas províncias), durante os actos eleitorais a diversos níveis, nas instituições públicas nas mais diversas situações do dia-a-dia, nos transportes públicos urbanos e privados (vulgo chapa-cem) isto, para além do fenómeno de mistura de línguas nos Jornais e Revistas. Outro exemplo é o da Assembleia Municipal da Cidade de Maputo (AMCM), onde há anuência tácita para o uso do Xirhonga pelos seus membros, embora, na prática, tal não se verifique, aparentemente, por falta de tradutores.⁴

Esta última situação levanta algumas questões no concernente ao tipo de relações linguísticas prevalecentes na cidade de Maputo. A nossa intuição inicial é que o (s) papel (is) desempenhado (s) por cada uma das línguas faladas nesta urbe, não deve (m) ser assumido (s) de forma estreita e estanque. Há situações em que a Língua Portuguesa é usada nos chamados domínios “High” e há outras em que é usada em domínios “Low.” O mesmo acontece relativamente às Línguas Bantu Moçambicanas.

Tendo em conta este pressuposto e assumindo as duas principais perspectivas (de Ferguson e de Fishman já referidas) como teorias fundamentais para a pesquisa, assim como as abordagens críticas de alguns autores, como por exemplo Hudson (2003), Fasold (1991 [1984]) e Firmino (2006 [2001]), sobre o fenómeno diglósico, a questão central que se coloca é:

Será que os critérios definidores, avançados pelos dois “principais” estudiosos (Ferguson e Fishman) dos fenómenos diglósicos são, suficientemente, capazes de explicar a realidade da cidade de Maputo, onde (co) existem vários recursos usados pelos falantes nas suas interacções

³ Neste trabalho usamos a abreviatura LMO em referência às Línguas Moçambicanas.

⁴ O artigo 56, número 3 do Regimento da Assembleia Municipal de Maputo (AMCM), em vigor desde 1993, estabelece que o uso do Xirhonga nas sessões deste órgão é permitido, “devendo” para o efeito, “o orador providenciar um intérprete.” O nº 2 do mesmo artigo diz que a “língua de trabalho” da AMCM “é a língua oficial do país”, numa referência implícita à Língua Portuguesa. Na prática estamos perante uma contradição, pois há uma autorização que na prática não significa nada dado que não há condições para a sua implementação.

diárias? Esta é a questão-chave a que a presente pesquisa procura responder, tomando como base as abordagens trazidas à ribalta pelos pioneiros da teoria diglósica.

1.3. HIPÓTESES DE TRABALHO

Tomando como base os posicionamentos de Ferguson (2003 [1959]) e Fishman (2003 [1967]) notamos que o conceito de diglossia tem a ver com a relação entre a variação intralinguística e a variação interlinguística, tendo em conta a alocação funcional da (s) língua (s) e/ou variedade (s) como ponto fulcral. Essa ideia, segundo Ferguson (2003 [1959]) tem a ver com o uso de duas ou mais variedades da mesma língua, num certo tipo de circunstâncias e em diferentes condições. O autor considera que o traço mais importante da diglossia é a especialização funcional das variedades: a variedade High- (Alta) é dos domínios públicos oficiais e a variedade Low- (Baixa) é dos domínios não oficiais.

Para Fishman (2003 [1967]), a diglossia pode ser alargada a sociedades bilingues e multilingues e não deve ser restringida a variedades da mesma língua. Para o nosso estudo, conforme o problema enunciado, a questão que se coloca é:

Como caracterizar a cidade de Maputo onde (co) existem muitas línguas e ver a distância dicotómica, entre High e Low, entre o Português e as Línguas Bantu Moçambicanas (LBMs)?

Assim, tendo em conta o conceito de diglossia formulamos as seguintes hipóteses de trabalho:

- (1). No contexto de Maputo, algumas variedades e/ou línguas podem ser classificadas como High e outras como Low;
- (2). No contexto de Maputo, as diferentes línguas e/ou variedades desempenham, concomitantemente, diversos papéis e funções sociais sendo problemático assumir, que certas línguas e/ou variedades podem ser classificadas como High e outras Low;
- (3). No contexto de Maputo, a distinção entre as línguas e/ou variedades High e Low é irrelevante para a situação linguística de Maputo da urbe, porque não captura a realidade linguística prevalecente na cidade de Maputo.

No caso de prevalecer a primeira hipótese, a consequência que se espera é a seguinte:

Neste caso, o conceito de diglossia é aplicável ou é satisfatório dado que se ajusta à situação linguística prevalecente não precisando, por isso, de ser reformulado ou redefinido. No caso de prevalecer a segunda hipótese, a consequência que se espera é a seguinte:

Neste caso, o conceito de diglossia não é plenamente aplicável ou é aplicável, mas com algumas reservas, pois não há línguas que são, eminentemente High e outras que são, eminentemente Low. Não sendo plenamente satisfatório, o conceito precisa de ser repensado.

Finalmente, caso prevaleça a terceira hipótese, a consequência que se espera é a seguinte: Neste caso, o conceito de diglossia não tem fundamento, ou não se aplica para explicar a situação linguística na cidade de Maputo. Não há distinção entre High e Low impondo-se a adequação ou reformulação do conceito.

1.4. MOTIVAÇÃO DO ESTUDO

A escolha do tema e da capital moçambicana, Maputo, para o estudo do fenómeno diglósico partiu da convicção de que apesar dos vários estudos feitos à volta do tema pelo mundo fora, ainda havia/há um espaço para verificarmos de que forma a teoria linguística, sobre a matéria, pode ser aplicada à situação linguística da cidade de Maputo. Interessa (va) -nos, sobretudo, verificarmos a operacionalidade e a robustez do conceito olhando para a realidade da cidade de Maputo, partindo do princípio de que, na urbe, há uma confluência de pessoas de várias etnias, línguas, raças, culturas e religiões que, no seu dia-a-dia, se comunicam; importando saber como o fazem, onde, quando, de que modo e para que efeitos e se as suas línguas circulam, facilmente, em todos os domínios da vida política, económica e social. Face a esta realidade, a questão que uma vez mais se vai levantar é se o (s) conceito (s) de diglossia se aplica (m) ou não à cidade de Maputo. É esta curiosidade que nos levou a embarcar neste estudo.

1.5. CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO

Dado que o fenómeno diglósico nunca foi antes estudado de forma sistemática ao nível da sociedade moçambicana, a nossa pesquisa pretende ser uma modesta contribuição para a análise e estudo deste fenómeno, olhando para aspectos concretos da cidade de Maputo.

O nosso trabalho serve, fundamentalmente, para testar a robustez do conceito e verificar o grau da sua operacionalidade na descrição ou caracterização adequada da situação linguística da cidade de Maputo, permitindo a explicação e previsão das funções e valores associados às diversas línguas. Se os resultados do nosso trabalho puserem em causa os seus fundamentos, então, esta pesquisa poderá, em si, ser um contributo para a reformulação e estabilização do conceito de diglossia que, como se sabe, já se tornou um clássico.

1.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Grande parte da nossa pesquisa, por razões de contingência decorreu num período de fim do ano lectivo de 2010 e outra parte em 2011. No período de férias encontramos estudantes e professores envolvidos na azáfama das provas de exames. Para tornar estas dificuldades contamos com a colaboração das direcções das escolas contactadas (caso das Escolas Primárias Completas do Albazine e da Coop), que nos facilitaram o contacto com os alunos e professores. No caso da Escola Secundária Josina Machel, não foi necessária a intervenção superior, pois, os alunos, eles próprios, foram bastante prestativos nas respostas aos inquéritos, que no caso decorreram já no período do reinício das aulas. A dificuldade apenas se colocou porque os inquéritos eram administrados na hora da entrada e nos intervalos. Em relação às entrevistas no Balcão de Atendimento Único, a grande dificuldade era entre a azáfama de os entrevistados serem atendidos com celeridade pelos funcionários e a necessidade premente de o pesquisador realizar o trabalho programado para esse dia. Vingou a ideia de mútua colaboração, com a ajuda de alguns profissionais prestativos da instituição e dos próprios informantes. Por vezes, não foi possível entrevistar os informantes no dia ou hora aprazada por, alegada, falta de tempo.

O facto de parte da pesquisa ter decorrido na RM, onde o pesquisador trabalha, condicionou, por vezes, a participação dos colegas que nem sempre a encaravam com a seriedade e responsabilidade que se impunham. Também o facto de uma das línguas-objecto da investigação ser a língua materna do investigador, nem sempre possibilitou o seu distanciamento com o objecto da pesquisa. Na observação não participativa, por vezes apeteceu ao pesquisador envolver-se directamente nos assuntos pesquisados.

1.7. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O capítulo I faz a introdução do estudo. O capítulo II apresenta a situação linguística da cidade de Maputo. O capítulo III, através da revisão bibliográfica discute os conceitos de comunidade linguística/língua, de variação linguística e de diglossia e apresenta as múltiplas reacções à volta deste último conceito. O capítulo IV faz o enquadramento teórico da pesquisa. O capítulo V indica a metodologia de investigação. O capítulo VI faz a apresentação, análise e discussão dos dados da pesquisa. O capítulo VII apresenta as conclusões e recomendações do estudo.

NOTAS FINAIS

O capítulo I, para além da introdução apresenta o objectivo do estudo, o problema, as hipóteses, a motivação, a contribuição, as limitações do estudo e a organização do trabalho. A seguir, no capítulo II temos a situação linguística do país e da cidade de Maputo em particular.

CAPÍTULO II. SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE E DA CIDADE DE MAPUTO EM PARTICULAR

2. INTRODUÇÃO

O presente capítulo fornece informações sobre a situação linguística de Moçambique em geral e da cidade de Maputo, em particular. São informações obtidas a partir de fontes orais, de documentos e dos nossos conhecimentos introspectivos. Como diria Firmino (1994a:3), Moçambique é um país linguisticamente diverso.⁵ Para o autor, a caracterização dessa diversidade “tem sido matéria para muito debate, porquanto os dados de que se dispõe não podem fornecer um quadro fiel, principalmente no que diz respeito às línguas africanas.”⁶ Já Firmino (2000:8), embora assumo Moçambique como “um país linguisticamente heterogéneo,” considera que essa heterogeneidade “é acentuada pelo fraco conhecimento que se tem sobre as relações interlinguísticas e intralinguísticas (ou inter-dialectais) entre as variedades linguísticas representadas pelos diversos nomes referidos pelos recenseados.” É uma situação que cria dificuldades na concepção das fronteiras linguísticas, na designação das diferentes unidades linguísticas, que conduz à indeterminação da distinção entre língua e dialecto e à inflação de designações linguísticas. Katupha (1985), Liphola (2009), NELIMO (1989) e Ngunga (2009) corroboram com a caracterização de Moçambique como nação multilingue onde as Línguas Bantu Moçambicanas coabitam com o Português e línguas estrangeiras.

O capítulo caracteriza, ainda, o terreno em que decorreu a pesquisa nas vertentes político-administrativa e sociológica e fornece pistas sobre a diversidade e práticas linguísticas na urbe.

2.1. CARACTERIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DE MAPUTO

A cidade de Maputo, antiga cidade de Lourenço Marques durante o período colonial é a capital do país e a maior cidade moçambicana. Fica situada a sul do país na margem ocidental da Baía de Maputo. A cidade de Maputo constitui, do ponto de vista administrativo, um município com um Governo eleito e tem desde 1980 o estatuto de Província. Na parte meridional do território moçambicano temos a Província de Maputo. Administrativamente, a cidade de Maputo possui sete distritos urbanos divididos em bairros ou povoações a saber:

- Distrito de KaMpfumo: Bairros Central A, B, C, Alto Maé A e B, Malhangalene A e B, Polana Cimento A e B, Coop e Sommershield.

⁵ Lopes (2004: 24-25) baseando-se em Robinson (1993:52-55) considera Moçambique como “um país de elevada diversidade linguística.” Para o autor, a noção de “elevada diversidade linguística” aplica-se a um país “em que uma percentagem não superior a 50% fala a mesma língua.” Moçambique, porque “o Emakhuwa representa 25.6% da população total, situa-se entre os quinze países de diversidade linguística elevada em África.”

⁶ [Ver também Firmino (1994 b)]

-Distrito de KaHlamankulu: Aeroporto A e B, Xiphamanine, Minkadjuine, Unidade 7, Hlamankulu A, B, C, D; Malanga e Munhuana.

-Distrito de KaMaxakene: Mafalala, Maxakene A, B, C, D, Polana Caniço A, B e Urbanização.

-Distrito de KaMavota: Mavalane A e B; FPLM; Hulene A e B; Ferroviário; Laulane; 3 de Fevereiro; KaMavota, Albazine e Costa do Sol.

-Distrito de KaMubukwana: Bagamoio; George Dimitrov (Benfica); Inhagoia A, B; Luís Cabral; Magoanine, Mahlazine; Nsalane; 25 de Junho A, B e Zimpeto.

-Distrito de KaTembe: Gwaxene, Xale; Nkassene e Xamissava.

-Distrito de KaNyaka: Ingwane, Ribzene e Nhakene.

2.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DA CIDADE DE MAPUTO

A cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo obteve o estatuto de cidade a 10 de Novembro de 1887, por força do decreto régio e em 1898. Com efeito, uma circular de 22 de Novembro de 1998, do então Governador-Geral Baltazar Freire Cabral determinava que a partir de Dezembro, Lourenço Marques passava a ser a nova sede do Governo e capital política e administrativa da colónia, em troca com a Ilha de Moçambique. [ver Lemos (1987)]. Como reconhecem, hoje, vários estudiosos, a mudança deveu-se ao incremento da importância da antiga vila ao nível do movimento do Porto, da navegação marítima e do comércio, ao aumento da população e à perspectiva da exploração dos caminhos-de-ferro entre Maputo e Transvaal, na África do Sul, que teve maior ímpeto após a I e II Guerras Mundiais devido às ligações com países sem acesso ao mar como Swazilândia (1912) e Zimbabwe (ex-Rodésia do Sul-1956). [ver Liesegang (1987); Lemos (1987); Covane (1987) e Muchangos (1987)]. Para Araújo (1999:175) e Araújo (2001-2),⁷ a Cidade de Maputo caracteriza-se pelas seguintes áreas/zonas:

1. Cimento;
2. Suburbana
3. Periférica

⁷ Para Araújo (2011), Maputo é um exemplo típico de uma cidade com uma origem exógena e um modelo de assentamento transplantado do modelo das cidades europeias surgidas com a revolução industrial. É um modelo que afastou a população que vivia nesse espaço e que não se revia no novo modelo de assentamento. Mais tarde, a população ficou atraída por “essa cidade estranha pelo emprego, actividade comercial, industrial, repartições públicas, etc.” Esta cidade tem três níveis: 1-o urbano (com deveres, obrigações e direitos de uma cidade); 2-o suburbano (antigo caniço); 3-o periférico (com comportamentos rurais), não possuindo o nível rural como tal, que caracteriza mais espaços como Marracuene. Araújo abordou este assunto, em entrevista concedida ao pesquisador no dia 11.5.2011 em Maputo, na Separata da Revista Finisterra publicada em 1999 em Lisboa, num artigo intitulado: “Cidade de Maputo, Espaços Contrastantes: do Urbano ao Rural” e num artigo na Revista da Universidade do Porto: Geografia, edição de 2001-2002, intitulado: “Ruralidades-Urbanidades em Moçambique.”

Segundo Araújo (1999: 175), a delimitação da urbe, nos moldes propostos, não colhe consenso:

“Entre os distritos, as localidades e os bairros observam-se contrastes evidentes, quer do ponto de vista de organização e edificação urbanas, quer das características demográficas e sociais dos seus moradores. Estas diferenças são, em alguns casos, bastante acentuadas, pelo que não é de estranhar que, por vezes se coloque em questão o conceito clássico de urbano para amplas partes da cidade, em particular aquelas que (...) constituem os bairros designados periurbanos. Estas diferenças evidenciam a presença de três áreas diversificadas dentro do espaço administrativo da cidade.”

Essas áreas consubstanciam também a existência de três realidades diferentes do ponto de vista urbano, demográfico e social: área urbana, suburbana e periurbana. Para Araújo (op.cit.), estas designações, não são feitas “de forma rigorosa, quer no seu conceito, quer no espaço.” Para Muchangos (1987), Maputo teve um crescimento notável após a I Grande Guerra com a seguinte divisão espacial e funcional: (1) Campo (meio rural); (2) Periferia Urbana (savana em uso); (3) Núcleo da Cidade; (zona de cimento); (4) Subúrbio, como se vê na tabela 1.

TABELA 1: CARACTERÍSTICAS DE ALGUNS BAIRROS DE MAPUTO

Núcleo da cidade	Subúrbio	Periferia urbana	Campo/zona rural
Central/Polana	Mafalala/Maxaquene	Mahotas/Zona verde	Magoanine
Alto-Maé/Sommershiel	Aeroporto/Chamanuculo	*S. Dâmaso/Bunhiça	Albazine
	Xiphamanine/Inhagoia	*Ngonine	Kongolote
Coop	Laulane/Polana Caniço		Malhanguene
Malhangalene	Hulene/Mahlazine		*Cobe
	*Matola-A, T3, *Machava- A Vale do Infulene		

*Fonte da tabela 1: Muchangos (1987). Os locais assinalados com asterisco pertencem agora à província de Maputo ou Município da Matola

Araújo (2011), em entrevista concedida ao pesquisador no dia 11.5.2011 afirmou que no período colonial, o tipo de cidade existente “não recebia” elementos da população negra que residiam nas proximidades:

“Por exemplo, a Avenida Marien Ngouabi tem uma forma muito típica. É uma linha divisória. Havia a cidade branca (urbana, de cimento) e a cidade negra (subúrbio), esta última criada pela população negra à volta da outra cidade, a cidade branca.” É o caso dos Bairros de Mafalala, Malanga, Xiphamanine, Hlamankulu, Xiphamanine, Maxaquene, Polana-Caniço, Hulene, que eram e continuam a ser áreas de maior densidade populacional do que a parte nuclear da cidade (de cimento). Os seus habitantes eram serventes, contínuos, pequenos funcionários (não qualificados) e grosso modo, os que tivessem a 4ª classe, integravam a classe dos assimilados. O Alto Maé era para mulatos, indianos e brancos pobres. Os restantes bairros da cidade de cimento como Malhangalene e Polana mostravam, de certo modo, a estratificação social então vigente. Com o advento da independência, em 1975, a cidade foi liberta e, sobretudo, a maioria dos negros, devido às nacionalizações decretadas pelo Governo ganha o direito de habitar a cidade,⁸ que, entretanto, muda de nome para Maputo.

2.3. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA CIDADE DE MAPUTO

Na cidade de Maputo, as línguas bantu mais predominantes são o Xitsonga ou o Xichangana (S53) e o Xirhonga (S54) do Grupo Tsonga (S50), segundo a terminologia referencial de Guthrie (1967/71) e que inclui o Citshwa⁹ (S51), mais falado em Inhambane. O termo (Xi)tsonga, segundo Siteo (2000) designa, simultaneamente, “o grupo” e “uma das línguas”, o Xichangana, e a forma como é reconhecida a variante de referência em Moçambique e na África do Sul. De acordo com Siteo e Ngunga (2000), as duas línguas são mutuamente inteligíveis e são faladas nas províncias de Gaza e Maputo e na zona meridional de Manica e Sofala e algumas regiões do Zimbabwe e da África do Sul. Em Maputo há, também, falantes do Português e de outras Línguas Bantu Moçambicanas.

2.3.1. DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS FALADAS NA CIDADE DE MAPUTO

A seguir, na tabela 2 temos a distribuição percentual das línguas maternas por faixas etárias do Português e de outras Línguas Moçambicanas. Os dados em relação ao total dos inquiridos indicam que o Português (42.9%), o Xichangana (31.5%) e o Xirhonga (9.7%) são as línguas

⁸ Samora Machel, o primeiro Presidente da então República Popular de Moçambique anunciou, num comício a 3 de Fevereiro de 1976 na Praça dos Heróis Moçambicanos, a nacionalização dos prédios de rendimento e instou os moçambicanos a saírem dos subúrbios para ocuparem a urbe, que na sequência da independência havia sido abandonada pelos colonos portugueses, seus antigos proprietários. Machel disse na altura, que os moçambicanos não podiam continuar a viver no “quintal” da cidade, que eles próprios construíram. Mudou o nome da urbe, de Lourenço Marques para Maputo.

⁹ O Citshwa, uma das línguas maternas predominantes em Inhambane pertence ao Grupo Tsonga, sendo considerado mutuamente inteligível com o Xichangana (também conhecido por Tsonga) e o Xirhonga, falados em Maputo (cidade e Província) e Gaza. [ver Firmino (2000) e Siteo e Ngunga (2000)].

maternas mais faladas, em casa, na capital do país. O Português (58.4%) é mais usado pela faixa etária dos 5-19 anos e a que menos usa esta língua (17.1%) é a dos 50 anos ou mais.

O Xichangana (39.5%) e o Xirhonga (16.7%) são mais falados na faixa dos 50 anos ou mais, respectivamente. A faixa dos 5-19 anos com (27.4%) e (7.4%) é a que menos usa essas línguas.

TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE CINCO E MAIS ANOS POR GRANDES GRUPOS DE IDADE POR LÍNGUA MATERNA FALADA COM FREQUÊNCIA EM CASA NA CIDADE DE MAPUTO

Língua que fala com mais frequência em casa	Total	Grupos de idade		
		5-19	20-49	50+
N	959.747	386.180	479.164	94.403
Total	100.0	100.0	100.0	100.0
Português	42.9	58.4	35.6	17.1
Xichangana	31.5	27.4	33.2	39.5
Xirhonga	9.7	7.4	10.1	16.7
Cicopi	3.3	1.2	4.2	7.3
Citshwa	3.5	1.5	4.7	5.3
Gitonga/Bitonga	2.8	0.9	3.6	6.7
Outras línguas moçambicanas	4.4	1.6	6.6	4.7
Outras línguas estrangeiras	1.3	0.9	1.4	2.1
Nenhuma	0.0	0.0	0.0	0.0
Mudos	0.0	0.1	0.0	0.0
Desconhecida	0.5	0.6	0.5	0.5

Fonte da tabela 2: Instituto Nacional de Estatística -INE (2010), dados do Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH) de 2007

De seguida temos a tabela 3, referente à distribuição percentual da população por grandes grupos etários, segundo a língua mais falada em casa na cidade de Maputo. Nesta cidade, do total dos inquiridos, o Português (55.2%), o Xichangana (31.4%) e o Xirhonga (8.4%) são as línguas mais faladas em casa. Os cidadãos com menos de 50 anos de idade falam mais o

Português (mais de 50%). O Xichangana (30.2%) é menos falado na faixa dos 20-49 anos e o Xirhonga (7.7%) é menos falado na faixa dos 5-19 anos.

TABELA 3: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE CINCO ANOS E MAIS POR GRUPOS DE IDADE SEGUNDO A LÍNGUA FALADA COM FREQUÊNCIA EM CASA NA CIDADE DE MAPUTO

Língua que fala com mais frequência em casa	Total	Grupos de idade		
		5-19	20-49	50+
N	959.747	386.180	479.164	94.403
Total	100.0	100.0	100.0	100.0
Português	55.2	57.9	56.1	39.1
Xichangana	31.4	31.2	30.2	37.8
Xirhonga	8.4	7.7	7.8	14.5
Cicopi	1.0	0.6	1.1	2.4
Citshwa	1.3	0.8	1.5	2.2
Gitonga/Bitonga	0.6	0.3	0.7	1.6
Outras línguas moçambicanas	0.8	0.4	1.0	0.8
Outras línguas estrangeiras	0.9	0.5	1.1	1.3
Nenhuma	0.0	0.0	0.0	0.0
Mudos	0.0	0.1	0.0	0.0
Desconhecida	0.5	0.5	0.4	0.3

Fonte da tabela:3: Instituto Nacional de Estatística -INE (2010), dados do RGPH de 2007

A tabela 4, que se segue mostra que mais de 96,0% da população de cinco anos e mais da cidade de Maputo sabe falar Português, sendo a maior percentagem dos homens (98,0%) do que das mulheres (94.1%). A percentagem é baixa entre os mais idosos, sobretudo, entre as mulheres, o que para o INE, se deve a problemas de acesso à educação formal em Português.

TABELA 4: TAXAS ESPECÍFICAS DO CONHECIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA PELA POPULAÇÃO DE 5 ANOS E MAIS POR SEXO NA URBE

Grupos de Idades	Sabe falar português		
	Total	Homem	Mulher
Total	96.0	98.0	94.1
5-9	95.8	95.4	96.2
10-14	98.8	98.7	98.8
15-19	98.8	98.8	98.7
20-24	98.3	98.8	97.8
25-29	97.9	98.5	97.3
30-34	97.4	98.5	96.5
35-39	96.7	98.6	95.2
40-44	95.6	98.9	92.8
45-49	93.3	98.5	88.1
50-54	90.2	97.9	82.3
55-59	86.6	97.0	75.7
60-64	82.9	96.4	69.3
65-69	78.3	94.8	63.5
70-74	74.2	93.3	59.3
75-79	66.5	91.3	50.7
80+	56.6	85.2	44.4

Fonte da tabela 4: INE (2010) -Dados do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007.

2.3.2. AS VARIANTES DAS LÍNGUAS FALADAS EM MAPUTO

Dimande (2003), citando Siteo e Ngunga (2000) indica que as variantes do Xirhonga são:

- (1). Xilwandle (Xikalanga) - é falada na Manhiça.
- (2). Xinondrwana- esta é a variante de referência e é falada em Murhakweni e áreas

próximas da Cidade de Maputo, Matola e Boane.

- (3). Xizingili (Xiputru) - é falada desde a Katembe até à Ponta de Ouro.
- (4). Xihlanganu¹⁰ - é falada em Moamba-Sede e parte do distrito de Namaacha.

O Xichangana tem a seguinte variante que tem a ver com a província de Maputo:

- (1). Xihlanganu- falada a Sudoeste de Moçambique nos Montes Libombos, abrangendo parte dos distritos de Namaacha, Magude e Moamba.

Existem também variantes que têm a ver com o Xichangana em Maputo e Gaza:

- (2). Xidzonga (Xitsonga) - É a variante de referência e é falada nos distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir.
- (3). Xin'walungu-falada no distrito de Massingir.
- (4). Xibila- falada em Mandlakazi, Chibuto, Guijá, Chicualacuala e Limpopo.
- (5). Xihlengwe- falada no distrito de Xai-Xai.

Além destas línguas existem, em Maputo, outras línguas que são, igualmente, importantes na discussão sobre a diglossia, como indicam as tabelas 2 e 3 do INE (2010) e 13 (anexo 9).

NOTAS FINAIS

O capítulo apresentou a situação linguística de Moçambique e da cidade de Maputo em particular. Maputo caracteriza-se, tal como o resto do país, por uma diversidade linguística. É a capital da nação, a sede do Governo Central, a maior cidade do país. Nela convergem cidadãos oriundos de várias etnias e de todos os pontos do país, que são falantes de várias línguas, desde a oficial, o Português, até as das suas zonas de origem. É um município com estatuto de Província e organiza-se por distritos, divididos em bairros ou povoações. Além destes aspectos, o capítulo traça o quadro sociológico da urbe, desde o período colonial até ao período pós-independência em 1975. É este o terreno onde se realizou esta pesquisa sobre a diglossia. Os dados recolhidos são de elevada valia para uma análise, discussão e ajuizamento profícuos da situação linguística da cidade de Maputo. O capítulo III apresenta a revisão bibliográfica.

¹⁰ Esta classificação deve ser analisada com cuidado, dado que a mesma designação é adoptada para dialectos diferentes, o que revela a necessidade de um sério trabalho de levantamento dialectológico da região. Também, estes dados podem ter alterado, entre outros factores, devido à mobilidade criada pela guerra dos 16 anos e pelas calamidades naturais como, por exemplo, as cheias e as secas cíclicas, entre outras adversidades.

CAPÍTULO III. REVISÃO DA LITERATURA

3. INTRODUÇÃO

O capítulo apresenta as abordagens teóricas que sustentarão as nossas análises e que melhor perspectivarão a discussão dos resultados deste trabalho. Discute o conceito de diglossia, central neste estudo, indicando a sua origem e depois as abordagens de Ferguson (2003 [1959]), seu proponente e de Fishman (2003 [1967]), que o estendeu e refinou. Seguem-se as múltiplas reacções de estudiosos como Hudson (2003), Firmino (2006 [2001]) e Fasold (1991 [1984]), sobre a forma como a diglossia é perspectivada pelos dois autores. Dado que a diglossia tem lugar numa comunidade linguística que abrange a língua (s) e/ou variedade (s) linguística (s), debruçamo-nos, também, sobre estes conceitos. Duranti (1997:71) defende que na noção de distribuição social, “o termo ‘variedade’ implica os conceitos de repertório linguístico e comunidade linguística,” cruciais para entender a entidade “‘língua’ como objecto” de estudo.

3.1. COMUNIDADE LINGUÍSTICA E OS CONCEITOS DE VARIAÇÃO/

DIVERSIDADE E (OU) REPERTÓRIO LINGUÍSTIC (A) O

3.1.1. COMUNIDADE LINGUÍSTICA/LÍNGUA

Como defende Hudson (1993 [1980:25]), entre outros autores, o termo *speech community* (comunidade de discurso) é, largamente, usado por sociolinguistas em referência à comunidade baseada na língua, mas também se usa o termo *comunidade linguística* com o mesmo sentido. O autor discute o conceito tendo em atenção as variedades ou items (linguísticos) a ele ligados. *Comunidade Linguística* para Lyons (1970: 326), citado por Hudson (op. cit.: 25) são “todas as pessoas que usam uma dada língua (ou dialecto).” Segundo Hockett (1958), citado por Hudson (op. cit.:26), *comunidade linguística* é “todo o conjunto de pessoas que comunicam umas com as outras quer directa quer indirectamente através de uma língua comum.” Para Gumperz (1968:463 [1962:29]), citado por Duranti (1997:81), *comunidade linguística* é “um grupo social que pode ser ou monolingue ou multilingue, que se mantém junto pela frequência de padrões de interacção social e a partir de áreas circundantes pela fraqueza nas linhas de comunicação.” A perspectiva de Fasold (1997 [1990:42]), não difere muito da de Garmadi (1983):

“Uma definição da comunidade linguística que abstraísse da variação intralinguística não seria satisfatória, mas uma definição que prescindisse da variação interlinguística, que não concedesse, por exemplo qualquer estatuto aos grupos bilingues e plurilingues, também não seria mais vantajosa.” [Garmadi (1983:36)]

Na cidade de Maputo, a comunidade linguística é multilingue e caracteriza-se pela diversidade do uso de línguas, como o Português e suas variantes e das Línguas Bantu, como o Xirhonga,

Xichangana, Gitonga e Citshwa etc., e suas variantes, mais na linha do que defendem Fasold (1997 [1990]), Duranti (1997) e Garmadi (1983), sobre comunidade linguística.

3. 1. 2. LÍNGUA, DIALECTO OU VARIEDADE LINGUÍSTICA?

Uma das grandes controvérsias na linguística tem a ver com a definição dos conceitos de língua, dialecto ou variedade linguística muito ligados ao conceito de comunidade linguística. Como questionaria Hudson (1993 [1980]:30), afinal o que é que queremos dizer quando dizemos que uma certa variedade é língua? Como é que o termo é visto por pessoas comuns e, também, pelos estudiosos? Hudson (1993 [1980]:24), por exemplo usa o termo “variedade,” por estar isento de implicações associadas a palavras como “língua” e “dialecto” e por cobrir diversas situações, incluindo “todas as línguas de algum falante multilingue ou comunidade.” Para Carvalho (1979:327-328), a entidade língua:

“Abrange vários idiomas e por conseguinte vários sistemas, é (...) heterogénea podendo-se mesmo dizer que não é puramente linguística (...) é, (...) uma entidade histórico-social e como tal individualizada e una (...).”

Chomsky (1965), numa perspectiva estruturalista explica as diferenças fonológicas, morfológicas e sintáticas das línguas, na base de alguns princípios gerais enunciados na sua teoria de Gramática Universal (GU). No mesmo diapasão, Chomsky (1994:37-38) afasta-se do estudo da língua “como produto social.” Considera a língua de uma “comunidade linguística,” como uma “instância ‘pura’ da GU” e clarifica que “fazemos, portanto, abstracção da eventual variação entre os seres humanos no que se refere à faculdade da linguagem.” Como se vê, as abordagens chomskianas no concernente à definição de língua ignoram o contexto social e a variação linguística e assumem mais a homogeneidade, do que a heterogeneidade ou a diversidade existentes na mesma comunidade de discurso. (ver também Cunha e Cintra [1994:1]. Para Hudson (1993 [1980]: 25), os debates à volta da língua em relação à sociedade poderão consistir de declarações referentes à “língua,” como tal, ou a quaisquer “items linguísticos individuais ou a variedades,” que são “conjuntos desses tais items.” De acordo com Fasold (1991 [1984]: IX), a essência da sociolinguística depende de dois factos sobre a língua: “primeiro, a língua varia - os falantes têm mais do que uma forma para dizerem mais ou menos a mesma coisa.” Essa variação linguística inclui as diferenças de pronúncia de vogais individuais [ver Labov (1966:7) e Trudgill (2000 [1974]:81-95)] e a “escolha entre todas as línguas, feita por falantes bilingues ou multilingues. Segundo, (...) a língua” não serve só para “transmitir informações e pensamentos (...),” como para “fazer declarações (...), manifestar lealdade (...),” e para conhecer “os eventos discursivos em que uma pessoa está envolvida.”

Quando se fala de variação linguística, alguns autores adoptam vários termos para tentar captar o que Firmino (2006 [2001]) chama de “multiplicidade de variedades linguísticas” ou “diferentes formas de linguagem” (cf. p32). Hymes (1992:58-60) fala de diversidade linguística, outros, como Wardhaugh (1993:5) falam de variação linguística, porém Gumperz (1964:137) e Gumperz (1972:20-21) falam de repertório (verbal) linguístico. Firmino (2001:2) reitera a propósito, que “língua é variação.” Isto é o que sugerem Appel e Muysken (1987: 22-23), quando afirmam que “em muitas comunidades não se fala apenas uma língua mas várias.” Numa abordagem que indicia diversidade linguística, os autores dizem que nas Maurícias um milhão de pessoas tem acima de dez línguas, muitas delas associadas a grupos étnicos e em adição, o Francês, (língua ex-colonial) e pelo meio, o crioulo, como língua étnica e franca.

Segundo Mackey (1968) citado por Romaine (1995 [1989:12]), *bilinguismo* é “o uso alternado de duas ou mais línguas,” pressupondo assim, que o bilinguismo inclui o multilinguismo. Na mesma linha, Hoffmann (1991:9) afirma que “em muitos livros e artigos as palavras multilinguismo e, ocasionalmente, plurilinguismo são quase sempre substituíveis por bilinguismo,” dado que as diferenças (entre elas) “são mais quantitativas do que qualitativas.”

Neste estudo adoptamos as noções de comunidade linguística e de língua na acepção de Garmadi (1983), assim como a de Carvalho (1979), por tomarem em conta o contexto social.

O debate à volta do conceito de “diglossia” insere-se nestas abordagens sobre língua e variação linguística e surgiu quando, para alguns linguistas, “um tipo de restrições sobre itens (linguísticos) podia ser expresso em termos de ‘variedades’ de larga escala mais do que através de item por item” (Hudson 1993 [1980]:53). Este debate é pertinente neste estudo, dado que, uma comunidade linguística como a da cidade de Maputo possui múltiplos códigos linguísticos ou repertório linguístico, na acepção de Laitin (1992:4- 8), que não têm/tem um valor funcional igual. Dependendo das situações, as Línguas Portuguesa e Bantu do país e suas variedades são usadas como High e/ou como Low e é, por isso, que Ferguson (1959) e Fishman (1967) falam de diglossia e é assim como perspectivam a comunidade linguística. (detalhes em 3.3. - 3.3.5.).

3.2. DA GÉNESE AOS CRITÉRIOS DEFINIDORES DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959)

A relação língua e sua função social são estudadas, entre outras formas, através da perspectiva de um fenómeno chamado *diglossia*, um termo usado em inglês pela primeira vez por Ferguson (1959). Na sua abordagem Ferguson (2003 [1959]: 345) defende que em muitas comunidades de discurso, duas ou mais variedades da mesma língua são usadas pelos falantes em diferentes condições. Por exemplo, nos casos, italiano e iraniano, os falantes utilizam a sua língua local

em casa e entre familiares e amigos da mesma área dialectal, mas com falantes de outros dialectos ou em público, usam a língua padrão. Em Bagdade, no Iraque, os árabes cristãos usam entre si um dialecto árabe cristão, mas com um grupo misturado usam o “árabe islâmico.”

O estudo de Ferguson (op.cit: 346) incidiu sobre quatro comunidades que são: a Grécia, o mundo árabe - Egipto, Síria, Irão e Iraque -; a Suíça Alemã e o Haiti e examina “um tipo particular de padronização, onde duas variedades da mesma língua (co) existem lado a lado numa comunidade, com cada uma possuindo um papel definido a jogar.” As línguas implicadas no estudo são: o Grego Moderno (o Katharévusa) e o Grego Coloquial (o Dhimotikí); o Árabe Clássico e o Árabe Coloquial; o Alemão-Padrão (o Hoochdeutsh) e o Alemão-Schwyzerdeutsch) e o Francês e o Crioulo Haitiano. A variedade sobreposta é chamada High Suíço (o (H) -Alta e os dialectos são as variedades Low (L) - Baixas.¹¹ Ambas as variedades têm nomes.

3.3. CRITÉRIOS DEFINIDORES DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959)

Como se pode ver na seguinte citação original de Ferguson (2003 [1959]: 354):

“A diglossia é uma situação relativamente estável na qual, em adição aos dialectos primários da língua (que pode incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade sobreposta, muito divergente e altamente codificada (muitas vezes gramaticalmente mais complexa) que é o veículo de um largo e respeitado corpo de literatura escrita tanto do período remoto ou numa outra comunidade falante, que é amplamente aprendida através da educação formal e usada para a maior parte dos escritos e para propósitos formais de conversação mas que não é usada por nenhum sector da comunidade para a conversação corrente.^{12,}”

São os seguintes os critérios ou factores definidores de Ferguson (op.cit.) para High e Low:

(1). FUNÇÃO

Um dos mais importantes traços da diglossia é a distribuição funcional ou especialização de funções para as variedades High e Low. A variedade H é para actos formais: sermões nas igrejas/ mesquitas, ensino, discursos políticos, parlamento, editoriais de Jornais, poesia, etc. A

¹¹ Ao longo deste trabalho usaremos as abreviaturas H para designarmos High e L para designarmos Low.

¹²Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for ordinary conversation. [Ferguson (2003[1959]:354)]

variedade L é para actos menos formais como: instrução a trabalhadores e criados, literatura popular, peças radiofónicas, cartas pessoais e conversas familiares, etc.

(2). PRESTÍGIO

A variedade H goza de prestígio social que a variedade L não tem, é considerada superior em relação à variedade L por ser usada na religião, ser maravilhosa, lógica e por exprimir pensamentos. A variedade H é vista como verdadeira e a L como “não existente.”

(3). HERANÇA LITERÁRIA

A variedade H exprime o peso da literatura e da tradição literária no seio da comunidade linguística. É a variedade-padrão de língua e de uso de palavras, frases ou construções. A variedade L exprime a literatura popular ou folclórica.

(4). AQUISIÇÃO

A variedade L é adquirida como língua materna e é usada para falar a crianças e estas entre si. A variedade H é aprendida na escola ou através de tutores privados, usa regras gramaticais e dicionários. A pessoa que aprende em casa a variedade L não domina a gramática de H.

(5). PADRONIZAÇÃO

A variedade H é padronizada, tem forte tradição gramatical e dicionários, tratados de pronúncia, de estilos e normas de correcção e ortográficas. A variedade L não tem estudos normativos e descritivos, e tem larga variação na pronúncia, na ortografia e no vocabulário.

(6). EESTABILIDADE

A diglossia é relativamente estável, perdurando por vezes por milhares de anos. As tensões comunicativas entre os que dominam as variedades H e L são resolvidas pelo uso de formas não codificadas, instáveis e intermédias da língua e de empréstimos de H para L.

(7). GRAMÁTICA

A variedade H é mais completa e elaborada, tem categorias e flexões gramaticais que a variedade L não tem ou se tem são mais reduzidas.

(8). LÉXICO

O vocabulário de H e L é partilhado, embora com diferenças formais e trocas de significado e

de uso entre as duas variedades. H tem léxico técnico e expressões sem equivalentes regulares em L. L tem expressões populares e nomes de objectos domésticos sem equivalentes em H.

(9). FONOLOGIA

O sistema fonológico de H é mais estável que o de L, gerando interferências de L em H. Por causa da diversidade é difícil numa situação diglósica generalizar a relação fonológica de H e L. Algumas tensões ou conflitos linguísticos podem ser resolvidos através da criação de uma variedade intermédia entre a variedade High e a variedade Low.

Depois de termos visto em 3.3., como Ferguson (2003 [1959]) perspectiva a diglossia, Fishman (2003 [1967]) fala da extensão e da (re) definição desse mesmo conceito, em 3.3.1.

3.3.1.EXTENSÃO E REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE DIGLOSSIA DE FISHMAN (1967)

No seu estudo, Fishman (op.cit.) estendeu e redefiniu o conceito de diglossia de Ferguson (2003 [1959]) passando a cobrir aquelas situações, que para este autor, não eram consideradas diglósicas. Para Fishman, a diglossia aplica-se a duas ou mais línguas ou variedades com ou sem ligações genéticas e em que as variedades High e Low têm funções distintas. Para Fishman (2003 [1967]:359-360) citando Gumperz (1966 [1964a, 1964b, 1962, 1961]):

“A *diglossia* existe não apenas nas sociedades multilingues que oficialmente reconhecem várias ‘línguas’ mas, também em sociedades que são multilingues, no sentido de que elas empregam dialectos separados, registos ou variedades linguísticas diferenciadas de qualquer tipo.”¹³

Na sua reflexão, Fishman (2003 [1967]:360-364) defende a distinção entre diglossia e bilinguismo e estabelece formas de interação e termos de referência entre estes dois maiores construtos. A seguir, o autor propõe, na sua tabela quadrupla, o tipo de comunidades existentes:

1. Comunidade Linguística com Diglossia e Bilinguismo (Espanhol e Guarani no Paraguai);
2. Comunidade Linguística com Bilinguismo sem Diglossia (sociedades que usam duas ou mais línguas sem regras partilhadas);

¹³ Gumperz (1961, 1962, 1964a, 1964b, 1966) is primarily responsible for our current awareness that: “ diglossia exists not only in multilingual societies which officially recognize several “languages” but, also, in societies which are multilingual in the sense that they employ separate dialects, registers or functionally differentiated language varieties of whatever kind.” [Fishman (2003 [1967]: 359-360)]

3. Comunidade Linguística com Diglossia sem Bilinguismo (sociedades socialmente marcadas, nas quais a classe alta fala a variedade culta e a baixa, a variedade menos culta, como é o caso do uso do Francês pela classe real russa, enquanto o Russo é usado pelo resto do povo);

4. Comunidade Linguística sem Bilinguismo e sem Diglossia (sociedades mais pequenas, fechadas e não diversificadas; caso de cerimónias religiosas com acesso restrito).

TABELA 5: TABELA QUADRUPLA DE FISHMAN (1967)¹⁴

BILINGUISTICO	DIGLOSSIA	
	+	-
+	1. Diglossia com Bilinguismo	2. Bilinguismo sem Diglossia
-	3. Diglossia sem Bilinguismo	4. Nem diglossia Nem bilinguismo

Fonte da tabela: Fishman (2003 [1967]:360)

Segundo Fishman (2003 [1967]:359), *bilinguismo*, (um assunto para psicólogos e psicolinguistas) é a habilidade de um indivíduo usar mais do que uma variedade linguística e a *diglossia*, (um assunto para sociólogos e sociolinguistas) é a distribuição de mais do que uma variedade linguística (ou línguas separadas) para diferentes situações comunicacionais na sociedade. Para o autor, a literatura psicológica sobre o bilinguismo é muito mais vasta do que a sociológica daí, a sua preocupação pela interação entre o bilinguismo e a diglossia.

Fishman (2003 [1967]) estudou, entre outros casos, as relações entre o Espanhol, como língua High e o Guarani, como língua Low no Paraguai. Para ele, o termo diglossia refere-se às diferenças dentro de uma única língua, desde as mais subtis até ao uso de duas línguas sem ligações genéticas, incluindo o leque proposto por Ferguson. Vê o bilinguismo individual como um critério tipológico importante e a *diglossia* como a distribuição funcional de H e de L.

A seguir, Fishman (2003 [1967]:360-364) explica os termos de referência da sua tabela:

3.3.2. COMUNIDADE LINGUÍSTICA COM DIGLOSSIA E BILINGUISTICO

Segundo Fishman (2003 [1967]), este é um tipo de comunidade linguística que tem como característica dominante a coexistência entre a diglossia e o bilinguismo, onde todos os falantes, supostamente, conhecem variedades High e Low. Quando a situação descrita compreende a nação inteira isso requer um vasto bilinguismo. É o caso do Paraguai, onde a quase totalidade da população fala o Espanhol e o Guarani [cf. Rubin (1966; 1962)]. Nesta comunidade, a população

¹⁴ Ver explicação detalhada da tabela a partir de 3.3.2. até 3.3.5.

rural, antes monolíngue, acrescentou o Espanhol ao seu repertório linguístico usando-o em domínios High (educação, religião, governo, etc.), enquanto a maioria dos cidadãos usa o Guarani em domínios Low (como intimidade e solidariedade do grupo).

Outro exemplo é dos cantões Suíço-alemães, onde a população em idade escolar e a população mais velha alternam o uso do nível H, do Alemão e do nível L, do Suíço. Para Fishman (op.cit.), estes dados indicam a existência de uma grande e complexa comunidade de falantes em que os membros têm uma gama de tarefas compartimentalizadas. Muitas comunidades modernas consideradas monolíngues são marcadas por diglossia e bilinguismo.

3.3.3.COMUNIDADE LINGUÍSTICA COM BILINGUISMO SEM DIGLOSSIA

O fenómeno em referência, caracterizado pela existência de bilinguismo sem diglossia pode ser encontrado em locais onde há um grande número de bilingues que usam uma ou outra língua para qualquer propósito. Aqui vê-se, claramente, que o bilinguismo é uma caracterização do comportamento linguístico individual e a diglossia é uma caracterização da organização linguística ao nível sociocultural. São exemplos destas comunidades, os países que passaram pela industrialização no Ocidente e dos continentes africano e asiático, sob os auspícios do Ocidente (como Gana, Nigéria, Costa do Marfim, Singapura, Filipinas). Nestes locais, os meios de produção provinham de uma comunidade falante e a mão-de-obra produtiva, de outra. Inicialmente, ambas as comunidades mantiveram os seus padrões de diglossia com bilinguismo ou, alternativamente, de diglossia sem bilinguismo. Noutros casos, a comunidade fornecedora de mão-de-obra abandonou os seus padrões sócio-culturais e aprendeu a língua dos meios de produção, antes da absorção dos seus padrões sócio-culturais e privilégios. O fenómeno tende a ser transicional, “em termos de repertórios linguísticos de comunidades de discurso como em termos de variedades de discurso envolvidas per se.”¹⁵ [ver Fishman (op.cit. 362-364)].

3.3.4.COMUNIDADE LINGUÍSTICA COM DIGLOSSIA SEM BILINGUISMO

Esta situação verifica-se quando duas ou mais comunidades linguísticas bem diferentes se unem do ponto de vista político, económico ou religioso dentro de uma unidade funcional simples, não obstante as barreiras socioculturais que as separa. Nesta “unidade” (não voluntária), duas ou mais línguas/variedades não conseguem estabelecer a união retro mencionada. Todavia, uma ou ambas as comunidades (s) linguística (s) envolvida (s) está (estão) marcada (s) por um grupo limítrofe “impermeável” para os “forasteiros.”

¹⁵ (...) Bilingualism without diglossia tends to be transitional both “in terms of the linguistic repertoires of speech communities as well in terms of the speech varieties involved per se.”

Por outro lado, os reportórios linguísticos num ou em ambos os grupos estão limitados devido à especialização de tarefas. Por exemplo, as elites europeias antes da primeira guerra mundial falavam Francês ou outras línguas H para propósitos intragrupo, (caso da nobreza russa), enquanto as massas se comunicavam noutra língua, (no caso, o Russo). Por falta de interacção entre as elites e as massas não havia um discurso comunitário único e daí, o recurso a tradutores e intérpretes. A situação descrita criou um repertório linguístico estreito e desenvolvimento de bilinguismo social generalizado. A nível económico gerou a existência de uma classe alta e uma classe baixa; cada uma com uma língua para as suas preocupações restritas. Neste caso, a diglossia nacional não implicou um bilinguismo generalizado, quer entre grupos rurais ou urbanizados de África, quer mesmo na Europa Oriental, Índia, Canadá e Bélgica.

3.3.5.COMUNIDADE LINGUÍSTICA SEM DIGLOSSIA E SEM BILINGUISMO

De acordo com Gumperz (1962) e Fishman (1965d) citados por Fishman (2003 [1967]:364), só uma comunidade linguística muito pequena, isolada e indiferenciada não tem, nem diglossia nem bilinguismo. Dada a pouca diferenciação ou compartimentalização, devido à frequente interacção vis a vis entre todos os membros da comunidade falante, quase que nenhuns registos ou variedades se estabelecem entre eles. Esses grupos, bandos ou clãs sem contacto regular com outras comunidades falantes são mais uma abstracção ou hipótese teórica do que reais.

Por outro lado, uma sociedade sem bilinguismo e sem diglossia só existe em teoria, não há evidência empírica da sua existência no mundo real.

Acabamos de ver a abordagem de Fishman (2003 [1967]), sobre diglossia. A seguir em 3.4., as múltiplas reacções sobre a forma como Ferguson e Fishman perspectivaram a diglossia.

3.4. AS MÚLTIPLAS REACÇÕES ÀS ABORDAGENS DE FERGUSON (1959) E FISHMAN (1967) SOBRE DIGLOSSIA: CONTRIBUIÇÕES E/OU CRÍTICAS

São várias as reacções de académicos às abordagens de Ferguson e Fishman sobre a diglossia: Por exemplo Firmino (2006 [2001]:33) defende que a diglossia e as chamadas variedades high e low a ela associadas, não têm apenas “uma dimensão linguística” como são também uma “construção sociohistórica e ideológica.” A “outra dimensão” é a “estratificação social.” O autor assume que a “diglossia é perene,” porque “é impossível conceber um agregado humano que seja linguisticamente monolítico e homogéneo. Todas as línguas têm variantes sejam elas de sotaque ou de dialectos de menor inteligibilidade mútua. (...)”

Para o autor, a noção de diglossia de C. Ferguson, refere-se a variedades da mesma língua. Mas, “porque a distinção entre as variedades H e L existe em comunidades bilingues e

multilíngues, alguns autores estendem o conceito de modo a incluir as relações interlínguas,” como é o uso do Espanhol como língua H e do Guaraní como L no Paraguai.

Para mostrar como a diglossia pode retratar a estratificação social Firmino (2006 [2001]:33) cita Sotiropoulos (1977:26), para quem “a diglossia ganha campo em sociedades tradicionais quando uma minoria escolarizada (...), [em cumplicidade com a classe dominante] formula as políticas da sociedade e uma larga maioria de analfabetos submissamente as leva a cabo (...). O controlo diglósico só se atenua quando uma classe dominante é substituída por outra.” Brito (1986:40) citado por Firmino (op. cit.) divide a diglossia em dois grupos: a diglossia orientada para o uso, (tem a ver com a diferenciação das tarefas linguísticas), e a diglossia orientada para o utilizador (insere afirmações que relacionam a estratificação social à diglossia). Para Firmino (2006 [2001]: 33-34), nem Ferguson (1972 [1959]), nem as reformulações subsequentes do conceito de diglossia “esgotam todas as possibilidades explanatórias no que toca à interação de códigos linguísticos numa comunidade linguística.” Firmino (op.cit.) defende que “não existem traços linguísticos que estejam intrinsecamente ligados a uma variedade alta (high) ou baixa (low). Antes, o facto de uma variedade ser “alta” ou “baixa” radica na forma como foram historicamente construídas as percepções sociais desses aspectos.” Para ele, o conceito de diglossia, tal como é usado, “toma uma situação diglósica como um dado adquirido e não tenta abordar os factores sócio-históricos e ideológicos a partir dos quais ela foi gerada.”

Para Hudson (2003:367), a diglossia de Ferguson (1959) é caracterizável do ponto de vista sincrónico pela referência a uma gama de parâmetros descritivos gerais tais como: “a constituição social do discurso diglósico comunitário, o repertório das variedades linguísticas (...), a distribuição em termos de conhecimentos e usos, (...), e o padrão das atitudes comunais em relação à língua, que derivam e apoiam a alocação social e funcional de códigos dentro da comunidade. Do ponto de vista diacrónico: pelas circunstâncias sociais e linguísticas que a precedem e dão lugar ao fenómeno diglósico; ao seu declínio e pelas situações linguísticas que se seguem à sua extinção. Para ele, “a validade e utilidade de qualquer definição de diglossia” é segura “quando associada a condições sócio- históricas particulares.”

Para o autor (p 368), no conceito de diglossia de Ferguson (1959), “duas ou mais variedades da mesma língua são usadas por alguns falantes sob determinadas condições” e não “duas línguas distintas relacionadas ou não (...).” Enfatiza ainda que “num código de matriz diglósica”, uma variedade sobreposta muito divergente, “coexiste na distribuição funcional complementar com os dialectos primários da língua havendo sempre diferenças extensas entre as estruturas gramaticais das duas variedades.” Em relação a Fishman (1967) destaca o seu papel e

influência nas “tentativas de modificar a definição original de diglossia de Ferguson, ao falar da relação bilinguismo/diglossia.” Comparando os dois estudiosos, Hudson (op. cit.:370-373) considera que Ferguson faz, implicitamente, referência “a uma gama de atributos” para “distinguir a diglossia de outros tipos de situações linguísticas,” enquanto Fishman faz, explicitamente, referência “a uma variedade de possíveis intercessões entre a incidência de bilinguismo individual (...), e a presença ou ausência de compartimentalização social de variedades de discursos, (...)” Sublinha ainda que Fishman rejeita “a ideia de que a diglossia se obtém apenas sob condições socioculturais (...) primitivas, altamente tradicionais e rigidamente estratificadas.” Observa que a distinção entre a diglossia de Ferguson e a de Fishman assente no “bilinguismo social”, passou “despercebida do debate sobre terminologia.”

Na óptica de Fasold (1991 [1984]:42-44), a visão de Ferguson sobre diglossia limita-se a duas variedades linguísticas e a de Fishman a mais do que duas variedades, embora concordem na distribuição funcional em relação às variedades High - (H) e Low - (L) e por fim aponta que Fishman modificou a proposta inicial de Ferguson em duas perspectivas:

1. Colocou menos ênfase às situações com apenas duas variedades linguísticas consentindo a presença de “vários códigos”, com uma separação ao longo de linhas das línguas High e Low.
2. Ferguson restringiu o termo “diglossia” a casos de média extensão de relatividade linguística, (mais diferenças entre estilos, menos diferenças entre línguas separadas), enquanto Fishman facilitou essa restrição: a diglossia não existe apenas em sociedades multilíngues mas também em sociedades que empregam dialectos separados. O bilinguismo individual em Fishman é um critério tipológico e a diglossia é a distribuição funcional de High e Low.

Segundo Fasold (1991 [1984]:44-50), a literatura apresenta três tipos de línguas múltiplas:

- (a). A Dupla Diglossia Sobreposta (double overlapping diglossia), como na Tanzânia [cf. Mkilifi (1978)]. Mkilifi (1978) descreve a situação na Tanzânia como triglossia, ou seja, como uma intercessão entre duas situações de desenvolvimento de diglossia, uma envolvendo o Swahili (high) e alguns vernáculos (lows) e outra envolvendo o Swahili (low) e o Inglês (high).
- (b). A Dupla Diglossia Aninhada¹⁶ (double nested diglossia), que se verifica em Khalapur, na Índia, (cf. Gumperz 1964). Esta situação caracteriza-se pelo uso do Khalapur por todos na aldeia, para relações locais. O Hindi está sobreposto e é aprendido nas escolas, em casa ou através de contactos externos. O Hindi é falado por aldeões política, económica e socialmente proeminentes e melhor educados, sendo usado no ensino e em leituras formais nas aulas.

¹⁶ Tradução livre do pesquisador.

Há um segundo nível de relações diglósicas dentro das variedades High e Low. A variedade Khalapur, com duas subvariedades: a moti boli (informal) e a safi boli (respeito pelos mais velhos). Linguisticamente, a safi boli evita os traços da moti boli e empresta palavras ao Hindi, além de ter também duas subvariedades.

(c). A Poliglossia Linear (linear polyglossia) é um fenómeno linguístico complexo que se verifica em Singapura e Malásia. Consiste em uma subvariedade Low acomodar línguas francas, tais como as “Bazaar Malay” (BM), usadas para traduções a nível local e as “Dummi High” (DH), que são conhecidas por parte da comunidade e que gozam de certo prestígio local.

NOTAS FINAIS

O capítulo mostrou como os estruturalistas e os sociolinguistas pensam e caracterizam a comunidade linguística e a entidade língua/dialecto. Os estruturalistas concebem a comunidade linguística na base da partilha de traços linguísticos com limites bem delineados, e com um falante/ouvinte ideal, conhecedor perfeito da sua língua. Os sociolinguistas optam por uma visão que contempla as percepções sócio-históricas e atitudinais dos falantes. Os estruturalistas concebem a entidade língua/dialecto na base da gramática e de fronteiras bem rígidas. Os sociolinguistas consideram que língua é variação, é uma construção sócio-histórica.

O capítulo apresentou a génese da diglossia, a sua definição na óptica de Ferguson (2003 [1959]) e a sua extensão e redefinição por Fishman (2003 [1967]). Como indicaram as múltiplas reacções à visão dos dois autores, a diglossia é gerada por factores sócio-históricos e ideológicos e não por traços linguísticos. Esta abordagem é importante porque o foco do nosso estudo, Maputo, é cultural e linguisticamente heterogéneo. A seguir, o enquadramento da pesquisa no capítulo IV.

CAPÍTULO IV. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA

4. INTRODUÇÃO

O presente capítulo destina-se à apresentação dos referenciais teórico-conceituais em que nos apoiamos para testar e analisar os dados obtidos neste estudo. Nele posicionamo-nos, ainda, face às ideias sobre diglossia de Ferguson (1959) e Fishman (1967) e outros académicos.

4.1. QUADRO TEÓRICO ADOPTADO

A diglossia, tal como foi conceptualizada pelos seus dois principais estudiosos, Ferguson (1959) e Fishman (1967) pressupõe a alocação funcional diferenciada das formas linguísticas a nível do som, da língua e do dialecto/variedade. Pressupõe também papéis sociais diferenciados dos domínios H (A) e L (B) da (s) língua (s), dialecto (s) /variedade (s).

Uma releitura às abordagens de diglossia de Ferguson (op.cit.) e de Fishman (op.cit.) mostram-nos, que a do primeiro autor é mais restritiva e a do segundo, é mais aberta e abrangente.

Para Ferguson (1959), os parâmetros para a distinção de língua/variedade (s) H ou L são:

(1) O prestígio, (2) a aquisição, (3) a função, (4) a padronização, (5) a tradição literária, (6) a estabilidade, (7) a gramática, (8) o léxico e (9) a fonologia.

Fishman (2003 [1967]), embora perfilhe a distinção de língua (s) e dialecto (s) /variedade (s) em H e L, estabeleceu os seus pressupostos para diferenciar a diglossia do bilinguismo que são: (1) diglossia e bilinguismo, (2) bilinguismo sem diglossia, (3) diglossia sem bilinguismo e (4) nem diglossia nem bilinguismo. Fishman (op.cit.) mostra que a diglossia se pode verificar entre línguas/dialectos/variedades relacionados ou não geneticamente entre si.

Estudiosos e académicos como Hudson (2003), Fasold (1991 [1984]) e Firmino (2006 [2001]), através de análises, críticas e/ou contribuições perspectivaram a diglossia na sua óptica, uma matéria que é escalpelizada no capítulo II. Hudson (2003), por exemplo acha que há continuidades conceptuais entre Ferguson e Fishman. Afirma que Fishman rejeita a ideia de que a diglossia se obtém sob condições socioculturais muito primitivas e rigidamente estratificadas. Critica a “compartimentalização rigorosa das variedades High e Low”, e o facto de a distinção entre a diglossia de Ferguson e o “bilinguismo social” de Fishman ter escapado do debate terminológico. Para Fasold (op.cit.) há vários tipos de diglossia: a dupla diglossia sobreposta (double overlapping diglossia); a dupla diglossia aninhada (double nested diglossia) e a poliglossia linear (linear polyglossia). Firmino (2006 [2001]:33-34) observa que a diglossia pode ser vista em termos de “estratificação social.” O académico opõe-se à ideia de existência

de traços linguísticos “intrinsecamente ligados a uma variedade alta ou baixa,” como argumentam Ferguson e Fishman, por resultar de “percepções sociais” pois, a diglossia não é um “mero fenómeno linguístico,” mas sim, uma “construção sócio-histórica e ideológica.”

As críticas e/ou contribuições destes académicos, não invalidaram as teorias sobre o fenómeno diglósico de Ferguson (2003 [1959]) e de Fishman (2003 [1967]), mas enriqueceram-nas. É por isso que as teremos em conta na análise da situação linguística da cidade de Maputo. Também e na base duma perspectiva ecléctica o pesquisador assume neste estudo, a noção clássica de diglossia de Ferguson (1959), combinada com a abordagem reformulada de Fishman (1967), por conterem os fundamentos teóricos essenciais para a análise do fenómeno. Destes dois autores o pesquisador assume, em particular, as suas formulações sobre a alocação funcional diferenciada dos valores H e L, mas discorda da estratificação rigorosa desses valores na linha do que defende Firmino (op. cit.), Fasold (op. cit.) e Hudson (op.cit.). De Ferguson (1959) assume a definição de diglossia, mas discorda da sua abordagem rígida do fenómeno, que ignora o que se passa em sociedades linguisticamente não homogéneas. A combinação com a abordagem de Fishman (1967) é por este ter uma visão mais ampla e mais aberta de diglossia e contemplar situações, que ocorrem em sociedades bilingues/multilingues e as relações interlínguas, como parece ser o caso do que acontece na cidade de Maputo. Em Maputo fala-se o Português assim como as Línguas Bantu e as respectivas variedades, sendo, por isso, que nos interessa verificar que formas linguísticas é que se aplicam na urbe, se uma forma high e outra low, ou se ambas ou nenhuma, dependendo de uma série de factores definidos por Ferguson e Fishman em 3.3.- 3.3.5. Daí, a relevância das suas abordagens como material teórico-conceptual a ter em conta na condução, análise e discussão dos dados da pesquisa.

NOTAS FINAIS

O capítulo teve em vista a indicação do quadro teórico adoptado para testar e analisar os dados desta pesquisa. Na base de uma perspectiva ecléctica, o pesquisador assumiu a noção clássica de diglossia de Ferguson (1959), seu proponente, combinando-a com a de Fishman (1967), que a redefiniu e a expandiu, por conterem os fundamentos teóricos essenciais para a análise do fenómeno. O pesquisador assumiu as formulações destes autores sobre a alocação funcional diferenciada dos valores High e Low, mas discordou da estratificação rigorosa desses valores na linha do que defendem as abordagens de Firmino (op. cit.), Hudson (op.cit.) e Fasold (op. cit.), sobre o fenómeno diglósico. O capítulo permitiu ver, que a diglossia não é gerada por traços linguísticos ligados a uma variedade alta ou baixa, mas sim, por factores sócio-históricos e ideológicos. A seguir, no capítulo V debruçamo-nos sobre a metodologia de investigação.

CAPÍTULO V. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

5. INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta a metodologia adoptada para a elicitação dos dados da pesquisa. Também fornece informações detalhadas sobre: a natureza dos dados, os procedimentos metodológicos e as técnicas de pesquisa usadas, a organização dos questionários e das entrevistas, o tratamento da amostra e o tipo de dados obtidos. Além destes aspectos, o capítulo fornece detalhes sobre: (1) os objectivos definidos para cada técnica de pesquisa usada (em especial para os inquéritos e as entrevistas); (2) a selecção do público-alvo; (3) a selecção do local da pesquisa e (4) a administração de cada técnica usada. Em 5.1. damos indicações sobre:

5.1. A NATUREZA DOS DADOS

Visando verificar a aplicabilidade dos conceitos de diglossia de Ferguson e Fishman relativa à situação linguística na cidade de Maputo, recolhemos dados sobre:

- (a). Os usos linguísticos e a alocação funcional das línguas e ou/variedades;
- (b). A atitude e percepções sobre as Línguas Portuguesa e Bantu Moçambicanas;

Para atingir tal desiderato, recolhemos dados sobre os informantes, nomeadamente sobre:

- (c). O perfil individual dos informantes;
- (d). O perfil (sócio) linguístico dos informantes;

O sentimento dos falantes sobre os aspectos (a) e (b) foram obtidos nas escolas, nos órgãos de informação, nos bairros residenciais, nos mercados, nas igrejas, entre outros locais onde se usa, no dia-a-dia, as Línguas Portuguesa e Bantu Moçambicanas. Recolhemos ainda dados sobre:

- (e). A opinião dos falantes a respeito dos usos linguísticos nos domínios públicos e não só;
- (f). A perspectiva dos informantes sobre o futuro do uso da (s) sua (s) / (várias) língua (s).

5.1.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E AS TÉCNICAS USADAS

Dado que no fundo pretendemos questionar o conceito de diglossia e verificar a sua aplicabilidade ou robustez para explicar a situação linguística da cidade de Maputo adoptamos, como procedimentos metodológicos, as seguintes técnicas de pesquisa:

- (a). Observação não participativa;
- (b). Inquéritos;
- (c). Entrevistas: estruturadas e semi-estruturadas

- (d). Introspecção
- (e). Pesquisa documental.

Para evitarmos a exposição dos informantes e garantirmos a sua protecção e a livre colocação das suas ideias omitimos os seus nomes, identificando-os através de um código numérico.

5.2. OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA

5.2.1. OBJECTIVOS

A adopção do método de observação não participativa visava conhecer a alocação funcional das línguas e variedades que se usam em Maputo e acompanharmos as interacções comunicativas e conversacionais entre os vários actores sociais.

5.2.2. SELECÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

Escolhemos como público-alvo da observação não participativa, funcionários que lidam com cidadãos em três instituições, professores e alunos numa Escola Primária, vendedores e clientes de três mercados de diferentes áreas da capital do país. Os membros dos grupos - alvo são protagonistas de situações de interacção linguística que nos interessava acompanhar de perto.

5.2.3. SELECÇÃO DO LOCAL DA OBSERVAÇÃO

As observações não participativas das interacções comunicativas e conversacionais tiveram lugar nos Mercados Central, de Xiphamanine e de Zimpeto, no Balcão de Atendimento Único (BAU), na Rádio Moçambique (RM), na Escola Primária Completa de Albazine (EPCA) e no Centro de Saúde do Alto - Maé (CSAM), que movimentam tipos diversificados de público.

5.3. INQUÉRITOS

5.3.1. OBJECTIVOS

Constituíram objectivos dos inquéritos, a recolha de dados sobre a situação linguística da cidade de Maputo. Essa informação foi obtida em resposta às questões colocadas no anexo 1.

5.3.2. SELECÇÃO DOS INQUIRIDOS

Os inquéritos foram dirigidos a uma gama diversificada de profissionais. Entre eles há jornalistas, gestores, crentes, líderes religiosos e de opinião, professores, alunos, dirigentes de instituições públicas, funcionários e cidadãos em geral. As instituições e seus responsáveis colaboraram no concernente à observância de alguns requisitos em relação aos informantes, a saber sobre: a necessidade da diversidade ou variação em termos etários, de género e de ocupação social (sempre que possível). Nas escolas aproveitamos, por vezes, os intervalos para solicitar aos alunos, aos professores e às direcções, as respostas aos inquéritos. As instruções para os outros actores eram as mesmas, mas a escolha dos inquiridos correu à conta dos

dirigentes das instituições, também responsáveis pela devolução dos inquéritos, já respondidos.

5.3.3. COMO FORAM ADMINISTRADOS OS INQUÉRITOS

Os inquéritos foram administrados, individualmente, em Português a informantes de ambos os sexos, com base em questões abertas (ver anexo 1). Nuns casos, o pesquisador distribuiu os inquéritos que eram devolvidos, já respondidos. Nos casos em que era necessário clarificar antes alguma dúvida, o inquiridor explicava. Nas escolas, as direcções e os professores colaboraram na pesquisa. Nos Bairros, as estruturas locais prestaram idêntica colaboração.

5.3.4. SELECÇÃO DOS LOCAIS DE ADMINISTRAÇÃO

Visando garantir maior credibilidade aos dados da pesquisa realizamos inquéritos na Rádio Moçambique (RM), Agência de Informação de Moçambique (AIM), Magazine Independente (MIND), nos Bairros de Albazine, Central, Mafalala, Alto Maé, Benfica, Urbanização, Hlamankulo, Mahotas, Laulane, nas Mesquitas da Baixa e de Mafalala, nas Igrejas Presbiteriana, Nazareno e Paróquia de S. Joaquim da Munhuana, nas Escolas Primárias Completas da Coop e do Albazine, Secundária Josina Machel e Instituto do Magistério Primário da Munhuana (IMAPM), no Centro de Conferências Joaquim Chissano (CCJC) e no Mercado do Xiphamanine (MX), locais da parte central, suburbana e periférica¹⁷ de Maputo.

5.4. ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

5.4.1. OBJECTIVOS

As entrevistas estruturadas visavam a obtenção de dados sobre a situação linguística de Maputo e incidiram sobre: os conhecimentos e usos linguísticos, as atitudes e percepções linguísticas e a distribuição funcional prospectiva do Português e das Línguas Bantu de Moçambique.

5.4.2 SELECÇÃO DOS INFORMANTES

As entrevistas foram administradas a alunos e professores da Escola Primária Completa de Albazine, a gestores e profissionais, jornalistas, locutores, operadores comerciais, funcionários da RM e vendedores dos mercados. Os informantes foram seleccionados, aleatoriamente, na tentativa de obter um leque diversificado de informações sobre a matéria pretendida.

5.4.3. COMO FORAM ADMINISTRADAS AS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

As entrevistas foram administradas, individualmente, em Português a cidadãos de ambos os sexos com base em questões abertas (anexo 2), que os permitiam desenvolver as respostas.

¹⁷ Esta classificação está de acordo com a perspectiva de Araújo (2011) dada ao pesquisador em entrevista concedida no dia 11.5.011 sobre a matéria. Mais detalhes sobre a matéria nas páginas 8, 9, 10 deste trabalho.

5.4.4. SELECÇÃO DOS LOCAIS DE ADMINISTRAÇÃO

As entrevistas foram administradas na Rádio Moçambique, na Escola Primária Completa de Albazine e no Mercado do Zimpeto, que são áreas da cidade de maior contacto com o público.

5.5. ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

5.5.1. OBJECTIVOS

Constituíram objectivos destas entrevistas recolher informações dos informantes em relação aos conhecimentos linguísticos, aos usos linguísticos, às atitudes e percepções linguísticas, à distribuição funcional prospectiva do uso do Português e das Línguas Bantu Moçambicanas.

5.5.2. SELECÇÃO DE INFORMANTES

As entrevistas foram administradas a professores, alunos, líderes religiosos, de bairro, gestores e funcionários públicos, jornalistas e cidadãos em geral, escolhidos aleatoriamente.

5.5.3. COMO FORAM FEITAS AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

As entrevistas informais semi-estruturadas foram feitas em Português a indivíduos de ambos os sexos, com base em questões semi-abertas, em sessões interactivas e visavam aprofundar aspectos pouco claros verificados na pesquisa. (ver guião das questões no anexo 3)

5.5.4. SELECÇÃO DOS LOCAIS DE ADMINISTRAÇÃO

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas no Balcão de Atendimento Único (BAU) e nas Bombas de Gasolina da Ronil, na zona nuclear da cidade de Maputo. A escolha destes locais deveu-se ao facto de neles, podermos encontrar pessoas envolvidas no seu dia-a-dia, em interacções linguísticas que nos interessava recolher e registar.

5.6. INTROSPECÇÃO

5.6.1. OBJECTIVOS

Constituíram objectivos da adopção deste método, o recurso às informações que possuíamos como falantes de algumas das línguas usadas pelos informantes e membros da comunidade linguística- objecto da pesquisa, com vista a uma melhor análise da situação linguística local.

5.7. PESQUISA DOCUMENTAL

5.7.1. OBJECTIVOS

Adoptamos este método pela importância que a documentação tinha para a compreensão do tema escolhido. Impunha-se que aprofundássemos a pesquisa e diversificássemos as leituras.

5.7.2. TIPO DE INFORMAÇÃO OBTIDA

Foi feita a recolha de material histórico sobre os seguintes aspectos: usos linguísticos da cidade

de Maputo, a caracterização político-administrativa da urbe, Censo Populacional de 2007, Projecto de Experimentação de Escolarização Bilingue em Moçambique (PEBIMO), Regimento da Assembleia Municipal da Cidade de Maputo sobre a permissão do uso do Xirhonga nas sessões deste órgão, a Lei nº 13/2014 da Assembleia da República (AR) que, entre outras matérias, regulamenta o uso de “línguas nacionais” naquele órgão. Foi também recolhido material informativo e de programas radiofónicos como noticiários, jornais e teatro.

5.7.3. COMO FORAM OBTIDOS OS DOCUMENTOS E AONDE?

A pesquisa documental consistiu na recolha do seguinte: materiais audiovisuais (gravações em fita) na Rádio Moçambique (RM), programas televisivos (da IURD e IMPD), material bibliográfico no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), livros na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), no Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE), no Instituto Nacional de Estatística (INE), na RM e acervo pessoal, documentos vários no Conselho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM), na Assembleia da República (AR), entre outras áreas ou sectores. Também utilizamos a internet.

5.8. ORGANIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS/ENTREVISTAS

Como se referiu, neste trabalho usamos várias técnicas de pesquisa, entre as quais, os inquéritos e as entrevistas. Tomando em consideração os objectivos traçados para cada técnica usada, foram formuladas questões (ou perguntas) organizadas de modo a explorar a seguinte matéria:

5.8.1.AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

- (a). O perfil individual dos informantes (perguntas 1, 2, 3);
- (b). O perfil (sócio) linguístico dos informantes ou conhecimentos linguísticos (4, 5, 6, 7);
- (c). Os usos linguísticos e a alocação funcional do uso das línguas (8, 9, 10, 11, 12, 13, 14);
- (d). As atitudes e percepções linguísticas (17, 18, 19);
- (e). Os empregos linguísticos (15,16);
- (f). A alocação funcional prospectiva do uso da LP e das LBMs (20, 20.1, 21, 21.1).

5.8.2.AO NÍVEL DA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

- (a). O perfil individual dos entrevistados (1, 2);
- (b). O perfil (sócio) linguístico dos informantes ou conhecimentos linguísticos (3);
- (c). Os usos linguísticos e a alocação funcional do uso da LP e das LBMs (4, 5, 6, 7);
- (d). As atitudes e percepções linguísticas (8, 9, 10);

(e). Alocação funcional prospectiva do uso da LP e das LBM's (11, 12).

5.8.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

(a). O perfil individual dos entrevistados (1);

(b). O perfil (sócio) linguístico dos informantes ou conhecimentos linguísticos (2);

(c). Os usos linguísticos e a alocação funcional do uso da LP e das LBM's (3, 4);

(d). As atitudes e percepções linguísticas (5, 6);

(e). A alocação funcional prospectiva do uso da LP e LBM's (7, 8).

5.9. TRATAMENTO DA AMOSTRA DA PESQUISA

A amostra utilizada nesta pesquisa é uma mescla entre dados probabilísticos e não probabilísticos. Os dados probabilísticos servem para a visualização do número de pessoas que responderam aos nossos instrumentos de pesquisa, ou seja, aos inquéritos e às entrevistas. Os dados não probabilísticos servem, fundamentalmente, para a análise dos dados qualitativos.

Os resultados dos dados não probabilísticos obtidos nos inquéritos e nas entrevistas semi-estruturadas e estruturadas, na observação não participativa e a partir da introspecção serão cruzados observando a noção de triangulação perspectivada por Lincoln e Guba (2003), tendo em vista a validação da hipótese. Para os autores, que defendem o rigor científico, não são os métodos que permitem desvendar a verdade, mas sim, os processos de interpretação.

5.9.1. TIPO DE DADOS OBTIDOS

Conforme referimos, os dados recolhidos têm, no geral, a ver com a alocação funcional das línguas/variedades e dialectos, com os usos linguísticos, com as atitudes e percepções dos falantes sobre a LP e as LBM's e com a alocação funcional prospectiva do uso destas línguas.

NOTAS FINAIS

Este capítulo apresentou a metodologia de investigação que dá indicações sobre o seguinte:

(a) A natureza dos dados da pesquisa, (b) os procedimentos metodológicos e as técnicas de pesquisa usadas, (c) a organização dos inquéritos e das entrevistas, (d) como e aonde foram administrados os inquéritos e as entrevistas, (e) o tratamento da amostra, que é uma mescla entre dados probabilísticos e não probabilísticos, (f) o tipo de dados obtidos no estudo.

O capítulo indicou, ainda, as razões e os fundamentos da nossa opção por cada uma das técnicas usadas na pesquisa. A metodologia de investigação adoptada permitiu-nos a realização de um estudo sistemático, o mais profícuo possível, do fenómeno diglósico em Maputo. A seguir, o capítulo VI trata da apresentação, análise e discussão dos resultados desta pesquisa.

CAPÍTULO VI. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6. INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem por objectivo a apresentação, análise e discussão dos dados da pesquisa obtidos através de várias técnicas de pesquisa escalpelizadas no capítulo V. Concretamente, o capítulo fornece dados sobre:

(a) O perfil individual e sociolinguístico dos inquiridos e entrevistados, (b) as constatações da observação não participativa, (c) os resultados (gerais) da pesquisa obtidos ao nível dos inquéritos e das entrevistas. Neste capítulo faz-se também: (d) a verificação da aplicabilidade do conceito de diglossia de Ferguson (1959) e dos termos de referência de Fishman (1967), através da análise de cada um dos pressupostos dos autores, em confronto com a situação linguística de Maputo. Foi com base nesta ordem geral, que em 6.1. falamos sobre o seguinte:

6.1.PERFIL INDIVIDUAL E SOCIOLINGUÍSTICO DOS INQUIRIDOS E ENTREVISTADOS

6.1.1.DADOS GERAIS DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

Foram entrevistados ou inquiridos um total de oitenta (80) informantes de ambos os sexos (homens e mulheres), que se distribuem conforme se pode observar, a seguir, na tabela 6:

TABELA 6: AMOSTRA GERAL DA PESQUISA POR GÉNERO

Técnica usada	Sexo	Subtotal	Total	%
Entrevistas semi-estruturadas	Homem	7	7	8.75
	Mulher	1	1	1.25
Entrevista estruturada	Homem	11	11	13.75
	Mulher	10	10	12.5
Inquéritos	Homem	34	34	42.25
	Mulher	17	17	21.25
Total			80	100

Os dados da tabela 6 indicam que do total dos informantes, 52 são homens e 28 são mulheres. Indicam ainda que um total de 65% dos informantes são homens e 35% são mulheres. A seguir, como mostra a tabela 7, as idades dos informantes variam dos 0-9 até aos 50 anos ou mais.

A maioria dos informantes (31) pertence à faixa etária dos 40 aos 49 anos de idade e a minoria (2), à faixa etária dos 10 aos 19 anos. Cinquenta e uma (51) pessoas de ambos os sexos (64%) responderam aos inquéritos e 29 pessoas de ambos os sexos (36%) participaram das entrevistas.

6.1.1.1. IDADE DOS INQUIRIDOS /ENTREVISTADOS

TABELA 7: DADOS DOS INFORMANTES POR GRUPOS ETÁRIOS

GRUPOS ETÁRIOS	0-9	10-19	20-29	30-39	40 -49	50ou mais	Total geral	%
Inquéritos	-	-	12	13	21	5	51	64
Entrevistas Semi-estruturadas	-	-	2	3	3	-	8	10
Entrevistas Estruturadas	3	2	3	3	7	3	21	26
Subtotal	3	2	17	19	31	8		
Total							80	100

O estudo foi realizado em bairros, instituições públicas e privadas e em congregações religiosas da cidade de Maputo (anexo 5). O estudo mostra que participaram dos inquéritos e entrevistas, um total de 80 informantes oriundos de todas as províncias do país, à excepção de Cabo Delgado e Manica (anexo 6). São indivíduos das mais variadas ocupações e níveis de formação académica (anexo 7). Eles são falantes de diversas línguas usadas nos seus locais de origem, facto revelador de que Maputo é uma cidade multiétnica, multilingue e multicultural na qual predominam as Línguas Xichangana e Xirhonga, seguidas do Citshwa, Cicopi e Gitonga e outras de menor expressão, geralmente, suas Línguas Maternas (LMs). Essas línguas coabitam com o Português, a língua oficial do país e LM de alguns moçambicanos (anexos 8 e 9). Dados sobre os usos linguísticos e outros aspectos do estudo (ver anexos 10,11,12, 13,14,15,16 e 17).

6.2. OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA

Como foi referido, anteriormente, constituíam objectivos da observação não participativa conhecer a alocação funcional das línguas e variedades que se usam na cidade de Maputo e os usos linguísticos nas interações conversacionais, nos diferentes momentos da vida da urbe.

6.2.1.CONSTATAÇÕES DA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA

Em dias e momentos diferentes, conforme as condições do terreno realizamos a observação não participativa em vários locais e instituições públicas em 2010 e em 2013.

A seguir apresentamos o resumo das situações observadas nos vários eventos comunicacionais:

-No Balcão de Atendimento Único (BAU), na Rádio Moçambique (RM) e no Centro de Saúde do Alto-Maé constatamos que o público era atendido não só em Português, como também, em Xirhonga e em Xichangana. Os indivíduos que não falavam a LP contavam com o apoio dos funcionários da instituição visada. No BAU, um jovem chinês que pretendia abrir um negócio, fazia-se acompanhar por um moçambicano, que também traduzia de Chinês- LP- Chinês.

-No Centro de Saúde do Alto-Maé, muitos elementos do público que estavam ali para tratamento e não falavam a LP, eram atendidos pelos funcionários em Xichangana ou Xirhonga. Cidadãos oriundos de outras zonas do país tentavam comunicar-se nas suas línguas.

-Na área comercial da RM, cidadãos de vários pontos do país usavam ou a LP ou uma LBM para se comunicarem. Os turistas e outros estrangeiros expressavam-se em Inglês ou em Francês ou em LP. Nos Mercados de Zimpeto, Xiphamine e Central a situação não diferia desta realidade. Na Escola Primária Completa de Albazine, alguns alunos que diziam que não falavam Xichangana ou Xirhonga, entre eles usavam estas línguas apesar da proibição dos pais.

-Fora do contexto da pesquisa visitamos a Sede da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no Alto - Maé, no dia 20 de Outubro de 2013 e assistimos a programas televisivos desta igreja e da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), nos quais verificamos que os pastores moçambicanos nos seus sermões falavam Português com sotaque do Brasil (PB),¹⁸ em imitação à fala dos pastores brasileiros dessas igrejas. O PB difere do Português de Maputo [PMM] (Moçambique em 1975 adoptou o Português Europeu- [PE], como norma ou padrão). Essa diferença detecta-se, não só ao nível de traços fonético-fonológicos, como aos níveis lexical, morfo-sintáctico e semântico.¹⁹ O uso do PB por pastores moçambicanos indica que, para eles, esta variante é prestigiosa, como o seria o Latim, para os católicos e o Árabe, para os islâmicos.

¹⁸ Doravante trataremos o Português Brasileiro por “PB”, em referência à forma linguística usada por pastores moçambicanos, em imitação à fala dos pastores brasileiros na IURD e na IMPD, nos sermões e na televisão. Sobre as mudanças no PB em relação ao PE, a linguista brasileira Biderman (2001:966) defende que elas “ocorreram no domínio da norma e não do sistema.” Ajunta que nos últimos séculos, o PB e o PE sofreram muitas alterações.

¹⁹ Ainda sobre o PB, Carvalho (1979:332-333) diz o seguinte: “Acontece, outras vezes, que numa comunidade estendida por uma vasta área geográfica, e sobretudo quando esta compreende vários estados políticos, não há um mas dois ou mais idiomas padrão: é o que se passa com o Português, em que distinguimos (esquemáticamente) duas variedades, a de Portugal e a do Brasil, não profundamente divergentes mas suficientemente individualizadas para que se possa falar de dois idiomas padrão- um “Português do Brasil” e um “Português de Portugal” (...) é o que se dá também com o Espanhol (...), e o Inglês (...).” [mais detalhes sobre o PB ver pp 44, 58- 64].

6.3. OS RESULTADOS OBTIDOS NOS INQUÉRITOS E NAS ENTREVISTAS

6.3.1. A VISÃO DOS FALANTES SOBRE AS LÍNGUAS E USOS LINGUÍSTICOS

6.3.1.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Como referimos, anteriormente, os inquéritos tinha como objectivo: a recolha de dados sobre a situação linguística da cidade de Maputo para verificar até que ponto o conceito de diglossia é ou não aplicável no contexto da urbe. Para alcançar esse desiderato fizemos perguntas sobre:

O conhecimento linguístico, os usos e empregos linguísticos da LP e das LBMs, as atitudes e percepções linguísticas, o valor da LP e das LBMs e a alocação funcional prospectiva dessas línguas. Os inquéritos foram administrados a professores, alunos, líderes religiosos e de opinião, crentes, gestores privados e públicos, funcionários, jornalistas e cidadãos em geral.

Em resposta à questão número quatro (4) do inquérito obtivemos informações relativas ao conhecimento e aos usos linguísticos. A maioria dos inquiridos disse que conhece ou fala com frequência a LP e uma LBM. Alguns inquiridos conhecem ou falam duas ou mais línguas.

6.3.1.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

As entrevistas estruturadas foram feitas a professores, alunos, líderes religiosos e de bairro, a gestores e funcionários, a jornalistas e cidadãos em geral e tinham por objectivo, como se referiu, anteriormente, recolher informação sobre a situação linguística da cidade de Maputo, no tocante ao conhecimento e usos linguísticos, às atitudes e percepções linguísticas e à distribuição funcional prospectiva do uso da LP e das LBMs.

Os dados sobre o conhecimento e usos linguísticos foram obtidos através da questão nº (3) do guião das entrevistas estruturadas. A maioria dos entrevistados conhece ou fala com frequência o Português e uma ou mais LBM (s). A entrevistada nº 78 é uma aluna, nativa de Sofala. Tem como língua materna o Português, que também é a língua que fala com frequência, mas num teste de aferição mostrou que fala “um pouco” de Xichangana. Os entrevistados nºs 75, 76, 77 e 79, nativos da Província de Maputo são alunos em fase de socialização linguística e falam com frequência o Português e o Xichangana. A entrevistada nº 79 usa o Xichangana com os amigos e colegas na igreja (Zione), nas visitas à avó e na sala de aulas “quando não entendemos a matéria em Português,” mas “papá me proíbe de falar Changana. Quer que fale só Português.”

6.3.1.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

As entrevistas semi-estruturadas foram administradas a pessoas escolhidas, aleatoriamente. Foi usado um guião cujos temas não estavam completamente estruturados. As entrevistas visavam

entender as posições dos informantes sobre: o conhecimento e usos linguísticos, as atitudes e percepções linguísticas e a distribuição funcional prospectiva do uso da LP e das LBMs.

Os informantes responderam à questão nº dois (2) do guião sobre o conhecimento linguístico. Uma parte significativa dos entrevistados referiu que conhece ou fala com frequência a LP e as LBMs como é o caso do Xichangana, do Xirhonga, do Citshwa, do Cicopi, do Gitonga e do Emakhuwa. Alguns moçambicanos falam com frequência o Inglês, que não é a língua oficial do país, pelos seguintes motivos: devido a casamentos inter-raciais (e com estrangeiros (as)); ao ensino ou ao emprego. Os entrevistados nºs 52, 57 e 58, nativos de Inhambane falam a LP e uma ou mais LBM (s). O entrevistado nº 52 fala Xichangana e LP. Ele explica porque usa a LP: “devido à colonização, aos PALOP²⁰ e aos estrangeiros que não falam as línguas nativas.”

Uma análise aos dados indica que os informantes conhecem ou falam com frequência a LP e uma ou mais LBM (s). Por várias razões falam, também, o Inglês, o Francês e o Espanhol. A análise mostra, também, que em Maputo convergem cidadãos de todo o país e confirma esta urbe como uma cidade cosmopolita, multiétnica, multicultural e multilingue. (ver anexo 9).

6.3.2. QUE LÍNGUA (S) VOCÊ APRENDEU ANTES DE IR À ESCOLA?

6.3.2.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

A maioria dos inquiridos, em resposta à questão nº cinco (5) disse que aprendeu, antes de ir à escola, uma LBM e, noutros casos, a LP. Alguns informantes referiram que aprenderam, antes de irem à escola, mais do que uma língua: São os casos da inquirida nº 1, nativa da cidade de Maputo, que aprendeu o Português e o Xichangana, dos inquiridos nºs 22, nativo de Nampula, que aprendeu o Emakhuwa e o Árabe;²¹ 16, nativo do Niassa, que aprendeu o Emakhuwa e o Yao; 32, nativo de Inhambane, que aprendeu o Citshwa e o Gitonga e 12, também nativo de Inhambane, que aprendeu o Xichangana, o Xirhonga e o Citshwa.

6.3.2.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

A maioria dos informantes, em resposta à questão nº quatro (4) do guião referiu que antes de ir à escola aprendeu, em casa, uma ou mais LBM (s) e/ou (apenas) o Português.

6.3.2.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Em resposta à questão nº três (3) do guião, a maioria dos informantes disse que antes de ir à escola aprendeu uma ou duas LBM (s) e, em alguns casos, só o Português, ou o Português e

²⁰ PALOP sigla usada para designar os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

²¹ Ao longo da pesquisa defrontamo-nos com este tipo de situações que representou um embaraço para o pesquisador, em que os informantes davam indicações de conhecerem ou falarem outras línguas que não são, nem a LP, nem as LBMs, mas que eles faziam questão de as indicar como as que conhecem, falam ou aprenderam.

uma LBM. Essas línguas foram aprendidas, geralmente, ou no seio da família, ou com os amigos e vizinhos, ou na igreja. O entrevistado nº 54, nativo da Província de Maputo aprendeu o Cicopi e o Xichangana em casa. O entrevistado nº 56, nativo da Província de Maputo aprendeu, em casa, o Cicopi, e com os amigos, o Gitonga e o Xichangana. O informante nº 58, nativo de Inhambane aprendeu o Citshwa e o Xichangana com a família e vizinhos. O entrevistado nº 55, da Província de Maputo aprendeu o Português e o Xichangana em casa.

A análise aos dados sobre o conhecimento linguístico dos inquiridos e entrevistados indica que eles aprenderam antes de irem à escola, as LBMs e a LP, com predominância para as primeiras. São línguas que, muitas vezes foram aprendidas em contexto caseiro ou familiar ou com amigos, vizinhos ou na igreja. Outros aprenderam também o Árabe. Estes dados mostram que os moçambicanos, conforme as necessidades, usam na sua comunicação, uma ou mais línguas.

6.3.3. QUE LÍNGUA VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA?

6.3.3.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

A maioria dos informantes, em resposta à questão nº seis (6) do guião referiu que aprendeu a LP na escola. Alguns informantes disseram que, também, aprenderam na escola o Inglês e o Francês²². Outros informantes aprenderam o Árabe nas madrassas: é o caso dos inquiridos nºs 3, nativa da cidade de Maputo, 4, nativo de Inhambane e 14, 21 e 22, nativos de Nampula.

6.3.3.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os informantes responderam à questão nº cinco (5) do guião sobre a (s) língua (s) que aprenderam na escola. A maioria dos entrevistados referiu que aprendeu o Português na escola. Outros aprenderam, também, o Inglês e o Francês. Quase todos os alunos do nível primário entrevistados (cf. aos informantes nºs 75, 76, 77, 79) disseram que aprenderam o Português na escola. A entrevistada nº 78, nativa de Sofala disse que aprendeu o Português em casa. Quando os alunos têm dificuldades na LP, os professores explicam-lhes as matérias em Xichangana ou em Xirhonga, predominantes na urbe. Corroborando esta informação, o entrevistado nº 80, nativo da Província de Maputo, professor e gestor escolar: “Se o aluno não fala Português ensina-se a partir do que (ele) conhece para o que não conhece. (...) falamos Ronga ou Changana.”

6.3.3.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Os informantes responderam à questão nº quatro (4) do guião, referente ao contexto em que

²² O Inglês e o Francês são ensinados nas escolas moçambicanas por imperativos do currículo escolar estabelecido pelo Sistema Nacional de Educação (SNE). Todavia, há escolas com currícula, por exemplo em Inglês, desde o nível primário como são os casos da Escola Americana, da Escola Internacional de Maputo, entre outras. Há casos de milhares de estudantes moçambicanos que seguiram currícula em Espanhol e Português em países como Cuba.

aprenderam as línguas. A maioria referiu que aprendeu o Português na escola. O informante nº 56, nativo da Província de Maputo disse que aprendeu o Português e o Inglês na escola.

Uma análise aos dados dos inquiridos e entrevistas indica que o Português, o Inglês e o Francês foram aprendidos, em geral, em contexto escolar e o Árabe, nas escolas islâmicas.

6.3.4.USOS LINGUÍSTICOS: LÍNGUA (S) USADA (S) NA COMUNICAÇÃO COM A FAMÍLIA

6.3.4.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

A maioria dos informantes, em resposta à questão nº oito (8) referiu que para se comunicar com a família usa uma LBM e/ou a LP. Alguns inquiridos disseram que usam em casa a LP, o Inglês e o Citswa - inquirido nº 36, nativo de Inhambane e LP/Xirhonga/ Inglês - inquirido nº 28, nativo da cidade de Maputo. Este inquirido, com a esposa fala a LP e o Inglês, com os filhos, a LP e o Xirhonga e com outros familiares, o Xirhonga. O inquirido nº 4, nativo de Inhambane usa a LP, o Inglês e o Gitonga com a família. Os inquiridos nºs 44, nativo de Inhambane e 50, nativo de Gaza usam com a família, respectivamente, o Cicopi/LP e a LP/Xichangana.

As informações dos inquiridos confirmam o conhecimento que tínhamos da realidade da urbe que indicam que alguns cidadãos usam certas línguas como o Inglês, o Francês e o Espanhol, (há moçambicanos que estudaram em Cuba), nas interações entre membros da família nuclear. Isto acontece, sobretudo, entre pais e filhos e entre casais de moçambicanos (as) com cidadãs (os) estrangeira (o) s. Alguns casais socializam os filhos nessa (s) língua (s).

6.3.4.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

A maioria dos entrevistados, em resposta à questão nº seis (6) do guião referiu que usa uma LBM e a LP nas interações com a família. O entrevistado nº 64, nativo de Gaza tem uma esposa malawiana, e, por isso, com ela fala a LP e com a restante família, o Xichangana. O entrevistado nº 65, nativo de Tete, com os filhos fala a LP e com a esposa, o Cinyanja.

6.3.4.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Em resposta à questão nº (5) do guião, a maioria dos informantes disse que nas interações com a família usa uma LBM e a LP. O entrevistado nº 52, nativo de Inhambane fala Xirhonga ou Xichangana com a esposa. Este entrevistado explica como interage com outros familiares: “tenho crianças que falam Xichangana comigo e eu com a minha avó.” A entrevistada nº 53, nativa de Nampula, em casa, com os familiares usa a LP e o Emakhuwa. O entrevistado nº 54, da Província de Maputo usa o Xichangana e a LP. O entrevistado juntou o seguinte: “ uso a

LP em casa para ajudar os (meus) filhos a melhorar na escola.” O informante nº 57 é nativo de Inhambane, o Citshwa é a sua língua materna, mas com os pais e a esposa usa o Xichangana.

Como se viu, as LBMs e a LP são as mais usadas entre membros da família nuclear. Há uma tendência para o uso das LBMs, com as pessoas mais velhas e da LP, com as mais novas, alegadamente, para “ajudar” os filhos a terem “um bom desempenho escolar em Português.” Por várias razões, certos moçambicanos também usam com a família o Inglês, o Francês e (até) o Espanhol. O uso do Inglês não tem a ver com o temerário conflito Português-Inglês.

6.3.5. LÍNGUA (S) QUE USA NA COMUNICAÇÃO COM AMIGOS/COLEGAS/ VIZINHOS E NA VISITA A ALGUÉM. A HOMILIA É DADA EM QUE LÍNGUA?

6.3.5.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Em resposta às questões nºs nove, dez e onze (9, 10,11), a maioria dos inquiridos referiu que com os amigos, colegas e vizinhos, nas visitas e nos sermões das igrejas usa a LP e as LBMs. Certas igrejas usam o Inglês nos sermões.²³ O Árabe é usado nas mesquitas. Por exemplo a inquirida nº 1, nativa da cidade de Maputo, com os amigos, vizinhos e nas visitas a alguém fala a LP e com os colegas, o Xichangana. Os sermões da igreja são dados em LP. Esta é, também, a língua das homilias nas igrejas das inquiridas nºs 2 e 3, nativas da cidade de Maputo e das interacções com os amigos, colegas e vizinhos. A LP também é usada nas visitas a alguém. Os inquiridos nºs 6 e 8, nativos da cidade de Maputo, com os amigos e colegas falam a LP e com os vizinhos e nas visitas a alguém, o Xichangana, que também é a língua dos sermões na igreja. Os inquiridos nºs 14, 21 e 22, nativos de Nampula usam a LP e o Emakhuwa com os amigos, usam a LP e o Árabe com os colegas; a LP, o Emakhuwa e o Xichangana²⁴ com os vizinhos e nas visitas a alguém e o Árabe, na mesquita. A inquirida nº 50, nativa de Gaza, com os amigos e nas visitas fala a LP e o Xichangana, com os colegas a LP, o Inglês e o Francês e com os vizinhos, o Xichangana. Em relação à igreja, nada referiu. O inquirido nº 28, nativo da cidade de Maputo, com os amigos fala a LP e o Xirhonga, com os colegas, a LP e o Inglês, com os vizinhos, a LP e nas visitas a LP, o Inglês e o Xirhonga. A igreja profere sermões em Inglês.

As estratégias de comunicação das inquiridas nºs 17 e 37, nativas da Zambézia são diferentes: A primeira, com os amigos e colegas usa a LP e o Echuwabo, com os vizinhos, o Xichangana e nas visitas, a LP e o Echuwabo, também línguas das homilias na igreja. A segunda, com os amigos fala o Xichangana e o Echuwabo, com os colegas e vizinhos, o Xichangana e nas visitas

²³ Em Maputo, algumas igrejas, sobretudo, as protestantes têm cultos em Inglês dedicados a crentes estrangeiros.

²⁴ Os inquiridos nºs 21 e 22 anotam que não são muito fluentes na fala de Xichangana, mas conseguem se comunicar com os vizinhos que não falam, nem Português, nem Emakhuwa.

a LP, o Xichangana e o Echuwabo. O Echuwabo²⁵ é a língua dos sermões na igreja. Segundo a inquirida nº 15, nativa da cidade de Maputo, a Paróquia de S. Joaquim, no Bairro da Munhuana usa a LP e o Xirhonga nos seus sermões. Segundo crentes, nas Igrejas Assembleia de Deus, Metodista Unida, Zione Apostólica e Presbiteriana, alguns sermões são proferidos, apenas, ou em Xichangana, ou em Xirhonga, ou em Citshwa.

6.3.5.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

A maioria dos entrevistados, em resposta à questão nº (7) do guião disse que usa nas interações com os amigos, colegas e vizinhos, nas visitas a alguém e nas igrejas, as LBMs e a LP, havendo casos em que nas igrejas se usa, apenas, as LBMs.

O entrevistado nº 64, nativo de Gaza, com os amigos, vizinhos, colegas e nas visitas fala a LP e o Xichangana. Os sermões na igreja são dados em LP, Xichangana e Xirhonga. Por vezes há “uso exclusivo” da LP nas igrejas - entrevistado nº 62, nativo da Província de Maputo. Este entrevistado usa a LP e o Xichangana com os colegas e amigos e com os vizinhos e nas visitas, o Xichangana. O entrevistado nº 65, nativo de Tete usa a LP com os colegas e vizinhos. Com os amigos e nas visitas usa a LP e o Cinyanja. Os sermões são dados em LP e em Xichangana.

A entrevistada nº 69, nativa da Província de Maputo e vendedeira em Zimpeto, com os clientes usa a LP, o Xichangana e o Xirhonga. Com os vizinhos, amigos e colegas usa o Xichangana, também, língua dos sermões na igreja. No mercado, os clientes usam várias línguas: “com os que falam Echuwabo, entendemo-nos em gestos. Se for Gitonga, eu entendo mas não falo.” A entrevistada nº 67, nativa de Inhambane tem o Citshwa como língua materna, mas no serviço e com os colegas e amigos usa a LP e o Xichangana, com os vizinhos, o Xichangana e nas visitas, o Citshwa, o Xichangana (também línguas dos sermões na Igreja Metodista) e a LP. “Com os meus colegas e amigos falo Português” - entrevistada nº 78, nativa de Sofala (aluna). A entrevistada nº 79, da Província de Maputo e aluna do EP1²⁶ explica como comunica com os colegas da escola: “com alguns falo Português e com outros, Xichangana.”

6.3.5.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

A maioria dos entrevistados, em resposta à questão nº 3 do guião disse que as LBMs e a LP são as mais usadas na igreja, com os amigos e colegas, nas visitas e com os vizinhos. O

²⁵ O uso do Echuwabo nos cultos, por parte dos membros da comunidade zambeziana em Maputo é um forte indicativo da valorização desta língua e do sentido de auto-estima dos participantes. Foram-nos, igualmente, reportadas situações similares envolvendo falantes de Emakhuwa e de Citshwa na cidade de Maputo.

²⁶ EP1-Ensino Primário do Primeiro Grau.

entrevistado nº 56, um nativo da Província de Maputo fala a LP, o Xichangana, o Cicopi e o Gitonga, mas com os amigos e colegas usa a LP e o Xichangana, na base de um lema da sua vida: “estudo o ambiente e uso a língua conveniente para a ocasião.” A igreja usa o Xichangana, em exclusivo, nas suas homilias. O entrevistado nº 57, nativo de Inhambane, com os amigos, colegas e vizinhos usa o Xichangana e, por vezes, a LP e nas visitas o Xichangana, que também é a língua da liturgia na igreja. O entrevistado nº 55, nativo da Província de Maputo comunica de forma diferente: “uso (mais) o Xichangana em casa, com os vizinhos, amigos e colegas de serviço e (pouco) o Português.” A língua das homilias é o Xichangana.

Os dados dos inquéritos e das entrevistas mostram-nos que entre amigos, colegas, vizinhos e igrejas, se usa o Português, as LBMs e até o Inglês e o Francês. Nas mesquitas usa-se o Árabe. Em alguns domínios H, o Português é preterido e remetido para domínios coloquiais a favor das LBMs. Nos sermões da IURD e da IMPD e na televisão, pastores moçambicanos usam o sotaque do PB,²⁷ em imitação à fala dos brasileiros e não o Português de Maputo (PMM).²⁸

6.3.6. LÍNGUA (S) QUE USA NAS INSTITUIÇÕES

6.3.6.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

O Português é a língua que é usada, formalmente, nas instituições, mas também se usa outras. Em resposta à questão nº catorze (14) do inquérito, os informantes disseram o seguinte:

“Quando o funcionário me aborda em Português, eu também respondo em Português”- inquiridos nºs 1, 2, 3, 5, 6, nativos da cidade de Maputo. Já o inquirido nº 33, da mesma cidade, quando aborda o funcionário em Xichangana, este responde-lhe em Português. Dado que o informante é de formação média, o uso do Xichangana é, apenas, por opção. Os inquiridos nºs 38, 49 e 51, nativos de Gaza, quando abordam o funcionário de uma instituição em Xichangana este, tendencialmente, responde-lhes nessa língua ou em Xirhonga. “Se o funcionário me

²⁷ Biderman (2001:966) considera que “o acento nacional (sotaque) ” do PB “difere muito” do PE: “a sintaxe apresenta variações importantes.” Por exemplo, no PB, as vogais átonas tanto em posição pré-tónica, como na pós-tónica são pronunciadas, nitidamente, enquanto no PE são muito reduzidas e só as vogais tónicas são pronunciadas nitidamente. No PB há supressão do /r/ final em palavras como “fazer, cantar” e semivocalização [w] do /l/ final de sílaba ou de palavra como em “animal, Brasil.” No PE, o /r/ se mantém e o /l/ é velar. No PB é frequente a próclise de pronomes oblíquos: (me traga pão; ele se feriu), onde no PE se regista ênclise: (traga-me pão; ele feriu-se). No PB, o verbo **ter** é usado como **existir**: [tem alguém aí] onde no PE se usa o verbo haver: [há alguém aí]. Neste estudo estamos cientes da variação individual, social, geográfica e histórica da língua, mas assumimos o PB na acepção de Carvalho (1979) e de Biderman (2001) apresentada na página 37, que concebem, respectivamente, o PB como “idioma/variedade-padrão” e como “norma” divergente do PE, cujo “padrão” e “norma” Moçambique adoptou em 1975. O (s) brasileiro (s) linguisticamente competente (s) é (são) suposto (s) usar (em) e dominar (em) a norma do PB. Cremos ser esse PB que os pastores moçambicanos, à sua maneira, imitam dos colegas do Brasil.

²⁸ Usamos PMM como abreviatura de Português de Maputo. Como se sabe, a norma vigente em Moçambique é o Português Europeu (PE). Firmino (2006 [2001:146] observa que “o modelo europeu que é valorizado em Moçambique tem estado a ser reconstruído para seguir padrões linguísticos específicos socialmente aceitáveis.”

interpela em Xichangana, aí eu também respondo em Xichangana.” - inquirido nº 49. “Por onde passo é vulgar funcionários de certas repartições usarem o Português, o Inglês e o Francês, para se comunicarem.” - inquirida nº 50, de Gaza, adstrita à Organização das Nações Unidas (ONU).

6.3.6.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os entrevistados indicaram, em relação à questão nº oito (8), que nas instituições públicas se usa o Português e algumas LBMs. “Gostaria que o funcionário atendesse em Xichangana, sobretudo, nos Hospitais. Quando as pessoas têm dores de cabeça, por dificuldades (...) dizem: cabeça, cabeça. Muitas pessoas (...) expressam-se bem em Xichangana e isto permitiria comunicarem melhor as suas preocupações” - entrevistado nº 63, nativo da Província de Maputo. O entrevistado nº 64, nativo de Gaza diz que nos balcões da RM “aparecem pessoas que falam em Português, Xichangana, Xirhonga, Gitonga, (...), Cindau e até em Inglês. Quando não entendo a língua, peço apoio.” O entrevistado nº 80, da Província de Maputo comunica-se deste modo: “com o público falamos em Português, Xichangana ou Xirhonga.”

6.3.6.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

A maioria dos entrevistados, em resposta à questão nº (5) do guião disse que nas instituições da cidade de Maputo se usa a LP, o Xirhonga, o Xichangana e outras LBMs. Nestes locais, segundo o entrevistado nº 52, nativo de Inhambane, “os funcionários atendem em Xichangana ou Xirhonga para facilitar a comunicação.” O Xichangana e o Português são usados na escola - Corroboram esta informação os entrevistados nºs 54, 55, 56 e 59, da província de Maputo.

Os dados dos inquéritos e das entrevistas mostraram que o Português é a língua dos domínios oficiais nas instituições públicas, onde, também, se usa as LBMs por iniciativa do cidadão que não entende a LP ou do funcionário. Os cidadãos usam, também, as LBMs como marcadores simbólicos de solidariedade, de identidade étnica e de exaltação da “auto-estima” entre si. No país falta uma política linguística virada ao atendimento público, cuja existência se impõe.

6.3.7. QUE LÍNGUA (S) USA PARA FALAR COM UM SUPERIOR HIERÁRQUICO?

6.3.7.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

A nossa constatação nas respostas dadas à questão nº onze (11) é de que a maioria dos inquiridos, na interação com os superiores hierárquicos usa a LP. Há casos em que, nessas interações, também se usa uma LBM. Outros inquiridos, como é o caso do nº 22, nativo de Nampula usam o Árabe com os seus superiores hierárquicos. Cidadãos do país, empregados em certas organizações internacionais usam, entre si e seus superiores hierárquicos a LP, o Francês e o Inglês - inquiridos nºs 28 e 50, nativos da cidade de Maputo e de Gaza, respectivamente.

6.3.7.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Em resposta à questão nº sete (7), os informantes indicaram que nas interações com os seus superiores hierárquicos usam a LP e, esporadicamente, as LBMs. Eis um caso que envolve uma escola: “Eu falo Português, só que os Professores, às vezes, falam comigo em Xichangana” - entrevistada nº 78, nativa de Sofala. “Com os Professores falo o Português ou o Xichangana” - entrevistada nº 79, nativa da Província de Maputo. “Quando eles falam o Xichangana, eu respondo nessa língua” - opinião do entrevistado nº 77, nativo da Província de Maputo. “Com os meus amigos e colegas falo o Português e o Xichangana. Com os meus superiores uso o Português, mas, às vezes, falo com o meu Director Distrital em Xichangana ou em Xirhonga porque ele, também, fala estas línguas.” - entrevistado nº 80, nativo da Província de Maputo e gestor escolar. Os entrevistados nºs 60 e 62, nativos da Província de Maputo e 61, nativo da Província de Gaza usam o Português com os seus superiores hierárquicos.

6.3.7.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

“Com o meu Chefe falo Português, mas ele é o primeiro a falar Xichangana no serviço. Talvez para me dar a entender que conhece a língua.” - entrevistado nº 52, nativo de Inhambane e falante de Cicopi como língua materna. O entrevistado nº 54, nativo da Província de Maputo disse que com o seu Chefe fala Xichangana, enquanto o entrevistado nº 55, da mesma Província, com o Chefe fala a LP e “poucas vezes o Xichangana.” O entrevistado nº 56, nativo da Província de Maputo tem uma forma peculiar de se comunicar: “com os meus Chefes falo Xichangana. Por vezes, estudo o ambiente para ver a língua mais conveniente (para a ocasião).” Os informantes usam, na interação com os seus superiores hierárquicos e vice-versa, a LP e as LBMs. Nesses actos comunicativos, os falantes usam as LBMs, entre si, como marcadores simbólicos de solidariedade, de identidade ou de “auto-estima.” O Inglês, a LP e o Francês são usados em certas Organizações Não Governamentais (ONGs) e Internacionais (OIs).

6.3.8. EMPREGOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS E DAS LÍNGUAS BANTU

6.3.8.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Os informantes responderam à questão nº quinze (15) do guião dos inquéritos. Segundo eles, as obras literárias produzidas em Língua Portuguesa que conhecem são:

“Walalapi,” “A Orgia dos Loucos,” e “Os Sobreviventes da Noite” de Ungulani Ba Ka Khossa; “Maria,” “Kanringana wa Kanringana,” “Babalaze das Hienas,” “O Folclore Moçambicano e as suas Tendências” de José Craveirinha; “O Último Voo do Flamingo,” “A Varanda do Frangipani,” “Jesusalém” de Mia Couto, “Niketche,” “Balada de Amor ao Vento,” e “O Sétimo

Juramento,” de Paulina Chiziane, “Sonhos ao Averso” de Hélder Muteia, “Nós Matamos o Cão Tinhoso” de Luís Bernardo Honwana e “Bíblia Sagrada.” (informantes n°s 19, 25, 47,46).

Em relação à produção literária em LBMs, alguns informantes mostraram dificuldades na identificação de certos autores e respectivas obras, contudo, deram as seguintes indicações:

“Zabela”, “Musongi”, “Tanda Vantu” e “Dicionário de Changana-Português,” de Bento Siteo; “Provérbios Tsonga” (autoria desconhecida) e Sena intitulado “Nzerumbawiri” de Joseph Pampalk; Gramáticas das Línguas “ (Xi) Ronga,” de J. Quintão; “Cicopi (Chope),” de L. Santos e “ (Xi) Changana,” de A. Ribeiro; Bíblias Sagradas traduzidas para várias línguas pela Sociedade Bíblica de Moçambique; livros escolares do Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE); livro de apelidos dos Tsonga ou “Svib’ongo sva Vatsonga” de Jafete Matsimbe; além de vários géneros literários, incluindo teatro em Xirhonga e Xichangana de Daniel Marivate; Abiatar Cossa, Rhodes Mendonça, entre outros. (informantes n°s 60, 62, 68).

6.3.8.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam à questão n° dez (10) do guião sobre a produção literária de que deram as seguintes indicações: “Zabela” e “Dicionário Changana-Português” de Bento Siteo, “Svib’ongo sva Vatsonga” de Jafete Matsimbe, Bíblia Sagrada e teatro radiofónico da RM.

Uma análise aos dados disseminados pelos informantes sobre a produção literária em LP e em LBMs mostra que eles têm um certo conhecimento sobre o assunto. Os dados indicam, ainda, que estas línguas são cultas e têm um futuro promissor.

6.3.9. QUE LÍNGUA (S) USA NAS FESTAS? NOS RESTAURANTES? NO FUTEBOL? E NA ALDEIA?

6.3.9.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Em resposta à questão n° 12, a maioria dos inquiridos disse que nas festas, nos restaurantes, no futebol e na aldeia usa a LP e as LBMs. O inquirido n° 14, nativo de Nampula disse que usa nas festas, nos restaurantes, no futebol e na aldeia a LP, o Xichangana e o Emakhuwa. A inquirida n° 16, nativa do Niassa, naqueles contextos, dependendo dos interlocutores usa o Ciyao, a LP e o Emakhuwa. O inquirido n° 21, nativo de Nampula, nas festas e na aldeia usa o Emakhuwa, nos restaurantes, a LP e sobre o futebol, nada referiu. O inquirido n° 28, nativo da cidade de Maputo disse que nas festas usa a LP, o Inglês e o Xirhonga e nos restaurantes, a LP. Sobre o futebol e visitas à aldeia, nada referiu. Os inquiridos n°s 5 e 20, nativos, respectivamente, da cidade e da Província de Maputo usam naqueles contextos, o Xichangana.

6.3.9.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Esta questão não fazia, propriamente, parte do guião para as entrevistas estruturadas tendo sido colocada, aleatoriamente, aos informantes. Por exemplo, ao entrevistado nº 75, nativo da Província de Maputo colocamos as questões possíveis para a sua idade (nível primário). Ele disse que nas festas, no futebol e na aldeia usa a LP e o Xichangana.

6.3.9.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Esta questão não fazia parte do menu de questões para as entrevistas semi-estruturadas tendo sido colocada, aleatoriamente, aos informantes. O entrevistado nº 58, nativo de Inhambane disse que nas festas usa o Citshwa e a LP, nos restaurantes usa o Xichangana e nada referiu em relação ao futebol, todavia, na aldeia usa o Xichangana e o Citshwa. O inquirido nº 56, nativo da Província de Maputo usa naqueles contextos a LP, o Xichangana, o Gitonga e/ ou o Cicopi. Mais uma vez, os inquiridos e os entrevistados mostraram que as LBMs e a LP são, também, usadas em domínios menos formais como restaurantes, futebol, aldeia e festas.

6.3.10. VAI COM FREQUÊNCIA AO MERCADO? QUE LÍNGUA USA NO PROCESSO DE COMPRA DE PRODUTOS NO MERCADO?

6.3.10.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Os inquiridos responderam à questão nº treze (13) do guião de inquéritos. A maioria dos inquiridos referiu que no mercado o Xichangana, o Xirhonga e a LP, são as línguas mais usadas nas compras. Este é o caso dos inquiridos nºs 11, nativo de Gaza, que usa o Xirhonga, 5 e 15, nativos da cidade de Maputo, que usam o Xichangana e o Xirhonga, enquanto as inquiridas nºs 16 e 17 nativas, respectivamente, do Niassa e da Zambézia usam a LP e o Xichangana. O inquirido nº 13, nativo de Inhambane usa nas compras a LP, o Xichangana ou o Gitonga e as inquiridas nºs 3 e 37 nativas, respectivamente, da cidade de Maputo e da Zambézia usam a LP.

6.3. 10.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Em resposta à questão nº nove (9) do guião de entrevistas estruturadas, os informantes nºs 68, nºs 75 e 76, nativos da Província de Maputo usam no mercado, o Xichangana e o Português. A entrevistada nº 67, nativa de Inhambane usa no mercado, o Xichangana e o Xithswa. Ela explica porque não usa o Xirhonga: “talvez porque o próprio Ronga tem tendência de falar o Xichangana. Parece que o Xichangana está a invadir Maputo.²⁹” Os clientes das inquiridas nºs 69 e 71, vendedeiras do mercado de Zimpeto falam Português, Cicopi e Cindau. De acordo com as entrevistadas nºs 72 e 73, da Província de Maputo, no mercado “aparecem pessoas que falam

²⁹ Referência à cidade de Maputo.

Gitonga e outras línguas,” que elas não falam, mas entendem. “Quando as vendedeiras falam Xichangana (eu) respondo em Português (...).”- entrevistado nº 65, nativo de Tete.

6.3.10.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam à questão nº três (3) do guião de entrevistas semi-estruturadas. O entrevistado nº 54, nativo da Província de Maputo, nas compras usa o Xichangana e o entrevistado nº 55, da mesma Província usa o Português e o Xichangana, enquanto o entrevistado nº 52, de Inhambane usa o Xirhonga e a entrevistada nº 53, de Nampula usa a LP.

Os dados indicam que, durante o processo de compras nos mercados da urbe, os informantes usam ou o Português ou as LBM's ou ambas as línguas. Este facto é, por si só, revelador da heterogeneidade linguística dos actores envolvidos nesses actos comunicativos.

6.3.11. ATITUDES E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS

6.3.11.1. A LÍNGUA PORTUGUESA TEM ALGUM VALOR? QUAL?

6.3.11.2. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

A avaliação dos inquiridos sobre o valor da Língua Portuguesa foi feita através das questões nºs 17, 18 e 19. A maioria reconhece o valor desta língua. Eis as opiniões dos informantes:

“A Língua Portuguesa é uma língua muito importante na comunicação”- inquiridos nºs 9 e 27, nativos de Inhambane e da cidade de Maputo, respectivamente; 40, nativo de Gaza e 39, nativo de Sofala. De acordo com os inquiridos nºs 35 e 41, nativos de Gaza e 42, nativo de Tete, a LP “é a língua da unidade nacional.” Para os inquiridos nºs 37, nativo da Zambézia e 43, nativo de Inhambane, respectivamente, a LP “permite a unidade do povo.”

6.3.11.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam às questões nºs onze, doze, treze e catorze (11, 12, 13 e 14) do guião, sobre o valor da Língua Portuguesa. A propósito disseram o que pensam sobre esta língua: “Não provoca divisão entre os moçambicanos”- entrevistado nº 65, nativo de Tete. “Tem valor porque é boa.”- entrevistado nº 77, nativo da Província de Maputo e 78, de Sofala. “A Língua Portuguesa facilita a comunicação nas instituições”- entrevistado nº 80, da Província de Maputo. O entrevistado nº 75, nativo da Província de Maputo desconhece o valor da LP.

6.3.11.4. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam à questão nº cinco (5) do guião. Sobre o valor da LP referiram o seguinte: “Nós trabalhamos e entendemo-nos nessa língua”- entrevistado nº 59, nativo da Província de Maputo. “É a língua que une todos os moçambicanos”- entrevistado nº 57, nativo

de Inhambane. “O Português é nossa língua porque estamos a estudá-la, mas é língua de outra pessoa (outro país) ”- entrevistado nº 54, da Província de Maputo. Os entrevistados nºs, 52, 58, de Inhambane e 55 e 56, da Província de Maputo, nada referiram em relação ao valor da LP.

6.3.12. AS LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS TÊM ALGUM VALOR? QUAL?

6.3.12.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Os inquiridos responderam à questão nº dezanove (19). A maioria dos inquiridos tem uma apreciação positiva sobre o valor das LBMs. Eis o pensamento dos inquiridos sobre as LBMs:

“São o cartão de visitas do nosso país” - inquirido nº 23, um nativo da Província de Sofala. “São as línguas da nossa tradição ”- inquirido nº 41, nativo de Gaza. “Elas são a nossa cultura-” inquirido nº 35, também nativo de Gaza. “Elas permitem-nos conhecer a nossa cultura.” - inquiridos nºs 42, nativo de Tete e 43, nativo de Inhambane. “São a nossa identidade”- inquiridos nºs 31 e 39 nativos de Tete e Sofala e 58, de Inhambane. “Um indivíduo sem língua torna-se desprovido de cultura e fica estrangeiro no seu próprio país.”- inquirido nº 32, nativo de Inhambane. Os cépticos também opinaram. Por exemplo, os inquiridos nºs 25, nativo da cidade de Maputo e 14, nativo de Nampula temem pelo “desaparecimento das Línguas Bantu (Moçambicanas) ” se nada for feito por elas. O inquirido nº 14 justifica o seu cepticismo da seguinte forma: “os nossos filhos desprezam a nossa cultura.”

6.3.12.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam à questão nº 14 do guião. A maioria dos entrevistados tem uma apreciação positiva sobre o valor das LBMs. Para o entrevistado nº 65, nativo de Tete, as LBMs “representam a nossa cultura. Se perdermos a língua, perdemos a história e os seus valores socioculturais.” A entrevistada nº 67, nativa de Inhambane tem a seguinte opinião: “cada um deve valorizar o que é seu.” Ela propõe a criação de núcleos para debater “a situação das nossas línguas e a produção de dicionários” para melhorar o “nosso desempenho linguístico.” “Eu vivo dessas línguas. Quando as falo, sinto-me bem-” entrevistado nº 73, da Província de Maputo.

6.3.12.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Em resposta à questão nº 5, a maioria dos entrevistados mostrou ter uma apreciação positiva sobre o valor das LBMs. Para o entrevistado nº 59, nativo da província de Maputo as LBMs “fazem com que nos entendamos melhor.” O entrevistado nº 57, nativo de Inhambane considera que as LBMS “são as línguas dos nossos antepassados.” Sobre o valor das LBMs, o entrevistado nº 54, nativo da Província de Maputo e falante de Cicopi como língua materna pensa o seguinte: “o Changana é a língua de que eu gosto muito. Falo esta língua quando troco

copos com os amigos. Quando falo Changana, até pode-se pensar que sou Changana. Uso-o em casa, no serviço, em todo o lado.” Sobre este assunto, os entrevistados n°s 25, nativo da cidade de Maputo, 53, nativo de Nampula e 58, nativo de Inhambane manifestaram-se indiferentes.

Os posicionamentos dos inquiridos e dos entrevistados sobre o valor da LP mostram que eles reconhecem importância desta língua, qual troféu da guerra anticolonial, como um dos instrumentos que joga um papel crucial na comunicação, no ensino e na coesão e unidade nacional. Os informantes destacaram a importância das LBMs na comunicação, no ensino e para uso nas instituições públicas, facilitando assim a vida aos cidadãos sem domínio da LP. As LBMs contribuem na exaltação da cidadania e do sentido de pertença à nação e são marcadores simbólicos cruciais para a valorização da cultura, da identidade e da coesão e unidade nacional.

6.3.13. DE QUE LÍNGUA (S) GOSTA MAIS PARA O ENSINO? E PARA USO NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS PARA TRATAR DOCUMENTO (S)?

6.3.13.1. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Em resposta às perguntas n°s onze e doze (11 e 12), os informantes advogaram o ensino e o uso nas instituições públicas, da LP e das LBMs, por diferentes razões. O entrevistado n° 63, nativo da Província de Maputo tem a seguinte opinião: “nas escolas dever-se-ia ensinar o Português e uma Língua Bantu por cada zona (norte, centro e sul), para unir cada vez os moçambicanos.” A entrevistada n° 79 (aluna), nativa da Província de Maputo também manifestou a sua opinião: “gosto do Português e do Changana para o ensino.” “As Línguas Moçambicanas deveriam ser ensinadas no Ensino Primário do Segundo Grau. A Assembleia da República e outros serviços devem ter tradutores”- entrevistado n° 80, da Província de Maputo. A entrevistada n° 78 (aluna), nativa de Sofala é pelo ensino exclusivo da LP porque gosta desta língua. A entrevistada n° 73, nativa da Província de Maputo tem uma visão genuína: “o Português deve ser ensinado para que as pessoas não falem mal de mim sem eu entender.”

6.3.13.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI -ESTRUTURADAS

Em resposta à pergunta n° 4, a maioria dos entrevistados defende o ensino das LBMs e da LP e o uso destas línguas nas instituições públicas para tratar documentos. O informante n° 52, nativo de Inhambane advoga que o ensino do Português e das LBMs deveria ser aperfeiçoado pelo seguinte: “porque nós não ensinamos a gramática. Isso fará bem às novas gerações. Veja lá na África do Sul (...) é bonito ver que as suas línguas são ensinadas nas escolas. A Universidade Eduardo Mondlane já ensina as Línguas Bantu. Isso é muito bom.” Ele defende o ensino da LP pela seguinte razão: “às vezes o que falamos não é Português.” A entrevistada n° 53, nativa de Nampula defende a seguinte visão: “dever-se-ia ensinar e usar o Emakhuwa,

outras Línguas Bantu e o Português nas escolas e nas instituições públicas.” Esta opinião é corroborada pelos informantes nºs 54 e 55, nativos da Província de Maputo.

Os entrevistados manifestaram, de forma clara, as suas opiniões sobre a (s) língua (s) de que gostam para o ensino e para uso nas instituições públicas: as LBMs devem ser ensinadas, de forma sistemática nas escolas, desde o ensino primário ou secundário até ao superior, porque isso é “bonito.” Advogaram ainda o ensino da LP para o aprimoramento da gramática e para que não se fale (coisas) “sem que eu possa entender.” O uso das LBMs nas instituições ajudaria “os que não entendem Português,” e o uso da LP seria ditado pela lógica: “é a língua oficial.”

6.3.14. EM QUE SITUAÇÕES SE DEVERIA USAR, OBRIGATORIAMENTE, A LÍNGUA PORTUGUESA E AS LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS?

6.3.14.1. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Em resposta às questões nºs 11, 12 e 13, a maioria dos entrevistados defende o uso obrigatório da LP e das LBMs nas instituições públicas. Para a entrevistada nº 74, nativa da Província de Maputo, o uso da LP e das LBMs nas instituições permitirá “comunicarmo-nos melhor.” Ela é a favor do ensino das LBMs pelo seguinte: “porque muita gente não domina o Português.” O entrevistado nº 68, nativo da Província de Maputo explica porque defende o uso das LBMs: “para as valorizarmos e para perpetuarmos a nossa história e cultura (...).” A entrevistada nº 67, nativa de Inhambane tem a seguinte opinião: “arranjemos uma língua africana para uso nas instituições públicas.” Ela advoga o ensino das LBMs porque “facilitam a percepção do aluno.”

6.3.14.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Em resposta à questão nº 6, a maioria dos informantes defende o ensino das LBMs e da LP no país. O entrevistado nº 55, nativo da Província de Maputo defende que as LBMs deveriam ser ensinadas desde o nível primário até ao nível superior e a propósito acrescenta: “Já estive em comícios em que alguns dos nossos Chefes não sabiam falar Xichangana. Isso é muito mau. Também deve ser ensinado o Português.” Corroboram esta informação os informantes nºs 53, de Nampula e 52, de Inhambane. Para o entrevistado nº 54, da Província de Maputo, “o Português não é nossa língua mas estudámo-lo.”

Uma análise ao posicionamento dos entrevistados mostra que eles advogam o uso obrigatório da LP e das LBMs nas instituições públicas e no ensino. Segundo eles, as LBMs deveriam ser usadas, também, em comícios e outros eventos políticos.

6.3.15. ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DA LP E DAS LM

6.3.15.1. A LÍNGUA PORTUGUESA TEM FUTURO? QUAL É?

6.3.15.2. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Em resposta às questões nºs 20 e 21, a maioria dos inquiridos augura um futuro promissor à LP. Os cépticos consideram que esta língua está “ameaçada.” Entre os optimistas temos o inquirido nº 28, nativo da cidade de Maputo, para quem o Português é “a língua da unidade nacional e de comunicação a nível nacional.” O inquirido nº 18, nativo da Província de Maputo considera a LP “uma língua universal e língua nacional.” Entre os cépticos reina o desalento: “o Português está ameaçado por outras línguas.”- inquirido nº 4, nativo de Inhambane.

6.3.15.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam às questões nºs 16 e 17 sobre o futuro do Português. As suas opiniões divergiram. Temos os optimistas: É o caso do entrevistado nº 65, nativo de Tete, para quem “o Português veio para ficar. É a língua da unidade e de comunicação com o mundo.” É também o caso do entrevistado nº 80, nativo da Província de Maputo, que considera que o Português “existirá sempre porque é a língua oficial.” O entrevistado nº 68, nativo da Província de Maputo, tem a seguinte opinião: “o Português não está em perigo porque há pessoas que o usam como sua língua materna.” Um dos defensores do desenvolvimento da língua opina: “o Português vai sofrer uma evolução na gramática e no vocabulário, porque estamos a adaptá-lo ao contexto moçambicano.” - entrevistado nº 63, nativo da Província de Maputo. Temos a visão dos críticos: “um dia teremos problemas com o Português, porque para o acesso ao emprego exige-se o Francês e o Inglês.”- entrevistado nº 67, nativa de Inhambane. Por último temos os “sem opinião”: é o caso dos entrevistados nºs 64, nativo de Gaza e 75, da Província de Maputo.

6.3.15.4. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Os entrevistados responderam às questões nºs 7 e 8 sobre o futuro da LP. As suas opiniões divergiram. Alguns cidadãos acham que a LP tem futuro: “porque é quase uma língua moçambicana e universal.” - entrevistada nº 53, nativa de Nampula; porque “está em expansão” - entrevistado nº 57, nativo de Inhambane; ou porque “vai-se misturar com outras línguas.”- entrevistada nº 45, nativa de Gaza. Outros são indiferentes: “o Português tem futuro, só não sei qual é.” - entrevistado nº 59, da Província de Maputo. Outros são radicais: “não podemos levar uma língua que não é nossa e elevá-la. Estamos a perder muito. (...) é língua de outra pessoa (de outro país), apesar de estarmos a estudá-la.” - entrevistado nº 54, da província de Maputo. As posições dos informantes sobre o futuro da LP indicam que eles reconhecem a importância

desta língua na comunicação entre os moçambicanos. Para eles, a LP é “uma língua nacional e universal,” “língua oficial” e “língua materna,” de alguns cidadãos.

6.3.16. AS LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS TÊM FUTURO? QUAL?

6.3.16.1. AO NÍVEL DOS INQUÉRITOS

Em resposta à questão nº 21, sobre o futuro das LBMs houve opiniões divergentes: temos os optimistas e os pessimistas. Para os optimistas, as LBMs “vão ser cada vez mais relevantes na comunicação entre os moçambicanos” -inquirida nº 8, nativa da cidade de Maputo. Para a inquirida nº 2, da cidade de Maputo “o futuro destas línguas é de serem conhecidas pelo mundo fora.” Para o inquirido nº 9, nativo de Inhambane “há (hoje) muita gente que usa a sua língua materna.” Na óptica do inquirido nº 44, nativo de Inhambane, as LBMs “devem ser promovidas para não morrerem ao longo do tempo.” O inquirido nº 6, nativo da cidade de Maputo é pela preservação das LBMs. Para ele, só assim, é que “podemos olhar para o futuro com esperança e confiança.” O inquirido nº 42, nativo de Tete está entre os pessimistas: “se as línguas moçambicanas não forem ensinadas aos nossos filhos, o futuro não será bom.”

6.3.16.2. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Os informantes responderam à questão nº 16 sobre o futuro das LBMs. Para os optimistas, elas têm futuro. Para os cépticos, o futuro é sombrio. O entrevistado nº 80, nativo da Província de Maputo é optimista: “nós usámo-las. Devemos continuar a valorizá-las.” A entrevistada nº 73, da mesma Província tem a seguinte visão: “eu vivo dessas línguas. Quando as falo, sinto-me bem.” Para o entrevistado nº 68, nativo de Nampula, o uso, a oficialização e o ensino das LBMs, “contribuiria para a preservação da cultura.” O entrevistado nº 61, nativo de Gaza entende que as LBMs “são um património sociocultural a proteger e a desenvolver.” Os cépticos temem pelo “desaparecimento” das LBMs: “Temos o caso do Xirhonga e do Gitonga” - entrevistado nº 63, nativo da Província de Maputo- cujos “falantes estão cercados por outras línguas e há problemas de padronização da escrita.” Para o entrevistado nº 65, nativo de Tete “o futuro será sombrio,” se as LBMs “não forem utilizadas na alfabetização, (...)” Na óptica do entrevistado nº 60, da Província de Maputo, as LBMs poderão ser “adulteradas” pela LP. Outros, como o entrevistado nº 75, da Província de Maputo ignoram qual é o futuro das LBMs.

6.3.16.3. AO NÍVEL DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Os informantes responderam à questão nº 8 do guião. A maioria desses informantes augura um bom futuro para as LBMs e advoga o seu ensino, valorização e preservação. Segundo o entrevistado nº 56, nativo da província de Maputo, “o facto de aparecer bibliografia nessas

línguas, (...) nos anima. A Tanzania usa o Kiswahili.³⁰ Moçambique deveria utilizar algumas línguas para a comunicação a nível nacional.” Na óptica do entrevistado nº 59, nativo da Província de Maputo, “as Línguas Moçambicanas nunca vão acabar (desaparecer).” O entrevistado nº 55, nativo da Província de Maputo considera que “muitos querem aprendê-las.” Para a entrevistada nº 45, nativa de Gaza, “o futuro (das LBMs) é de ascensão,” mas para o entrevistado nº 57, nativo de Inhambane, o futuro “é incerto. As nossas línguas estão em perigo, por todo o lado só se usa o Português.”

As posições dos informantes sobre o futuro das LBMs permitem-nos afirmar o seguinte:

- Que as LBMs são um factor de identidade nacional e património sociocultural incontornável que deve ser usado na comunicação entre os cidadãos, na produção literária e no ensino.
- Que as LBMs devem ser oficializadas, valorizadas e desenvolvidas.

Até aqui procedemos à apresentação, análise e interpretação das opiniões dos informantes linguísticos que incidiu sobre a alocação funcional das línguas e das variedades, os usos e empregos linguísticos, as atitudes e percepções linguísticas, o valor e a alocação funcional prospectiva da LP e das LBMs. Em 6.4. procedemos à verificação da aplicabilidade dos critérios definidores de diglossia de Ferguson (1959) e dos termos de referência de Fishman (1967), à situação linguística da cidade de Maputo.

³⁰ Nas províncias de Niassa e Cabo Delgado, o Swahili é usado como *lingua franca* nas interações linguísticas, sobretudo, entre as populações das zonas limítrofes destas províncias com a Tanzânia, o berço da luta armada de libertação nacional. Trata-se de uma prática linguística não institucionalizada a nível governamental ou entre os dois Estados, mas que se vem cimentando há muitos e longos anos entre cidadãos de ambos os países. Ngunga (2002:2) é secundado pelo Coronel Barnabé Nkrumula, ambos nativos do Niassa, quando afirma que “a esmagadora maioria, o soldado, o combatente verdadeiro, falava Swahili quando fosse comunicar com um camarada de um grupo étnico diferente.” Nkrumula ajunta que nessa altura os combatentes também “recebiam treinos e ordens militares em Kiswahili.” Esta “era a língua usada nas interações entre os combatentes e seus superiores e com a população refugiada,” das zonas de fronteira de Niassa e Cabo Delgado, até para “evitar que fossem identificados como moçambicanos pelo ‘inimigo.’” Segundo o Coronel Nkrumula, o uso do Kiswahili nos treinos e nas ordens militares prevaleceu mesmo depois da independência. Este oficial do exército e outros cidadãos interpelados fora do contexto da pesquisa afiançaram-nos que o Kiswahili “é usado há muito tempo por falantes de Yhao, Cinyanja ou Emakhuwa, das áreas de fronteira com a Tanzania, como Sanga, Lago, Mavago e Mecula (e até de Marrupa e Maúá, afastadas da fronteira), por diversas razões: laços familiares, negócios, saúde, intercâmbio cultural, etc.” Um dos Reis Mataka, o Mataka VIII refugiou-se, no período colonial, com os seus súbditos na Tanzania. Após a independência, a amizade entre os dois povos, Governos e Estados aumentou. Como exemplo temos a construção da “Ponte da Unidade” que materializa o sonho dos Presidentes Nyerere e Samora com o envolvimento de populares dos dois países. O Presidente Samora Machel, nos anos de 1970 e 1980, conhecedor profundo da realidade sociolinguística da zona, embora falando para grupos linguisticamente heterogéneos, nas chamadas zonas libertadas de Niassa e Cabo Delgado dirigia parte dos seus comícios em Kiswahili. Até por más razões, cidadãos dos dois países usam o Kiswahili: caso do garimpo e da caça furtiva no país. Parte desta realidade, também, do nosso conhecimento introspectivo é corroborada por Liphola (1992: 5), numa pesquisa em Cabo Delgado, através desta afirmação: “nota-se em toda a região do extremo norte da Província (de Cabo Delgado) não só o uso de Kiswahili como língua ‘Franca,’ como também a tendência de ‘Swahilização’ dos vários aspectos da vida das populações.” Liphola (1992) indica três razões para o fenómeno: 1. A “influência dos órgãos de informação” (da Tanzânia). 2. Os “movimentos migratórios” e 3. O “comércio livre.”

6.4. OS CRITÉRIOS DEFINIDORES DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959) E OS TERMOS DE REFERÊNCIA DE FISHMAN (1967) SÃO OU NÃO APLICÁVEIS À CIDADE DE MAPUTO?

Esta parte do trabalho visa verificar, se na cidade de Maputo, há ou não diglossia na óptica de Ferguson (1959), ou então na óptica de Fishman (1967). No fundo pretende-se aferir a robustez ou a aplicabilidade do conceito e dos termos de referência de diglossia formulados, respectivamente, por um autor e por outro, para explicar a situação linguística de Maputo, que é uma cidade, marcadamente, multilingue.

6.4.1. ANÁLISE COM BASE NOS CRITÉRIOS DE FERGUSON (1959)

A análise foi feita usando os nove critérios ou pressupostos tipológicos de Ferguson (1959), escalpelizados no capítulo III e que são: a função, o prestígio, a herança literária, a aquisição, a padronização, a estabilidade, a gramática, o léxico e a fonologia. (ver pp18-20).

1. SOBRE A FUNÇÃO VERIFICA-SE NA CIDADE DE MAPUTO O SEGUINTE:

(a). Uso exclusivo da LP em alguns domínios High como homilias, por algumas confissões religiosas (informantes n°s 1, 2, 3, 5 nativos da cidade de Maputo e 62, da Província de Maputo). A LP é também usada nos seguintes domínios: no ensino, nos discursos políticos, no Parlamento, nas notícias da RM, da TVM e canais privados, AIM, Jornais Notícias e Domingo e imprensa privada, alguns dos quais, têm páginas literárias. Sobre a produção literária foram destacadas as obras dos seguintes autores: José Craveirinha, Mia Couto, Luís Bernardo Honwana, Paulina Chiziane, Ungulani Ba Ka Khosa e Hélder Muteia. (ver p 46 e anexo 12).

Os informantes indicaram o uso coloquial, em domínios Low, de um certo tipo de Português no futebol, nos mercados e em conversas entre colegas, amigos, membros da família e vizinhança. (ver pp 41-49 e anexo 11). O caso (a) indicia relações diglósicas claras.

(b). Uso simultâneo em contextos formais como homilias nas igrejas da LP, do Xirhonga e do Xichangana (informante n°s 64, nativo de Gaza), da LP e do Xichangana (informantes n°s 61, nativo de Gaza e 65, nativo de Tete) e da LP e do Xirhonga (informante n°15, nativa da cidade de Maputo). Na cidade de Maputo, as LBM não são ensinadas como tais nas escolas, mas os professores usam-nas para explicar as matérias aos alunos com *deficit* de compreensão do Português. Estas línguas podem ser usadas no Parlamento e na Assembleia Municipal da urbe,

mas tal desiderato, na prática não funciona devido à não disponibilização de tradutores.³¹ As LBMs, geralmente, associadas a contextos menos formais são, por vezes, usadas como H em comícios, mormente, nas campanhas eleitorais com recurso a tradutores ou intérpretes de LP/LBM/LP. Há variedades das LBMs e da LP que são usadas, coloquialmente, em conversas entre familiares, amigos, colegas e outros domínios L. (ver pp 41-49 e anexo 10)

O caso reportado em (b) mostra que quer a LP quer as LBMs são usadas em simultâneo em domínios H e L. Este primeiro caso, por se tratar de relações interlínguas (bilinguismo) não é abordado por Ferguson (1959), pelo que será analisado adiante na base dos pressupostos de Fishman (1967). O segundo caso refere-se ao uso exclusivo das LBMs em actos formais ou domínios H como comícios, ensino e homilias nas igrejas, e em actos menos formais ou domínios L como conversas entre amigos, familiares e colegas. Este caso configura diglossia.

(c). Uso exclusivo, em homilias, das LBMs como Xirhonga - (informante nº 60, nativo da Província de Maputo); Xichangana - (informantes nºs 56, 59 e 69 nativos da Província de Maputo); Emakhuwa - (informante nº 53, nativa de Nampula) e Echuwabo - (informantes nºs 17 e 37, nativas da Zambézia). Informações do conhecimento introspectivo do pesquisador e corroboradas por informantes fora do contexto da investigação indicam que no centro, nos subúrbios e na periferia da cidade, algumas igrejas como a Assembleia de Deus, Metodista Unida e Presbiteriana usam o Xirhonga, o Xichangana e/ ou o Citshwa nas suas homilias.

No concernente ao ensino há que referir, que entre 1993 e 1997, o país implementou o Projecto de Experimentação de Escolarização Bilingue em Moçambique (PEBIMO).³² Em Tete, se usou o Cinyanja e o Português e, em Gaza, o Xichangana e o Português, como línguas do ensino e de aprendizagem, abrangendo quatro turmas em cada província.³³ Chimbutane e Stroud (2012:5-6) dizem que “os resultados positivos alcançados no PEBIMO levaram à introdução do Ensino Bilingue no novo Currículo do Ensino Básico.” Segundo ainda estes estudiosos, o Ensino

³¹ O Regimento da Assembleia da República é claro quanto ao papel da Língua Portuguesa: “A língua de trabalho da Assembleia da República é a língua oficial.” Em relação às LBMs (designadas línguas nacionais), o artigo 13 do Regimento, no seu número 1 diz o seguinte: “o Deputado pode requerer exprimir-se numa língua nacional providenciando-se a tradução simultânea.” Já o número 2 do mesmo Regimento diz taxativamente o seguinte: “Sempre que tiver de recorrer a expressões de outras línguas, nacionais ou estrangeiras, o Deputado deve, acto contínuo, providenciar a tradução imediata.” Como se pode ver, os mecanismos de implementação do previsto no regimento não estão claramente definidos.

³² Devemos esta informação a Chambela, Bisqué e Bona (2012: 6) do INDE.

³³ Segundo Chambela, Bisqué e Bona (2012:47) “as escolas do Ensino Bilingue no período que vai de 2003 a 2011 evoluíram” do seguinte modo: em 2003 existiam 14 escolas e 700 alunos, em 2004 existiam 23 escolas e 1620 alunos e em 2011 existiam 318 escolas e 69.863 alunos. Para Chambela, Bisqué, Matabele e Bona (2006:8), o Ensino Bilingue visa a redução do “desperdício escolar” e o alcance dos seguintes objectivos: (1). “linguístico - pedagógicos,” (2). “culturais e de identidade” e (3). respeito aos “direitos humanos” dos cidadãos. O modelo adoptado por Moçambique para o Ensino Bilingue é o “modelo de transição com características de manutenção.” [Ver também: Chimbutane e Stroud (2012:5-6), Benson (1997:6) e Chambela, Bisqué, e Bona (2012: 8-11)].

Bilingue “foi experimentalmente introduzido em 2003, cobrindo as Províncias de Maputo, Gaza, Sofala, Nampula, Niassa e Cabo Delgado.” Já em 2004, “o programa estendeu-se às Províncias de Manica, Zambézia, Tete e Inhambane.” Para Chimbutane e Stroud (op.cit.5), “a fase experimental contemplou 16 línguas nacionais, nomeadamente: Emakhuwa, Shimakonde, Kimwani, Ciyao, Cinyanja, Echuwabo, Elómwe, Cinyungwe, Cisena, Cindau, Ciutee, Citshwa, Gitonga, Cicopi, Xichangana e Xirhonga.” Como se pode notar, a cidade de Maputo, a capital do país, e onde a LP é mais falada em relação ao resto do país, não está contemplada pelo Ensino Bilingue. Ainda sobre o uso das LBMs nas instituições é de referir que a RM possui na cidade de Maputo um Emissor Provincial que, a par da LP, transmite emissões em Xirhonga e em Xichangana, com espaços para informação (noticiosa) e programas (teatro, poesia e contos).³⁴ Como referimos, anteriormente, estas línguas possuem literatura da lavra de alguns autores conhecidos (ver p 46-47). Há situações em que só se usa as LBMs, em contextos formais como H em comícios populares, tribunais, esquadras policiais e Grupos Dinamizadores. As LBMs são usadas, também, em contextos menos formais como L em conversas entre amigos, colegas e membros da mesma família, no futebol, etc. (ver pp 41-49). Por vezes, estas línguas são usadas como H, apesar de não serem oficiais ou não serem ensinadas em Maputo, como se viu anteriormente. Este facto indicia, claramente, diglossia.

(d). Uso em sermões e em programas televisivos, por pastores moçambicanos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), do Português do Brasil (PB), que se manifesta, entre outras formas, através de traços fonético-fonológicos (sotaque), lexicais (acervo de palavras, vocabulário) e morfo-sintáticos (estrutura das palavras e construções frásicas), numa imitação à fala dos pastores brasileiros.³⁵ É uma atitude semelhante ao uso pelos católicos, do Latim ou do Árabe, pelos islâmicos nas suas pregações. No caso em epígrafe, o PB tem valor High, enquanto a variedade do Português de Maputo e as LBMs são usadas em contextos menos formais, com valor Low, em conversas

³⁴ A Rádio Moçambique tem ao nível das províncias, emissoras locais que transmitem em 17 Línguas Bantu Moçambicanas, e que obedecem, no geral, a uma programação idêntica à da Antena Nacional.

³⁵ Como referimos, os pastores moçambicanos imitam a fala dos pastores do Brasil que, supostamente, conhecem ou usam a norma deste país. Biderman (2001) reconhece que o Brasil tem a sua própria norma que diverge da de Portugal (PE), que é a que foi adoptada por Moçambique em 1975. (ver p 37) O PB não é nem padrão nem norma em Moçambique, mas é usado em sermões, programas televisivos e cerimónias fúnebres da IURD e IMPD. Por exemplo, o Prof. Gregório Firmino contou ao pesquisador, que numa cerimónia fúnebre em que participou, um pastor moçambicano tinha tendência de falar a LP à moda brasileira. É a essa LP ‘à brasileira’ que designamos PB. Biderman (2001: 964-965) e Camacho (2004: 44) defendem que a norma-padrão do Brasil é a falada no Rio de Janeiro e em S. Paulo, mas para Salomão (2012:130) e Santos (2003:69-76) é, apenas, a falada no Rio de Janeiro.

entre membros daquelas igrejas, amigos e familiares.³⁶

Apresentamos, a seguir, algumas frases de pastores moçambicanos extraídas a partir de homilias televisivas interactivas (pastores/crentes). O comum dessas frases - desviantes em relação à norma europeia (PE) - é a presença daqueles traços linguísticos, anteriormente referidos, cuja marca dominante é o uso do sotaque do PB (p 58). Uma nota digna de registo nessas frases é a sua semelhança com as de Biderman (2001), relativas ao PB (ver p 44).³⁷

1.1. A NÍVEL FONÉTICO-FONOLÓGICO

A consoante /l/ no final de sílaba ou de palavra é semivocalizada [w] no PB, enquanto no PE é velarizada [ɫ], como se pode verificar nas palavras do PB e do PE (norma vigente no país), destacadas em **negrito**, como indicam os números (1.1.1.) e (1.1.2.) e (1.1.3.) e (1.1.4.).

1.1.1. PB - Aquilo que era **impossível** passa a se tornar **possível**. (Pastor moçambicano)

1.1.2. PE (PMM³⁸) - Aquilo que era **impossível** passa a ser (ou a tornar-se) **possível**.

1.1.3. PB- [akilo ke era **ĩpɔ'sivew** pase a si tornar **pɔ' sivew**] (Pastor moçambicano).

1.1.4. PE (PMM) - [akilo ke era **ĩpɔ'sivɛɫ** pase a tornar si **pɔ'sivɛɫ**].

Nota-se no PB, uma tendência à epentização em encontros consonânticos do tipo /dm/ e /bs/ /ps/, que se manifesta através do acréscimo da vogal /i/, o que não acontece no PE:

1.1.5. PB: adm [i]rar>[adimirar]; 1.1.6. ab[s]urdo>[abisurdu]; 1.1.7. ps[i]cologia > [psikolo'ziɛ].

1.1.8. PE (PMM): **admirar**>[admirar]; 1.1.9. **absurdo**>[absurdu];

1.1.10. **psicologia**>[psikulu'ziɛ].

³⁶ Como já referimos, Moçambique tem como língua oficial o Português Europeu, que é a variedade padrão do País. É este Português que é, supostamente, usado no ensino, no Parlamento, nos Tribunais, no Governo, etc.

³⁷ Neste trabalho comparamos frases/palavras do PB com as do PE. O PE é a variedade adoptada por Moçambique como norma em 1975. Usamos a sigla PMM (Português de Maputo) para diferenciar de PM (Português de Moçambique), do qual nos abstraímos no concernente a esta pesquisa. A cidade de Maputo é o foco deste estudo.

³⁸ Apesar de a norma vigente em Moçambique ser o PE, o chamado “Português de Moçambique (PM)” tem sido objecto de vários estudos, a exemplo dos de Gonçalves (1997a), Gonçalves (1997b), Stroud (1997), Lopes, Siteo e Nhamuende (2002), Firmino (2006 [2001]) e Ngunga (2012), que mostram que o PM “é uma língua em evolução” que se alimenta do “substrato bantu.” A propósito, Stroud (1997:26) afirma que “a norma padrão que é importada de Portugal é muito diferente da maioria das formas de Português geralmente usadas em Moçambique.” Por seu turno, Gonçalves (1997a) defende que “a situação de ‘variedade em formação’ do Português de Moçambique tem como principal consequência uma certa instabilidade dos fenómenos que se observam no discurso produzido pelos seus falantes.” Os estudos do/ ou (sobre o) Português de Moçambique são de grande valor para a compreensão dos fenómenos linguísticos do país, todavia, o seu alcance exorbita o âmbito e os objectivos desta pesquisa.

As consoantes /t/ e /d/ quando seguidas de /i/ ou /e/ palatalizam-se e tornam-se africadas e pronunciam-se como [tʃ] e [dʒ] ou [dʒ] [tʃ] no PB. No PE, tal não se verifica, mantendo-se como oclusivas. Veja-se, a seguir, as palavras em negrito, do PB e do PE/(PMM):

1.1.11. PB- A oração nos aproxima **de Deus!**; 1.1.12. A irmã **tinha** (...)? (Pastor moçambicano)

1.1.13. PE (PMM) - A oração aproxima-nos **de Deus!** 1.1.14. A irmã **teve** (...)?

1.1.15. PB [a orəsãu nus ɛprosimɛ **dʒi ʔdʒewzi!**]; 1.1.16. [A irmã **tʃɪnɛ** (...)]

1.1.17. PE (PMM) - [a orəsãu ɛprosimɛ nus **di ʔdewʃ!**]; 1.1.18. [A irmã ʔ **teve**...]

1.2. A NÍVEL LEXICAL

Existência de um banco lexical no PB, que por vezes difere do que é usado no PE, embora o referente seja o mesmo (casos 1.2.1. e 1.2.2.). Em certas situações, as palavras do PB existem, mas com outro significado no PE/PMM, como nos casos 1. 2.3. e 1. 2.4. ³⁹ (ver p 44).

1.2.1. PB- A irmã não conseguia **enxergar** bem? (Pastor moçambicano).

1.2.2. PE (PMM) - A irmã não conseguia **ver** bem?

1.2.3. PB - A irmã tinha uma **parada** cardíaca? (Pastor moçambicano).

1.2.4. PE (PMM) - A irmã teve uma **paragem** cardíaca?

1.3. A NÍVEL MORFO-SINTÁCTICO

No PB nota-se a tendência de construção de frases do tipo estar+*gerúndio*, o que contrasta com as frases do tipo *estar +a+infinitivo*, que são as usuais no PE, como se pode observar a seguir:

1.3.1. PB - A Amélia (**não**) **estava andando** bem? (Pastor moçambicano)

1.3.2. PE (PMM) - A Amélia (**não**) **estava a andar** bem?

Há uma tendência no PB, de colocação do pronome clítico antes do verbo ou seja na posição proclítica, onde no PE se coloca na posição enclítica. (ver Biderman (2001:968).

1.3.3. PB - Aquilo que era impossível, passa **a se tornar possível**. (Pastor moçambicano)

³⁹ O PM possui no seu léxico expressões resultantes de “inovações lexicais” como Khanimanbo (PE - obrigado), tchovar (PE- empurrar), dumba-nengue (PE- mercado informal); de neologismos morfológicos como bichar (PE- formar bicha/fila) desconseguir (PE- não conseguir); variações a nível fonético-fonológico como em “convinte” [koʔnvinte] que seria no (PE- convite); selecção semântica como “comer dinheiro” (PE- gastar dinheiro); morfo-sintaxe como “quarta classe antigo” que seria no (PE-quarta classe antiga); expressões idiomáticas como “porquanto” no (PE- realmente) e muitas outras. [ver Gonçalves (1997a), Gonçalves (1997b) e Ngunga (2012)].

1.3.4. PE (PMM) - Aquilo que era impossível, passa a **tornar-se possível** ou Aquilo que era impossível **torna-se possível**.

1.3.5. PB - A oração **nos aproxima** de Deus! (Pastor moçambicano)

1.3.6. PE (PMM) - A oração **aproxima-nos** de Deus!

O PB tem a tendência de empregar a preposição *em*, nas frases em que no PE se emprega a preposição *a+artigo*, como nos seguintes casos:

1.3.7. PB: Vou **no** cinema;

1.3.8. A irmã não vinha **na** igreja?

1.3.9. PE (PMM): Vou **ao** cinema;

1.3.10. A irmã não vinha **à** igreja?

O fenómeno descrito na alínea (d) deste estudo configura uma relação diglósica, que parece atípica. No caso em apreço, o PMM que é Low goza das prerrogativas que são atribuídas ao PB, que é High. Há, com efeito, um certo tipo de PMM, que é, supostamente, o Português usado em contextos como ensino, administração pública, parlamento, literatura e fora internacionais. Temos, por outro lado, o PB que não tem acesso àqueles domínios cobertos pelo Português de Maputo. Parece um tipo de diglossia cujos contornos Ferguson (1959) não previu.

2. EM RELAÇÃO AO PRESTÍGIO VERIFICAMOS EM MAPUTO O SEGUINTE:

(a). Uso por certas elites moçambicanas, e não só, do PMM em actos formais no parlamento, nos tribunais; na administração pública e nos sermões religiosos com valor High. Neste caso, o PB nem sequer aparece com valor Low. Há situações em que uma variedade Low do PMM é usada em actos não formais como conversas entre amigos, familiares, colegas, etc. (ver 1a).

(b). Ao nível das LBMs há um certo tipo de variedade considerado prestigioso, (sobretudo ao nível do Xirhonga e do Xichangana, predominantes em Maputo), que é apreciado pela maioria dos falantes e é usado como High em domínios formais, mormente, em actos públicos e na literatura. Há variedades Low, destas línguas, que são menos apreciadas pelos falantes da High.

(c). Uso do PB como High, em detrimento do PMM, por pastores moçambicanos da IURD e da IMPD nas homilias e na televisão. Neste caso, o PMM é remetido à esfera Low em contextos como restaurantes, futebol e mercados e em conversas entre familiares, crentes e amigos. Na actividade diária, o PMM é usado em contextos formais nas instituições públicas, no ensino, na comunicação social, na religião, na literatura, na AR e na AMCM. Isto parece não acontecer com o PB que só é usado nos contextos já indicados. (ver p 44).

3. SOBRE A HERANÇA LITERÁRIA OS RESULTADOS SÃO OS SEGUINTE:

- A variedade do Português de Maputo possui uma vasta produção literária que goza de projecção nacional e internacional através de obras de autores de renome, mas na IURD e na IMPD, tem estatuto Low porque não é a usada nos sermões. Este facto contrasta com o que acontece com o PB que é usado nas homilias da IURD e da IMPD e em programas televisivos destas igrejas com valor High, embora, ao nível da urbe, não exprima o peso da literatura e da tradição literária. As LBMs de Maputo, como o Xichangana e o Xirhonga têm produção literária, embora seja, ainda, menos expressiva em comparação com a da LP. (ver pp 46-47).

4. SOBRE A AQUISIÇÃO VERIFICAMOS O SEGUINTE EM RELAÇÃO A MAPUTO:

- O Português (de Maputo), a variedade que aparece como Low é a língua oficial.⁴⁰ A maioria aprendeu a LP nas escolas. Outros cidadãos aprenderam-na em casa. (ver pp 39-41). A LP tem gramáticas e dicionários, o que não acontece com o PB usado em homilias na IURD e na IMPD e em programas televisivos como High. As LBMs foram aprendidas em contexto caseiro ou entre amigos, na igreja ou na escola (raros casos). Algumas têm gramáticas e dicionários.

5. EM RELAÇÃO À PADRONIZAÇÃO VERIFICAMOS QUE:

(a). A norma do Português adoptada por Moçambique após a independência em 1975 é a norma europeia, do ex-colonizador. É essa norma que é, supostamente, usada em Maputo, a capital do país, pelas elites escolarizadas e cidadãos em geral. É, também, usada como High no ensino, na administração pública e nos discursos públicos pelos poderes executivo e legislativo, com todos os seus problemas. Tem gramáticas, dicionários e tratados de pronúnciação. O PB tem uma variedade culta, que é usada como norma no Brasil, mas que é diferente da norma europeia adoptada por Moçambique. [ver detalhes em Biderman (2001), Salomão (2012), Santos (2003) e Carvalho (1979), pp 44 e 58]. O PB usado em Maputo, em imitação à fala dos pastores brasileiros na IURD e na IMPD e em programas televisivos está circunscrito a estes meios e não àqueles domínios H em que se usa o PMM. As LBMs, entre as quais o Xichangana e o Xirhonga possuem gramáticas, dicionários e estudos sobre padronização da ortografia.

6. SOBRE A ESTABILIDADE, O RESULTADO DA ANÁLISE INDICA QUE:

No concernente à cidade de Maputo é prematuro assumir que as relações diglósicas entre o

⁴⁰ A Constituição da República de 2004 considera no seu artigo 10 que “a Língua Portuguesa é a Língua Oficial” do país. Sobre as “Línguas Nacionais” o artigo 9 diz apenas que “o Estado” as “valoriza” como “património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade.” [ver República de Moçambique -RdM (2004:7)]

Português do Brasil e o Português de Maputo são estáveis, no sentido de serem centenas ou milenares, como advoga Ferguson (op.cit.). O mesmo se pode afirmar no que concerne ao Português de Maputo e suas variedades e entre as LBM's e suas variedades.

7. EM RELAÇÃO À GRAMÁTICA, O QUE SE VERIFICA É O SEGUINTE:

(a). O Português de Maputo, que é Low preenche os requisitos que em Ferguson (op. cit.) são atribuídos a uma variedade High, que neste caso é o PB. Mas, o PB não possui estudos sobre gramática na cidade de Maputo. Na urbe, o PB não é, nem a língua-padrão, nem a língua oficial. As LBM's, casos do Xirhonga e do Xichangana, predominantes na urbe têm gramáticas.

8. EM RELAÇÃO AO LÉXICO, OS RESULTADOS SÃO OS SEGUINTE:

(a). Na cidade de Maputo, a variedade do Português de Maputo preenche os requisitos que nos critérios de Ferguson (1959) são atribuídos à variedade H, que no caso é o PB. A seguir, na tabela 8, com base em Biderman (2001: 971- 973) e Rodrigues (1981: 69-93) mostramos as diferenças lexicais entre o PE (norma vigente em Moçambique) e o PB (que tem outra norma).

TABELA 8: DIFERENÇAS LEXICAIS ENTRE O PB E O PE

PB	PE	PB	PE	PB	PE
Fogo	Lume	Pedestre	Peão	Parada	Paragem
Concreto	Betão	Vitrine	Montra	Trem	Comboio
Ônibus	Autocarro	Estilingue	Fisga	Calçada	Passeio
Camundongo	Rato	Fichário	Ficheiro	Ígara	Canoa
Bombeiro	Canalizador	Açogue	Talho	Paletó	Sobretudo

Fonte da tabela 8: diferenças lexicais entre o PB e o PE: Biderman (2001: 971-973) e Rodrigues (1981: 69-93)

No tocante às LBM's, o seu banco lexical está num processo permanente de construção, mormente, com o desenvolvimento da democracia, da ciência e da tecnologia.

9. EM RELAÇÃO À FONOLOGIA TEMOS AS SEGUINTE CONSIDERAÇÕES:

(a). O presente estudo não possui dados sustentáveis que possam corroborar a asserção de Ferguson (op.cit.) sobre o comportamento das variedades High e Low da Língua Portuguesa falada em Maputo. O mesmo se pode afirmar em relação às variedades High e Low do Xirhonga e do Xichangana. Contudo, o pesquisador considera que as interferências são inevitáveis numa situação de contacto de/entre línguas/variedades. No concernente à variedade de Maputo, na sua relação com o PB, tudo indica que o sistema fonológico da primeira é,

relativamente, estável embora ela funcione na IURD e na IMPD e em certos actos litúrgicos televisivos, em domínios Low. No contexto em análise há interferência do PB, (não estável), no Português da cidade de Maputo consubstanciada na imitação, pelos pastores moçambicanos, do sotaque brasileiro, mesmo fora das homilias e dos programas televisivos.⁴¹

Acabamos de verificar a aplicabilidade, um por um, dos critérios tipológicos de Ferguson (1959), à situação linguística de Maputo. A seguir, em 6.4.2. procedemos ao mesmo exercício usando os pressupostos de Fishman (1967), para quem a diglossia é um fenómeno social e o bilinguismo, um fenómeno individual. Esta visão difere, como vimos, da de Ferguson (1959).

6.4.2. ANÁLISE NA BASE DOS PRESSUPOSTOS DE FISHMAN (1967)

A análise foi feita confrontando cada um dos termos de referência de Fishman (1967), sobre diglossia, com a situação linguística da cidade de Maputo para verificar a sua aplicabilidade. O autor estabeleceu quatro possíveis relações para a diferenciação entre diglossia e bilinguismo e que são: (1). Diglossia e Bilinguismo; (2). Bilinguismo sem Diglossia; (3). Diglossia sem Bilinguismo; (4). Nem Diglossia nem Bilinguismo. (ver capítulo III, pp 20-23).

1. SOBRE A DIGLOSSIA E BILINGUISTO TEMOS OS SEGUINTE RESULTADOS:

(a). Uso da LP, a língua oficial do país, nas escolas, nas instituições públicas, no Parlamento e na Assembleia Municipal, nas igrejas e noutros domínios High. Esta língua é também usada em domínios Low como mercados, restaurantes e futebol e em conversas entre familiares, amigos, colegas e vizinhos. (ver pp 41-49). Por outro lado temos as LBMs, (como o Xirhonga e o Xichangana), que são usadas apenas em certos domínios Low como mercados, futebol, restaurantes e em conversas entre amigos, colegas e familiares. Como se sabe, embora se possa usar estas línguas nas sessões da Assembleia da República (AR) e na Assembleia Municipal de Maputo (AMCM), tal desiderato não se aplica, plenamente, devido à não disponibilização de tradutores.⁴² Este caso configura diglossia entre o Português e as LBMs.

(b). Uso das LBMs, com valor High, nas seguintes situações: na explicação de matérias escolares aos alunos com *deficit* de domínio da LP; no atendimento público em unidades

⁴¹ Veja a sequência de frases apresentadas nas pp 59-61 produzidas no PB por pastores moçambicanos em programas televisivos e as correspondentes no PE/PPM.

⁴² O Regimento da Assembleia da República é claro quanto ao papel da Língua Portuguesa. Veja-se o que diz o artigo 12: “A língua de trabalho da Assembleia da República é a língua oficial.” Em relação às Línguas Bantu de Moçambique (designadas línguas nacionais), o artigo 13 do Regimento no seu número 1 diz o seguinte: “o Deputado pode requerer exprimir-se numa língua nacional providenciando-se a tradução simultânea.” Já o número 2 do mesmo Regimento diz, taxativamente, o seguinte: “Sempre que tiver de recorrer a expressões de outras línguas, nacionais ou estrangeiras, o Deputado deve, acto contínuo, providenciar a tradução imediata.” Como se pode notar, o regimento não cria mecanismos que permitam a implementação do preconizado sem risco de falhas.

sanitárias, nas esquadras policiais e tribunais comunitários; na transmissão de notícias, de teatro radiofónico, de avisos e ocorrências várias no Emissor Provincial de Maputo da RM; como meio de expressão de solidariedade e (ou) de identidade étnica e cultural entre cidadãos, ou para “marcar diferença/distância” entre os funcionários entre si, ou entre os funcionários e seus superiores hierárquicos. A situação atrás descrita ocorre, também, quando os sujeitos envolvidos num acto comunicacional não querem ser entendidos por terceiros. Em geral, o atendimento público nas instituições é feito em LP, todavia, por vezes se recorre ao uso das LBM para uma comunicação mais fluída com cidadãos com *deficit* de compreensão da LP. Algumas LBMs (caso do Xichangana, do Xirhonga e do Citshwa) são usadas como High nas homilias das igrejas e em actos fúnebres. Segundo dados do nosso conhecimento introspectivo, de crentes e de outras fontes, fora do contexto desta pesquisa, as igrejas que usam as LBMs são as seguintes: Metodista Unida, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Zione Apostólica e Novos e Velhos Apóstolos, mormente, as das áreas suburbanas e periféricas da urbe. Nestas situações, a LP é usada, como Low, em conversas entre amigos, crentes e familiares (ver pp 41-44).

A situação descrita em (b) indicia diglossia e caracteriza-se pelo uso das LBMs, como High e da LP, oficial no país, como Low. Esta situação parece inusitada à luz de Fishman (1967).

(c). Uso simultâneo da LP e de uma LBM (Xichangana, Xirhonga, Citshwa ou outra), através de traduções ou interpretações nas igrejas, como é o caso da Paróquia de S. Joaquim da Munhuana em Maputo, nas suas homilias. Aquelas línguas são também usadas como High em tribunais comunitários, esquadras policiais, unidades sanitárias, RM e comícios políticos. A LP e as LBMs são usadas como Low em conversas entre amigos, familiares e colegas (pp 41-49).

O caso (c) apresenta duas situações: temos, por um lado, o uso de dois códigos linguísticos, geneticamente, não relacionados, através da tradução de conteúdos da LP-LBM ou de uma LBM-LP, o que configura bilinguismo. Temos, por outro lado, o uso individual de uma LBM e da LP em domínios High e Low, o que indicia para cada situação, a existência de diglossia.

2. SOBRE O BILINGUISMO SEM DIGLOSSIA AS NOSSAS CONSIDERAÇÕES SÃO:

- Que a presente pesquisa se cingiu, entre outras matérias, ao estudo das relações entre a LP e as LBMs. A pesquisa forneceu, também, a visão dos falantes de Maputo sobre as línguas e os usos linguísticos, a alocação funcional e prospectiva da LP e das LBMs e (ou) suas variedades e não sobre as comunidades migrantes estabelecidas no país em razão de estudos, trabalho ou negócios, pelo que esta matéria, não foi por nós tratada, por escapar do foco do nosso estudo.

No cenário¹ (um), alínea (c) indicamos as circunstâncias em que ocorre o bilinguismo na urbe.

3. SOBRE A *DIGLOSSIA SEM BILINGUISMO* AS NOSSAS CONSIDERAÇÕES SÃO:

-Que o nosso estudo apresentou no primeiro cenário, o tipo de relações diglósicas que encontrou no âmbito desta pesquisa, pelo que a repetição dos dados seria redundante. A análise em referência indica as circunstâncias em que ocorre o fenómeno diglósico em Maputo.

4. EM RELAÇÃO AO CENÁRIO *NEM DIGLOSSIA NEM BILINGUISMO*:

-O nosso estudo não possui evidências que indiquem a aplicabilidade deste cenário na urbe. De acordo com Fishman (1967), este cenário é uma abstracção teórica. Não existe no mundo real.

NOTAS FINAIS

Este capítulo destinou-se à apresentação, análise e discussão dos dados da pesquisa. Forneceu dados relevantes sobre o perfil sociolinguístico dos informantes e apresentou as constatações da observação não participativa. Apresentou a visão dos falantes sobre as línguas e usos linguísticos e sobre a alocação funcional das línguas e/ou variedades. Deu indicações sobre os empregos linguísticos da LP e das LBMs faladas em Maputo, as atitudes e percepções linguísticas dos falantes, o valor da LP e das LBMs e a alocação funcional prospectiva do uso destas línguas. Fez, também, a análise de cada um dos critérios definidores de diglossia de Ferguson (1959) e dos termos de referência de Fishman (1967). Os resultados da análise foram confrontados com a situação linguística de Maputo, com vista a aferir a sua aplicabilidade ou robustez para explicar a situação linguística da urbe. Esse exercício permitiu-nos verificar que não há traços linguísticos que estejam, intrinsecamente, ligados a uma variedade alta ou baixa. Permitiu também verificar, as circunstâncias em que em Maputo se regista a diglossia e o bilinguismo.

A seguir, no capítulo VII apresentamos as principais conclusões e recomendações deste estudo.

CAPÍTULO VII. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

7. INTRODUÇÃO

Este capítulo estrutura-se da seguinte forma: em 7.1. temos as constatações de âmbito geral da pesquisa, em 7.2. temos as premissas para a discussão das hipóteses, em 7.3. temos a discussão das hipóteses e a apresentação das principais conclusões deste estudo sobre a “Diglossia e a Situação Linguística da Cidade de Maputo.” Em 7.4. apresentamos as recomendações atinentes à pesquisa e propostas de futuras abordagens relativas ao estudo da diglossia.

O Capítulo VI, como se viu, fez a análise e interpretação dos resultados do estudo. As constatações de âmbito geral em 7.1. vão consistir da sumarização dos principais resultados do estudo, observando a estratégia de triangulação de Lincoln e Guba (2003), que perante diferentes perspectivas de validação da hipótese, sem descuidar o rigor científico defendem que não são os métodos que permitem encontrar a verdade, mas sim, os processos de interpretação. Propomo-nos, pois, a articular os resultados relevantes da observação participativa, da introspecção, dos inquéritos e das entrevistas, tendo em vista a discussão das hipóteses em 7.3.

7.1. AS CONSTATAÇÕES DE ÂMBITO GERAL DA PESQUISA

7.1.1. EM RELAÇÃO AO PERFIL SOCIAL E SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES:

Há que realçar que o que a seguir se apresenta sumariza os dados dos inquéritos e entrevistas:

- Os informantes são homens e mulheres, oriundos de quase todas as províncias do país, que vivem nas áreas central (urbana), suburbana e periurbana de Maputo. Têm diversas ocupações sociais. As suas idades variam dos 0-9 anos até aos 50 anos ou mais. São falantes de diversas línguas, das quais, as mais usadas são a LP e as LBMs, como o Xichangana, o Xirhonga, o Citshwa, o Cicopi e o Gitonga. O seu nível académico varia do ensino primário até ao superior.

7.1.2. EM RELAÇÃO AOS USOS LINGUÍSTICOS:

-A maioria dos inquiridos e entrevistados fala ou usa com frequência o Português, sobretudo, no centro da cidade de Maputo, geralmente, aprendido na escola e em certos casos, em casa e as Línguas Bantu Moçambicanas, mormente, nas zonas suburbanas e periféricas. Essas línguas são, predominantemente, o Xichangana e o Xirhonga, seguindo-se o Citshwa, o Cicopi e o Gitonga, do sul do país, entre outras de menor expressão na urbe, oriundas doutros pontos do país e que foram, geralmente, aprendidas em ambiente caseiro, na igreja ou entre amigos. Houve casos esporádicos de cidadãos que indicaram que aprenderam uma LBM na escola. - Foi referido, que no caso de os alunos enfrentarem dificuldades de compreensão da LP, há

permissão tácita para os professores lhes explicarem a matéria escolar numa LBM. A LP e as LBMs são usadas em vários contextos, desde os formais, até aos menos formais. No domínio formal, estas línguas são usadas nas instituições para atendimento público e nas homilias das igrejas, com uma grande predominância para o uso do Português, que é a língua oficial.

O nosso conhecimento introspectivo permite corroborar com os resultados dos inquéritos e das entrevistas relativamente à falta no país, de uma política linguística virada ao atendimento público em LBMs, o que se reflecte mais em áreas sociais e económicas. Os deputados no Parlamento (AR) e os membros da Assembleia Municipal da Cidade de Maputo (AMCM) podem utilizar (uma) LBM (s) nas suas sessões, mas a não disponibilização de tradutores é vista como uma declaração de intenções sem implementação.

-A RM e, timidamente, a TVM usam as LBMs para a transmissão de notícias nas províncias. A RM também transmite teatro. Há publicações (raras embora) como a Revista Mahlale, que veiculam informação em LBMs. A LP é usada nas televisões, revistas e jornais de informação.

Através da observação não participativa verificamos na RM, no BAU e no Centro de Saúde do Alto-Maé que cidadãos sem domínio do Português usavam as LBMs para tratarem assuntos do seu dia-a-dia. Os inquéritos e as entrevistas e parte do nosso conhecimento introspectivo também testaram esta realidade. Indicaram ainda que certas igrejas de Maputo como a Assembleia de Deus, a Metodista Unida, a Presbiteriana entre outras, usam, em exclusivo, nuns casos as LBMs e noutros a LP, nas suas homilias. Há casos em que se usa, em simultâneo, a LP e as LBMs. Nas mesquitas usa-se o Árabe e em certas igrejas, o Inglês.

-A observação não participativa mostrou-nos que na Igreja Universal do Reino de Deus e na Igreja Mundial do Poder de Deus, há uma tendência de os pastores moçambicanos imitarem o sotaque do Português do Brasil (PB) nas suas homilias, nos programas televisivos e em cerimónias fúnebres, por gozar, supostamente, de maior prestígio em relação ao PMM.

7.1.3. EM RELAÇÃO AOS EMPREGOS LINGUÍSTICOS:

Os inquéritos e as entrevistas indicaram que existe literatura em LP e em LBMs. (pp 46 - 47).

7.1.4. EM RELAÇÃO ÀS ATITUDES E PERCEPÇÕES SOBRE A LP E LBMs

-A maioria dos inquiridos e entrevistados, entre cépticos e indiferentes defendeu a valorização, preservação e desenvolvimento das LBMs através do seu ensino e uso nas instituições públicas, na Rádio, na Televisão e na imprensa. Defendeu, também, a produção, nessas línguas, de dicionários, prontuários e glossários, o uso da padronização da escrita e a promoção de debates

nos Núcleos de Línguas, o uso da LP nas instituições e o ensino adequado da sua gramática.

7.1.5. ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DO USO DA LP E DAS LBM_s NO ENSINO E NAS INSTITUIÇÕES:

A maioria dos informantes, entre cépticos e indiferentes augurou, nos inquéritos e nas entrevistas, um futuro auspicioso para a LP e para as LBM_s. Foi destacada, também, a importância da LP na comunicação e na unidade nacional e das LBM_s, na preservação da cultura e da identidade e tradição nacionais.

7.2. PREMISSAS PARA A DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES

Nesta parte sistematizamos as informações da pesquisa, com vista à produção de inferências que nos conduzam às conclusões deste trabalho. Como se sabe, este estudo procurou verificar a aplicabilidade do (s) conceito (s) de diglossia de Ferguson (2003 [1959]) e de Fishman (2003 [1967]), à situação linguística da cidade de Maputo. A questão central que norteou o estudo foi: “De que maneira o (s) conceito (s) de diglossia se aplica (m) à situação linguística de Maputo?”

No início deste estudo afirmamos que na cidade de Maputo coexistem múltiplos códigos linguísticos, que não têm um valor funcional igual, nos diferentes momentos e circunstâncias:

A LP é usada, em certas situações, em domínios High - (Altos) e, noutras, em domínios Low - (Baixos), acontecendo o mesmo com as LBM_s. Na definição clássica de Ferguson (2003 [1959]), “a diglossia tem a ver com o uso de duas ou mais variedades da mesma língua,” em certas circunstâncias e em diferentes condições. Para Fishman (2003 [1967]), “a diglossia pode ser alargada a sociedades bilingues e multilingues.”

Neste trabalho, o pesquisador assumiu os principais pressupostos dos dois autores sobre diglossia e as críticas e (ou) contribuições de Hudson (2003), Fasold (1991 [1984]) e Firmino (2006 [2001]). As nossas hipóteses de trabalho foram as seguintes:

(1). No contexto de Maputo, algumas línguas e/ou variedades podem ser classificadas como High e outras como Low. Neste caso, o conceito de diglossia é aplicável ou é satisfatório dado que se ajusta à situação linguística prevalente não precisando, por isso, de ser reformulado ou redefinido.

(2). No contexto de Maputo, as diferentes línguas e/ou variedades desempenham, concomitantemente, diversos papéis e funções sociais, sendo problemático assumir que certas línguas e/ou variedades podem ser classificadas como High e outras como Low. Neste caso, o conceito de diglossia não é plenamente aplicável ou é aplicável, mas com algumas reservas,

pois, não há línguas que são, eminentemente High e outras que são, eminentemente Low. Não sendo plenamente satisfatório, o conceito precisa de ser repensado.

(3). No contexto de Maputo, a distinção entre as línguas e/ou variedades High e Low é irrelevante para a situação linguística da urbe, porque não captura a realidade linguística prevalente na cidade. Neste caso, o conceito de diglossia não tem fundamento ou não se aplica para explicar a situação linguística na cidade de Maputo. Não há distinção entre High e Low, impondo-se a adequação ou a reformulação do conceito.

7.2.1. PREMISSAS NA BASE DO CONCEITO DE DIGLOSSIA DE FERGUSON (1959)

A situação linguística caracteriza-se, na cidade de Maputo, não só por relações intra-língua, ou seja, da LP e suas variedades e das LBMs e suas variedades, como também por relações interlínguas, ou seja, entre a LP e as LBMs. Dado que a última perspectiva foge do escopo da abordagem de Ferguson (op.cit.), sobre diglossia, decidimos usar adiante a de Fishman (1967). Os nove critérios tipológicos de Ferguson (1959) tomam por base as relações entre variedades da mesma língua e a alocação funcional diferenciada da língua/variedade. As premissas que adiante são apresentadas, em função das hipóteses, resultam da verificação da aplicabilidade ou robustez da abordagem de Ferguson (1959), sobre diglossia, à situação linguística de Maputo.

A análise feita neste estudo permite-nos aduzir como premissas, que em Maputo há:

(1). Um certo tipo de Português que é usado nas instituições públicas, no parlamento, no ensino e em outros contextos considerados High e um certo tipo de Português que é usado nos restaurantes, no futebol, nos mercados e nas conversas informais entre membros da família, amigos e noutros contextos similares considerados Low, na abordagem de Ferguson (1959).

(2). Um caso, de certo modo atípico, que é o que se refere ao uso em domínios High do Português do Brasil (PB) nas pregações de pastores moçambicanos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) e em programas televisivos destas congregações religiosas, por um lado e por outro, da variedade da Língua Portuguesa de Maputo em domínios Low, em contextos como conversa entre amigos, colegas e familiares de crentes das referidas igrejas. Na situação descrita, o PB aparece como o mais prestigioso e o Português de Maputo (PMM) usado, coloquialmente, como o menos prestigioso. No dia-a-dia da urbe não há, todavia, evidências do uso do PB em áreas High onde o Português de Maputo actua como é o caso do ensino, do parlamento, da literatura, entre outras áreas.

Ademais, a norma vigente no país é o PE e não o PB que não possui estudos, a nível da urbe, sobre padronização, e não é estável, nos termos em que Ferguson (1959) formula a sua teoria.

(3). Um certo tipo de Xirhonga e de Xichangana, que é usado em domínios High por cidadãos sem domínio da LP, para tratarem assuntos do dia-a-dia em instituições públicas como é o caso dos tribunais comunitários, esquadras policiais, unidades sanitárias, RM, Conselho Municipal, empresas de água e energia e Grupos Dinamizadores. Noutros contextos High, a exemplo de certas igrejas, sobretudo, das áreas suburbana e da periferia de Maputo regista-se o uso exclusivo de uma LBM, em detrimento da LP, a língua oficial do país. Há ainda um certo tipo de Xirhonga e do Xichangana que é usado em casa, no futebol e noutros domínios Low.

As três situações descritas (1, 2 e 3) indicando a coexistência de duas variedades da mesma língua, com cada uma a realizar uma função distinta em determinado contexto configuram uma relação diglósica. Contudo, a situação descrita em (2), dada a sua peculiaridade indicia, em nosso entender, uma diglossia atípica: Ferguson (1959), não previu na sua abordagem que uma variedade padronizada e usada, em geral, em domínios formais, como é o caso da variedade do Português de Maputo (PMM), funcione com valor Low, rivalizando, assim, com o PB que não só não é a norma vigente no país, como também, não é usado, nem no ensino, nem no parlamento, nem na administração pública, que são domínios High. Os casos (2), já tratado, e (3), referente ao uso exclusivo de uma LBM em contextos formais como igrejas, comícios e actos fúnebres, em detrimento da LP mostram que não há situações cativas e imutáveis que determinem, à partida, que uma língua ou variedade linguística deva ser considerada H ou L.

Apresentadas as premissas na base da abordagem de Ferguson (1959), em 7.2.2. segue-se o mesmo exercício usando os termos de referência de Fishman (1967).

7.2.2. PREMISSAS NA BASE DOS PRESSUPOSTOS DE DIGLOSSIA DE FISHMAN (1967)

Como se sabe, em Maputo os cidadãos comunicam-se com recurso a vários códigos linguísticos e esta realidade é coberta através da abordagem de Fishman (1967). É esta abordagem, na qual o autor faz a distinção entre diglossia e bilinguismo, que usamos para verificar a sua robustez, em ordem a explicar a situação linguística da urbe. A análise feita neste estudo permite-nos aduzir como premissas, em função das hipóteses, o seguinte em relação à cidade de Maputo:

(1). O Português, a língua oficial do País é usado em contextos formais, como é o caso do ensino, do parlamento, das igrejas e do atendimento público nas instituições, que são domínios High. As Línguas Bantu Moçambicanas, a exemplo do Xichangana e do Xirhonga são usadas,

coloquialmente, em contextos menos formais como é o caso do futebol, dos restaurantes, das conversas entre amigos, colegas, familiares e noutros domínios Low. (ver pp 41 -49).

(2). Em determinadas circunstâncias temos o fenómeno inverso, ou seja, regista-se o uso das LBMs como o Xichangana, o Xirhonga, entre outras, em contextos formais, como é o caso da explicação aos alunos com dificuldades de entender as matérias ministradas em LP. As LBMs são também usadas em homilias nas igrejas e no atendimento público em instituições como RM, Centro de Saúde do Alto-Maé, tribunais de bairro, Grupos Dinamizadores, esquadras policiais e outros domínios H. Na situação descrita, a LP é usada em contextos menos formais como futebol e conversas entre colegas, amigos e familiares e outros domínios L. Há situações em que a LP é ignorada, mesmo em domínios Low, a favor das LBMs. (ver pp 37, 41-49).

(3). Usa-se o PMM, assim como as LBMs, geralmente, através do processo de tradução de uma língua para a outra em sermões das igrejas, em comícios, nas instituições públicas e noutros contextos formais. Há também cidadãos, que nesta pesquisa se assumiram como falantes da LP e de uma ou mais LBM (s), ou seja como bilingues ou multilingues, no sentido em que as interações diárias fazem-se com recurso à LP e a uma ou mais LBM (s). Nestas situações quer a LP quer as LBMs são usadas, individualmente, em actos coloquiais. (ver pp 37, 41-49).

As situações aqui relatadas permitem-nos fazer as seguintes leituras:

(a). O caso trazido à tona em (1), referente ao uso do LP como High e das LBMs como Low reflecte uma relação diglósica.

(b). O caso apresentado em (2), em que só se usa as LBMs em domínios High e a LP em domínios coloquiais como Low configura diglossia.

(c). Quando há traduções ou uso alternado de duas ou mais línguas (caso 3) em comícios, em homilias da IURD e da IMPD, atendimento público nas instituições, entre outras situações envolvendo cidadãos na interação diária, estamos perante o fenómeno de bilinguismo. Acabamos de apresentar as premissas com base na abordagem de Fishman (1967). A seguir, em 7.3 passamos à discussão das hipóteses e à conclusão desta pesquisa.

7. 3. DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES E CONCLUSÃO DA PESQUISA

Em função do que acabamos de ver, as constatações do estudo permitem-nos inferir o seguinte, como ilações sobre as hipóteses, tendo em conta o conceito de diglossia de Ferguson (1959):

(a). A hipótese nº1 (ver p 69), segundo a qual “no contexto de Maputo algumas variedades/e ou línguas podem ser classificadas como High e outras como Low” encontra respaldo neste estudo

no caso (1), [ver p 70], que diz que nesta cidade há “um certo tipo de Português que é usado nas instituições públicas, no parlamento, no ensino e em outros contextos considerados High e um certo tipo de Português que é usado nos restaurantes, no futebol, nos mercados e nas conversas informais entre membros da família, amigos e noutros contextos similares considerados Low.” À luz deste facto podemos afirmar que a hipótese (nº1) se aplica ao contexto da cidade de Maputo. Consideramos, contudo, que essa aplicabilidade, não é plena porque reflecte apenas uma parte da situação linguística e não a totalidade de situações geradoras de diglossia na urbe.

(b). A terceira hipótese tem a seguinte formulação: “no contexto de Maputo, a distinção entre as línguas e/ou variedades High e Low é irrelevante para a situação linguística de Maputo porque não captura a realidade linguística prevalecente na cidade.” (ver pp 69-70). O nosso estudo, ao confrontar a abordagem de Ferguson (1967), à situação linguística da urbe, não encontrou evidências empíricas que revelem a sua robustez ou aplicabilidade ao postulado na hipótese. Assim sendo, somos pela sua rejeição porque não explica, nem a situação, nem o tipo de relações linguísticas prevalecentes na cidade de Maputo.

(c). A segunda hipótese (ver p 69) por nós formulada é do seguinte teor: “no contexto de Maputo, as diferentes línguas e/ou variedades desempenham, concomitantemente, diversos papéis e funções sociais, sendo problemático assumir que certas línguas e/ou variedades podem ser classificadas como High e outras como Low.” Esta hipótese é válida encontrando respaldo em dois casos (ver pp 70- 71) analisados neste estudo com base na abordagem de Ferguson (1959): Referimo-nos aos casos (2) e (3). O caso (2) reporta a situação em que uma Língua High, como o Português da Cidade de Maputo (PMM), que preenche as condições estabelecidas por Ferguson (op.cit.), para ser considerada dos domínios High, aparece num determinado contexto como Low, a favor de uma língua ou variedade que não preenche todos os requisitos ou critérios definidores de diglossia estabelecidos pelo estudioso. Este é o caso do Português do Brasil (PB) usado em programas televisivos, em cerimónias fúnebres e em homilias na IURD e na IMPD, como High. O caso (3) tem a ver com o uso de uma certa variedade das Línguas Bantu Moçambicanas, por vezes, exclusivamente, em homilias nas igrejas, no atendimento público em instituições como a RM, Centro de Saúde do Alto Maé, Grupos Dinamizadores, esquadras policiais e tribunais comunitários, que são domínios High (oficiais) e logo, à luz da abordagem de Ferguson (1959), estes são espaços “de direito” da LP. Há (uma) certa (s) variedade (s) da (s) LBM (s) que é (são) usada (s) em domínios Low como conversas entre familiares, amigos e colegas. Os dois casos mostram o carácter dinâmico dos fenómenos linguísticos na sociedade. Mostram ainda que não há lugares cativos e imutáveis

que determinem, à partida, que uma língua ou variedade deva ser sempre e em todos os contextos considerada High e outra Low e vice-versa. A hipótese 2 capta essa realidade.

Em relação aos termos de referência de Fishman (1967), as inferências que podemos aduzir em função das hipóteses são as seguintes:

(a). A primeira hipótese deste estudo, segundo a qual: “no contexto de Maputo, algumas variedades e/ou línguas podem ser classificadas como High e outras como Low” encontra cobertura no caso (1) descrito nas pp 71- 72 e que declara o seguinte: “O Português, a língua oficial do País é usado em contextos formais como é o caso do ensino, do parlamento, das igrejas e do atendimento público nas instituições, que são domínios High. As Línguas Bantu Moçambicanas, como o Xichangana e o Xirhonga, entre outras, são usadas, coloquialmente, em contextos menos formais como é o caso do futebol, dos restaurantes, das conversas entre amigos, familiares e noutros domínios Low.” É por isso, que julgamos que esta hipótese é aceitável, embora a assumamos com algumas reservas, na medida em que ela cobre, apenas, uma parte e não a totalidade dos fenómenos linguísticos que se verificam na urbe.

(b). A terceira hipótese deste trabalho considera que “no contexto de Maputo, a distinção entre as línguas e/ou variedades High e Low é irrelevante para a situação linguística de Maputo porque não captura a realidade linguística prevalecte na urbe.” O nosso estudo confrontou a abordagem de Fishman (1967), sobre o fenómeno diglósico, com a situação linguística de Maputo e não encontrou evidências empíricas que indiciem a sua aplicabilidade ao postulado na hipótese. (ver os casos 1, 2, 3 nas pp 71-72) Assim sendo, a nossa posição é de rejeitá-la.

(c). A segunda hipótese considera que “no contexto de Maputo, as diferentes línguas e/ou variedades desempenham, concomitantemente, diversos papéis e funções sociais, sendo problemático assumir, que certas línguas e/ou variedades podem ser classificadas como High e outras como Low.” Esta hipótese encontra cobertura nos factos descritos no caso (2) [ver p 72], que se refere ao uso das LBMs, entre elas, o Xichangana e o Xirhonga em contextos formais, para explicação a alunos com dificuldades de assimilação de matérias escolares em Português, homilias nas igrejas, atendimento público em instituições como RM, Grupos Dinamizadores, esquadras policiais, tribunais comunitários, unidades sanitárias, a exemplo do Centro de Saúde do Alto - Maé, entre outros domínios High. A Língua Portuguesa é usada, coloquialmente, (por vezes é ignorada), para conversas entre amigos, colegas e familiares, como Low. Esta situação parece atípica tendo em conta a abordagem de Fishman (1967), pelo facto de o Português, dado o seu estatuto de língua oficial, estar associado aos domínios elevados e as LBMs, dado o seu

estatuto de não oficiais, serem conotadas com os domínios baixos. Estes factos mostram que os fenómenos linguísticos não são estáticos ou imutáveis. São uma construção social e, por isso, estão sujeitos a factores sócio-históricos e ideológicos que caracterizam as sociedades. Há, com efeito, contextos em que (uma) variedade (s) de uma LBM ou do LP, com estatuto (s) (High e/ou Low), estabelece (m) relações diglósicas no sentido LBM/LP ou LP/LBM. Tendo em conta os factos descritos e tomando como pano de fundo os termos de referência de Fishman (1967) consideramos que a segunda hipótese deste estudo é aplicável à situação linguística de Maputo, embora a assumamos com algumas reservas porque, tal como vimos, anteriormente, através da análise à abordagem de Ferguson (1959), não “há línguas que são, eminentemente High e outras que são, eminentemente Low.”

Feita a discussão das hipóteses na base das abordagens de Ferguson (1959), e de Fishman (1967), os factos apurados no estudo permitem-nos tecer as seguintes considerações:

(1). Quer, através dos critérios tipológicos de Ferguson (1959), quer através dos termos de referência de Fishman (1967), a primeira hipótese é verificável e ela diz-nos o seguinte: Que na cidade de Maputo, “algumas línguas podem ser classificadas como High e outras como Low.” Em função desta constatação, o conceito de diglossia é aplicável à situação linguística prevalecente na urbe, mas os termos de referência ou critérios de ambos os autores devem ser assumidos com reservas porque não se aplicam, plenamente, ao contexto sociolinguístico em análise. Os pressupostos dos dois autores devem ser melhorados, uma vez que deixam de lado algumas realidades que também favorecem o surgimento de relações diglósicas como tentamos demonstrar ao longo da presente pesquisa referente ao caso da cidade de Maputo (ver pp 56-66). Assim sendo, a hipótese nº 1 é aceitável, mas com algumas reservas.

(2). Quer, através dos critérios tipológicos de Ferguson (1959), quer dos termos de referência de Fishman (1967), a terceira hipótese não parece ser a mais adequada para explicar a situação linguística de Maputo, pois, estipula que “ a distinção entre as línguas H e L é irrelevante para a situação linguística de Maputo porque não captura determinadas realidades prevalecentes na urbe.” Na verdade, ela não captura determinadas realidades, mas não se pode afirmar categoricamente que o conceito de diglossia não tem fundamento. Este conceito deve ser ajustado às dinâmicas sociais, o que pressupõe não se olhar para os fenómenos linguísticos de forma estreita (ver pp 56-66). Assim sendo, a hipótese nº 3 é de rejeitar.

(3). Quer, através da abordagem de Ferguson (1959), quer através dos termos de referência de Fishman (1967), e tendo em conta os resultados da presente pesquisa, a segunda hipótese

pareceu-nos a mais adequada para explicar a situação linguística da cidade de Maputo, pois, ela indica-nos que as diferentes línguas e variedades desta urbe “desempenham, concomitantemente, diversos papéis e funções sociais, sendo problemático assumir que certas línguas podem ser classificadas como High, e outras como Low.” Quer dizer, dependendo do contexto, uma língua pode assumir o papel H ou L como vimos neste trabalho. (ver pp 56-66).

Por esta, e por outras razões apresentadas no capítulo VI, não é possível afirmar, categoricamente, que o conceito de diglossia de Ferguson (1959), ou que os termos de referência de Fishman (1967) é (são) “plenamente aplicável (eis).” Esta asserção conduz-nos a assumirmos as abordagens dos dois autores sobre diglossia com algumas reservas, pois, não há, no contexto de Maputo, um(a) língua (s) /dialecto (s) /variedade (s) que é (são), eminentemente High e outra (s) que é (são), eminentemente Low. Assim sendo, a hipótese nº 2 é aceitável, mas com algumas reservas, pelos factos arrolados a respeito neste estudo. (ver pp 56- 66).

Em função deste estudo a conclusão de fundo desta pesquisa é:

O conceito de diglossia de Ferguson (1959), e os termos de referência de Fishman (1967), na forma como foram concebidos pelos autores, não se ajustam de todo para explicar a situação linguística prevalecente na cidade de Maputo, pelo que devem ser melhorados ou reformulados de forma a prever algumas realidades como as expostas, minuciosamente, nesta pesquisa.

Em nosso entender, o presente estudo mostrou, na essência, que na cidade de Maputo a LP herdada da antiga potência colonizadora e que, por isso, goza de prestígio, mormente, por ter sido adoptada como língua oficial e por estar associada aos chamados domínios High, está em permanente contacto com as LBMs, consideradas menos prestigiosas e que são, geralmente, associadas aos chamados domínios Low. Não obstante, como vimos neste estudo, as LBMs são vistas pelos falantes como portadoras de valores como a herança cultural, a tradição histórica, a solidariedade e a identidade nacional, o que por si só, gera competitividade e disputa de espaço. O presente estudo permitiu-nos observar que o conceito de diglossia de Ferguson (1959) foi concebido num contexto sociolinguístico diferente do de Moçambique que é, marcadamente, multilingue e pós-colonial e isso, tem implicações na repartição dos papéis sociais que cabem aos recursos linguísticos existentes, particularmente, na cidade de Maputo. Mesmo a perspectiva de Fishman (1967), que toma em conta essa realidade, não previu todas as situações geradoras de uma relação diglósica, como é o facto de a LP, que já é High, através dos seus falantes estarem a exigir o uso desta língua, não só neste domínio, como também ao nível dos chamados domínios Low, como no futebol, nos restaurantes, nas conversas entre amigos,

familiares e colegas, e o facto de as LBMs conotadas com os domínios Low, através dos seus falantes estarem a exigir o seu uso nos chamados domínios High, como é o caso da administração pública, do parlamento, do ensino, das igrejas e dos tribunais, provavelmente, por se acharem nativas e portadoras de valores sócio-simbólicos já indicados como sejam - a herança cultural, a tradição histórica, a solidariedade e a identidade nacional - e por isso, se considerarem mais aptas para circular em todos os domínios, desde o Low até ao High.

Em suma, este estudo mostra que em Maputo, não há traços linguísticos ou outros, que definam, à partida, que uma língua é Low ou High. Como diria Firmino (2006 [2001]:33-4), nem Ferguson (1972 [1959]), nem as reformulações subsequentes do conceito de diglossia “esgotam todas as possibilidades explanatórias no que toca à interacção de códigos linguísticos numa comunidade linguística.” Corroboramos o ponto de vista do académico quando defende que “não existem traços linguísticos que estejam intrinsecamente ligados a uma variedade ‘alta’ (high) ou ‘baixa’ (low). Antes, o facto de uma variedade ser ‘alta’ ou ‘baixa’ radica na forma como foram historicamente construídas as percepções sociais desses aspectos.” Colocados os assuntos nestes termos fica claro, em nosso modesto entender, que apesar da importância do conceito de diglossia na óptica de Ferguson (1959), cujo paradigma assenta na variação intralinguística e da sua redefinição por Fishman (1967), cujo acento tónico assenta na variação interlinguística, incluindo a abordagem de Ferguson (1959), há *nuances* que mostram algumas lacunas que devem ser repensadas, para adequar as duas abordagens teóricas às dinâmicas subjacentes aos usos linguísticos em sociedades como a nossa (de Moçambique), que são, marcadamente, multilingues, multiétnicas e multiculturais, como este estudo procurou demonstrar. Sendo assim e fazendo fé às constatações deste estudo, o que tem de ser melhorado e adequado nas abordagens teóricas dos dois estudiosos do fenómeno diglósico (e do bilinguismo) no caso de Fishman (1967), é a questão da compartimentalização rígida da alocação funcional dos papéis sociais diferenciados das/dos línguas/variedades/dialectos em termos de serem High e (ou) Low, dado o carácter dinâmico dos fenómenos linguísticos.

Tal como mostrou o presente estudo, a alocação funcional diferenciada dos valores High e Low resulta de percepções sociais e ideológicas. Tem a ver com o contexto político e histórico e não apenas com aspectos linguísticos. Na relação de distribuição funcional dos usos linguísticos, uma variedade/língua ou dialecto pode (m) ser High ou Low num determinado momento ou circunstância histórica, mas poderá (ã o) não assumir, eternamente, essa (s) posição (ões). Como mostrou este estudo, as LBMs em determinados contextos são High e noutros são Low. Em certos contextos o Português de Maputo é High e noutros é Low ou é preterido. O PB, que

não é a norma vigente em Moçambique assume o estatuto High ao nível das homilias na IURD e na IMPD, em certos eventos fúnebres e programas televisivos, em detrimento do Português de Maputo que utiliza a norma vigente no país (o PE), mas funciona naqueles casos como Low.

Há casos em que uma variedade Low obteve o estatuto de língua oficial, (caso da Grécia) e há casos múltiplos de diglossia reportados por Fasold (1991 [1984]), que extravasam as abordagens dos dois principais estudiosos do fenómeno diglósico. Em nosso modesto entender, estes são, entre outros, alguns dos dilemas que teriam de ser resolvidos, nos paradigmas funcionalistas de Ferguson (1959) e de Fishman (1967), de forma a adequar o conceito de diglossia às dinâmicas sociais e linguísticas. É por isso que, nem a diglossia, nem o bilinguismo devem ser encarados de forma taxativa. Daí que se sugere a consideração de factores sócio-históricos e político-ideológicos, e não apenas linguísticos, na abordagem e análise daqueles fenómenos. A seguir, em 7.4. apresentamos as recomendações deste estudo.

7.4. RECOMENDAÇÕES

Apresentadas as conclusões, as nossas recomendações para futuras pesquisas são as seguintes:

- Que futuros estudos aprofundem a presente pesquisa sobre “A Diglossia e a Situação Linguística da Cidade de Maputo” procurando verificar, se o fenómeno diglósico tem ou não tendência de se expandir ou está, apenas, confinado aos casos aqui relatados.
- Uma outra vertente de pesquisa seria verificar o tipo de relações linguísticas prevaletentes e que têm a ver com as comunidades migrantes estabelecidas em Moçambique na história recente do país em razão de estudos, de negócios ou de trabalho. Idêntico estudo poderia ser realizado, mas desta feita, contemplando membros das comunidades asiáticas que se estabeleceram há séculos no país: referimo-nos, no geral, a indivíduos de origem indiana, paquistanesa e chinesa.
- Um estudo da diglossia à escala do país determinaria a sua extensão e profundidade.

O nosso estudo termina aqui. Julgamos que outras pesquisas poderão refutar ou aceitar os resultados a que chegamos nesta modesta contribuição na área da Sociolinguística.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Appel, René e Muysken, Pieter (1987). *Language Contact and Bilingualism*, (pp. 22-23). London: Edward Arnold.

Araújo, Manuel (1999). Cidade de Maputo, Espaços Contrastantes: do Urbano ao Rural. Separata da *Revista Finisterra*, XXXIV, 67-68, 1999, (pp. 175- 190). Lisboa.

Araújo, Manuel (2001-2002). Ruralidades-Urbanidades em Moçambique. Conceitos ou Preconceitos. In *Geografia. Revista da Faculdade de Letras*, (pp. 5-11). I Série, vol. XVII-XVIII. Porto: Universidade do Porto.

Benson, Carolyn (1997). *Relatório Final sobre o Ensino Bilingue: Resultados da Avaliação Externa da Experiência de Escolarização Bilingue em Moçambique*, (pp. 1-57). Maputo: INDE.

Biderman, Maria T. (2001). O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidades e Contrastes. Artigo publicado na *Revue Belge de Philologie e d'Histoire*, nº 3, (pp. 963- 975). *Langue et Literature Modernes*. Vol. 79. Brussels.

Camacho, Roberto G. (2004). Norma Culta e Variedades Linguísticas. *Cadernos de Formação: Língua Portuguesa*, (pp. 34-49). São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

Carvalho, José G. H. de (1979). *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenómeno Linguístico e Análise das Línguas*. Tomo I, 4ª Tiragem. Coimbra: Atlântida Editora.

Chambela, Rafael, Bisqué, António e Bona, Maria (2012). *Relatório dos Resultados da Implementação do Ensino Bilingue 2003 a 2009*, (pp. 4-54). Maputo: INDE/MINED.

Chambela, Rafael, Bisqué, José, Matavele, Celeste e Bona, Maria (2006). O Ensino Bilingue em Moçambique: O presente e o Futuro. Comunicação apresentada no âmbito da *Disseminação do Ensino Bilingue aos Institutos Superiores Pedagógicos, Direcções Provinciais e Distritais de Educação e Cultura e Quadros do MEC*, (pp. 2-26). Maputo: INDE.

Chimbutane, Feliciano e Stroud, Christopher (orgs.) (2012). *Educação Bilingue em Moçambique: Reflectindo Criticamente sobre Políticas e Práticas*, (pp. 5-248). 1ª Edição. Maputo: Texto Editores.

Chomsky, Noam (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*, (pp. 3-274). Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Chomsky, Noam (1994 [1986]). *O Conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso*, (pp. 21-323). Lisboa: Editorial Caminho, Coleção Universitária, Série Linguística.

Covane, Luís A. (1987). Lourenço Marques e o Transvaal, 1852-1928. In *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 2, (pp.76- 84). Maputo.

Cunha, Celso e Cintra, Lindley (1994). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 10ª Edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Dimande, Ricardo (2003). *Política Linguística na Rádio Moçambique: O Caso do Emissor Interprovincial de Maputo e Gaza*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de licenciatura em linguística na Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. Não Publicada.

Duranti, Alessandro (1997). Language Diversity. In *Linguistic Anthropology*, (pp. 51-85). Cambridge: CUP.

Fasold, Ralph (1991 [1984]). *The Sociolinguistics of Society*. Vol 1. New York: Blackwell.

Fasold, Ralph (1997 [1990]). *Sociolinguistics of Language*. Vol 2. Oxford, New York: Blackwell.

Ferguson, Charles. (2003[1959]). Diglossia. In Pauslston, Cristina B. e Tucker, G. Richard. *Sociolinguistics: The Essential Readings*, (pp.345-358). Malden-MA. e Oxford, UK: Blackwell.

Firmino, Gregório (1994a). A Problemática da Diversidade Linguística Face à Democratização de Moçambique. Comunicação apresentada no *Seminário Sobre Comunicação Social e Democracia* realizado de 8 a 10 de Setembro de 1994 em Maputo, sob a égide da Organização Nacional de Jornalistas e da Federação Internacional de Jornalistas, (pp. 1-16). Maputo: UEM.

Firmino, Gregório (1994b). O Caso do Português e das Línguas Indígenas de Moçambique (Subsídios Para uma Política Linguística), (pp. 3-15). Maputo: UEM. Artigo publicado também na *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, em Julho de 1995, (13:33 -43). Lisboa.

Firmino, Gregório (2000). *Situação Linguística de Moçambique. Dados do II Censo Geral da População e Habitação* de 1997. Série nº 13. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.

Firmino, Gregório (2001). A Sociolinguistic Survey of Mozambican Languages (Por uma Caracterização de Aspectos da Situação Sociolinguística de Moçambique: Apresentação de um Projecto). Comunicação apresentada no *Seminário de Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Faculdade de Letras*, realizado em Outubro de 2001, (pp.1- 4). Maputo: UEM.

- Firmino, Gregório (2006 [2001]). *A Questão Linguística Africana “na África Pós-colonial”- O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*, (pp.7-208). Maputo: Promédia.
- Fishman, Joshua (1972). Societal Bilingualism: Stable and Transitional. *The Sociology of Language*, (pp. 91-106). Rowley: Newbury House, Section VI.
- Fishman, Joshua (2003 [1967]). Bilingualism With and Without Diglossia, Diglossia With and Without Bilingualism. In Paulston, Cristina B. e Tucker, G. Richard. *Sociolinguistics: The Essential Readings*, (pp. 359 -366). Malden-MA. e Oxford, UK: Blackwell.
- Garmadi, Juliette. (1983). *Introdução à Sociolinguística*. 1ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Colecção Universidade Moderna.
- Gonçalves, Perpétua (1997a). Metodologia de Recolha de Dados. In Stroud, Christopher e Gonçalves, Perpétua (org.). *Panorama do Português Oral de Maputo. Volume I- Objectivos e Métodos*, (pp. 47-73). Cadernos de Pesquisa nº 22. Maputo: Edição do INDE.
- Gonçalves, Perpétua (1997b). Tipologia de “Erros” do Português Oral de Maputo: Um Primeiro Diagnóstico. In Stroud, Christopher e Gonçalves, Perpétua (org.). *Panorama do Português Oral de Maputo. Volume II- a Construção de um Banco de “Erros,”* (pp. 37-70). Cadernos de Pesquisa nº 24. Maputo: Edição do INDE.
- Gumperz, John (1964). Linguistic and Social Interaction in Two Communities. In Gumperz, John e Hymes, Dell (eds.). *The Ethnography of Communication: American Anthropologist*, (pp. 137:153). Volume 66, Issue 6, Part 2. Berkeley: University of California.
- Gumperz, John (1972). “Introduction.” In Gumperz, John e Hymes, Dell (eds.). *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*, (pp. 1-25). New York: Blackwell.
- Guthrie, Malcolm (1967-71). *Comparative Bantu Studies: An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of Bantu Languages*. Vol 2. Gregg. London: Press.
- Hoffman, Charlotte (1991). *An Introduction to Bilingualism*. London & New York: Longman.
- Holmes, Janet. (2001[1992]). *An Introduction to Bilingualism*. London: Longman Group.
- Hudson, Alan (2003). Toward The Systemic Study of Diglossia. In Paulston, Cristina Bratt e Tucker, G. Richard. *Sociolinguistics: The Essential Readings*, (pp. 367-377). Malden-MA. e Oxford, UK: Blackwell.
- Hudson, Richard. A. (1993 [1980]). *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hymes, Dell (1992). On Communicative Competence. In Pride, John e Holmes, Janet. (eds). *Sociolinguistics*, (pp. 269-293). Harmondsworth, England: Penguin Books.

Instituto Nacional de Estatística (1999). *II Recenseamento Geral da Poluição e Habitação*. (1997). *Resultados Definitivos*. Maputo.

Instituto Nacional de Estatística (2010). *III Recenseamento Geral da População e Habitação. Cidade de Maputo*. (2007). Maputo.

Katupha, José M. (1985). O Panorama Linguístico de Moçambique e a Contribuição da Linguística na Definição de uma Política Linguística Apropriada. In Actas do *I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* realizado em Lisboa de 2 a 4 de Outubro de 1985, (pp. 317-328). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Labov, William (1966). *The Social Stratification of English in New York City*, (pp. 3-655). Washington DC: Center for Applied Linguistics.

Laitin, David (1992). *Language Repertoires and State Construction in Africa*. Cambridge: Cambridge University Press.

Legislação Básica da Assembleia da República (2014). Lei nº 13/2014. *Regimento da Assembleia da República*. Maputo.

Lemos, Manuel (1987). Maputo, Deste Lado da Baía: Considerações Sobre a Toponímia da Cidade. In: *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 2, (pp. 5-18). Maputo.

Liesegang, Gerhard (1987). Lourenço Marques Antes de 1895: Aspectos da História dos Estados Vizinhos, da Interacção entre a Povoação e Aqueles Estados e do Comércio na Baía e na Povoação. In *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 2, (pp.19-76). Maputo.

Lincoln, Y. S. e Guba, E. G. (2003). Paradigmatic Controversies, Contradictions and Emerging Confluences. In Denzin, Norman. e Lincoln, Y. S. (eds.). *The Landscape of Qualitative Research- Theories and Issues*, (pp. 253-291). 2nd Edition, Newbury Sage.

Liphola, Marcelino M. (1992). O Alcance da Informação e o Desenvolvimento Rural no Quadro Sociolinguístico Vigente em Moçambique. Comunicação apresentada no *Seminário Sobre a Radiodifusão e Desenvolvimento Rural Hoje*, realizado em Dezembro de 1992 em Maputo, (pp. 1- 9). Maputo: UEM, NELIMO.

Liphola, Marcelino M. (2009). Desafios na Gestão da Diversidade do Património Linguístico em Moçambique. Comunicação apresentada na *II Conferência Nacional Sobre Cultura* realizada em Maputo de 14 a 16 de Maio de 2009, (pp. 1-27). Maputo.

Lopes, Armando J. (2004). *A Batalha das Línguas: Perspectivas Sobre a Linguística Aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária.

Lopes, Armando, Siteo, Salvador e Nhamuende, Paulino (2002). *Moçambicanismos: Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano*. Maputo: UEM. Livraria Universitária.

Muchangos, Aniceto dos (1987). Traços Gerais da Cidade de Maputo. In *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 2, (pp. 122-135). Maputo.

NELIMO (1989). *Relatório do I Seminário de Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE, NELIMO/UEM.

Ngunga, Armindo (2002). Língua Portuguesa e Línguas Moçambicanas: Que Relações? *V Congresso Internacional de Ciências de Comunicação dos Países de Língua (Oficial) Portuguesa* realizado em Maputo de 16 a 19 de Abril de 2002, (pp. 1-5). Maputo: UEM

Ngunga, Armindo (2009). O Papel dos Órgãos de Comunicação Social na Promoção da Cultura. Comunicação apresentada na *II Conferência Nacional Sobre Cultura* realizada em Maputo de 14 a 16 de Maio de 2009, (pp. 1-9). Maputo.

Ngunga, Armindo (2012). Interferência de Línguas Moçambicanas em Português Falado em Moçambique. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, (pp. 1-20). Maputo: Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane.

República de Moçambique (2004). *Constituição da República de Moçambique* [Actualizada]. Edição de 2008, (pp. 3-131). Maputo: Imprensa Nacional.

Rodrigues, Ermínio (1981). Português do Brasil e Português de Portugal: Diferenças. *Alfa-Revista de Linguística*, (25: 69-96). São Paulo:UNESP

Romaine, Suzanne (1995 [1989]). *Bilingualism*. 2nd Edition. Oxford: Blackwell.

Salomão, Sónia N. (2012). *A Língua Portuguesa nos Seus Percursos Multiculturais*, (pp. 5-302). Roma: Sapienza, Università di Roma. Editora Nueva Cultura.

Santos, Ângela dos (2003). A Suposta Supremacia da Fala Carioca: Uma Questão de Norma.

Artigo publicado nos *Cadernos do VII Congresso Nacional de Linguística*, (pp. 69-76). Rio de Janeiro, Brasil: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sitoe, Bento (2000). *Motivação Semântica e Sócio-Cultural na Organização das Classes Nominais- Sua Influência Sobre a Sintaxe: O Caso do Changana*. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional sobre L'Umanesimo Latino e L'Umanesimo Africano* organizado pela Fundação Cassamarca e pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, na Cidade da Praia, Cabo Verde de 6 a 8 de Janeiro de 2000. Publicada nos "Proceedings" do evento pelo CEA- Universidade do Porto e pela Fondazione Cassamarca, (pp. 44- 54). Praia, Cabo Verde.

Sitoe, Bento e Ngunga, Armindo (eds.) (2000). *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas* realizado na Matola (Maputo) de 8 a 12 de Março de 1999. Maputo: Edição do NELIMO.

Stroud, Christopher (1997). Os Conceitos de "Erro" e "Norma." In Stroud, Christopher e Gonçalves, Perpétua (org.) *Panorama do Português Oral de Maputo. Volume I- Objectivos e Métodos*, (pp. 9-35). Cadernos de Pesquisa nº 24. Maputo: Edição do INDE/MINED.

Trudgill, Peter (2000 [1974]). *Sociolinguistics. An Introduction to Language and Society*. 4th Edition. London and New York: Penguin Books.

Wardghaugh, Ronald (1993). *An Introduction to Sociolinguistics*. 2nd Edition. Oxford (UK) e Cambridge (USA): Blackwell.

MATERIAL CONSULTADO OU RECOLHIDO:

-Depoimento de Barnabé Nkrumula sobre usos linguísticos em Niassa. Outras fontes orais (inquiridas e entrevistadas) devidamente indicadas na pesquisa.

-Documentos sobre o Ensino Bilingue (INDE e Associação Progresso, UEM, Livrarias, RM), Noticiários e Programas e peças teatrais produzidos em LBMs, (na RM).

-Documentos e Livros (no Arquivo Histórico, INE, UEM, RM e acervo pessoal).

-Entrevista concedida pelo Professor Manuel Araújo no dia 11.5.011 sobre a *Caracterização Sociológica da Cidade de Maputo*. O trabalho trata os dados da entrevista em Araújo (2011).

Os mapas inseridos nos anexos são um produto da Direcção Nacional da Geografia e Cadastro.

-Regimento da AR [Parlamento] (anexo 15); Regimento da AMCM, 2009-2013. (anexo 14);

ANEXOS

ANEXO 1-INQUÉRITO SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS NA CIDADE DE MAPUTO

Destinatários: Os inquéritos são dirigidos a alunos, professores, jornalistas, líderes religiosos, crentes, dirigentes de algumas instituições públicas, funcionários públicos, etc.

Local da ministração: RM, AIM, Magazine Independente, Mercado de Zimpeto, Escola Primária Completa da Coop, Escola Secundária Josina Machel, Bairros da Mafalala, Urbanização, Igreja Presbiteriana, Mesquitas da Baixa, Paróquia de S. Joaquim, Bairros Central A, Alto Maé e Urbanização, etc.

OBJECTIVO DO INQUÉRITO:

- Obter dados que nos permitam perceber qual é a situação linguística da cidade de Maputo.
- Os dados em referência dar-nos-ão indicações sobre como é que pode ser entendido o fenómeno diglósico nesta parcela do país.
- Os dados dar-nos-ão, também, informações úteis com vista a aferir ao grau de aplicabilidade do (s) conceito (s) de diglossia de Ferguson (2003 [1959]) e Fishman (2003 [1967]).

O-Queira, por favor, preencher o inquérito no espaço em branco procurando respeitar os números de cada questão. Se achar que a informação solicitada não é aplicável a si, deixe o espaço em branco.

HISTÓRIA SOCIAL OU PERFIL SOCIAL DOS INQUIRIDOS

1. Nome___ (facultativo) _____ sexo:masc_____fem_____
2. A qual dos grupos pertence? O-9anos-- 10-19anos___ 20-39anos___ 40-49 anos___ 50- +___. 3- Ocupação_____ Onde é que fez o seu ensino primário?_____E o secundário?_____e o superior?_____.

CONHECIMENTO LINGUÍSTICO/PERFIL (SÓCIO) LINGUÍSTICO

4. Qual (is) é (são) a (s) língua (s) que V. conhece ou fala com frequência? Português___Xichangana___Xirhonga___Xitshwa___Gitonga___Cicope ___outras línguas___Quais?_____.
5. Qual é a (s) língua (s) que V. aprendeu primeiro antes de ir à Escola?_____Português?_____Xichangana___Xirhonga___Xitshwa___Gitonga___Cicope___outra (s) _____.

6. Qual é (são) a língua (s) que V. aprendeu na escola?
Português? _____ Xichangana _____ Xirhonga _____ Xitshwa _____
Gitonga _____ Cicopi _____ Outra (s) _____.

7. Qual é (são) a (s) língua (s) que V. aprendeu no ensino primário? _____ No
ensino secundário _____ No Ensino superior _____.

USOS LINGUÍSTICOS

8. Qual é a língua (s) que usa normalmente para se comunicar com os seus pais, irmãos
avós? _____.

9. Qual é a língua (s) que V. usa normalmente para se comunicar com o/a seu/sua
esposo/a? _____ e com os seus filhos? _____.

10. Qual é a língua (s) que V. usa para falar com os seus
amigos? _____ com os vizinhos? _____

E quando V. vai visitar alguém? _____.

11. Qual é a língua (s) que os seus colegas usam quando o (a) abordam a
si? _____. E quando V. fala com eles e com os seus
superiores? _____.

12. Qual é a língua (s) que V. usa nas festas? _____, nos
restaurantes? _____ no futebol? _____ na visita a um/colega/amigo/ familiar
na aldeia? _____.

13. Vai com frequência ao Mercado? _____ Que língua (s) usa no processo de compra de
produtos? _____.

14. Quando V. trata um documento numa instituição que língua é que usa normalmente?
_____ Em que língua é que o funcionário lhe aborda a si? _____.

EMPREGOS LINGUÍSTICOS DA LP E DAS LMO

15. Existe literatura na LP ou noutra (s) Língua (s) Moçambicana (s)? _____

Qual (is) é/são os livro (s) que conhece _____.

16. Na sua igreja em que língua está escrita a liturgia (palavra de Deus)?_____.

ATITUDES E PERCEPÇÕES SOBRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E BANTU MOÇAMBICANAS

17. Qual é (são) a (s) língua (s) que gostaria que fosse (m) usada (s) no ensino e nas instituições públicas? (LP ou LMO). Ambas ou nenhuma?_____

Porquê_____

VALOR DA LP E DAS LMO

18. Acha que a língua Portuguesa tem algum valor?_____

Porquê?_____

19. E as Línguas Bantu Moçambicanas têm valor/são importantes?

_____Porquê?_____

ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DO USO DA LP E DAS LMO/ FUTURO DA LP E DAS LMO

20. A Língua Portuguesa tem futuro?_____Porquê?_____

20.1. Se acha que não tem nenhum futuro explique porque é que não tem.

21. As Línguas Bantu Moçambicanas têm algum futuro?_____Porquê_____

21.1. Se acha que não têm futuro, explique porque é que acha que não o têm?

Obrigado pela sua colaboração

ANEXO2-GUIÃO PARA ENTREVISTA ESTRUTURADA SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS NA CIDADE DE MAPUTO

A entrevista é adaptada ao tipo de interlocutor com quem o pesquisador interage.

Público-alvo- Homens e Mulheres de várias ocupações e níveis sociais, de diferentes locais de trabalho e de residência como professores, alunos, Jornalistas e vendedores do mercado, etc.

Local da realização: AIM, RM, Mercado Zimpeto e Escola Primária Completa do Albazine.

OBJECTIVO DA ENTREVISTA:

- Obter dados que nos permitam perceber qual é a situação linguística da cidade de Maputo.
- São dados que nos darão indicações sobre como entender o fenómeno diglósico em Maputo.
- Aferir a aplicabilidade do (s) conceito (s) de diglossia de Ferguson ([1959) e Fishman ([1967).

HISTÓRIA SOCIAL DOS ENTREVISTADOS (PERFIL SOCIAL DOS ENTREVISTADOS)

- 1.Nome do entrevistado _____Sexo: Masc _____Fem _____
2. Idade _____ Ocupação _____ Bairro em que reside _____ Local de trabalho _____ Outros dados que julgar relevantes _____.

CONHECIMENTO LINGUÍSTICO DOS ENTREVISTADOS/PERFIL LINGUÍSTICO

3. Qual é (quais são) a (s) língua (s) que v. conhece ou fala com frequência?- _____Qual é o domínio que v. tem dessa (s) língua (s): Muito bom _____ Bom _____ Razoável _____ Mau _____.

USOS LINGUÍSTICOS/USO DA LP E DAS LMO

4. Qual (is) é (são) a (s) língua (s) que usa em casa com a família? Uma Língua Africana (Bantu) Moçambicana? _____ Qual (is) _____ Onde é que a aprendeu? Na Escola? _____ Em casa? _____ Na Rua? _____ Na Igreja? _____ No Mercado? _____ com os amigos? _____ Uma língua europeia/oficial (o português) _____ onde é que a aprendeu? _____ Na escola? _____ Em casa? _____ Na Rua _____ Na Igreja? _____ No Mercado _____ Com os amigos? _____.

5. Qual é (são) a (s) língua (s) que usa no contacto com os colegas no serviço?

6. Quando vai a uma instituição pública em que língua (s) é que se dirige ao funcionário?_____Em que língua (s) é que o funcionário(a) se dirige a si?_____Em que língua (s) é que gostaria que o funcionário se dirigisse a si?

_____.

7. Na sua igreja em que língua (s) é que é dada a homilia (mensagem de Deus)?_____E no mercado em que língua é que se comunica com as (os) vendedeiras (vendedores) durante as suas compras?_____.

ATTITUDES E PERCEPÇÕES EM RELAÇÃO À LP E ÀS LMO

8. Qual é a língua que gostaria que fosse utilizada na (s) escola (s) e nas instituições públicas? A LP ou as LBM. As duas ou nenhuma?_____

9. Acha que dever-se-ia utilizar apenas a LP ou uma / (as) língua (s) africana (s) moçambicana (s) na (s) escola (s) e nas instituições públicas_____Porquê?

VALOR DA LP E DAS LMOs NA SOCIEDADE

Queira, por favor, tecer quaisquer comentários que julgar pertinentes em redor do

Valor da (s) língua (s) na nossa sociedade (caso do Português e das Línguas (Bantu) Moçambicanas. Qual é o valor da LP e das LBMs?) _____

ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DO USO DA LP E DAS LMOs/FUTURO DA LP E DAS LMs NA SOCIEDADE

11. Qual é que acha que é o futuro do Português? _____Porquê?_____

11.1. Se acha que não tem nenhum futuro, explique porque é que não tem nenhum valor.

12. E as Línguas Bantu Moçambicanas têm futuro? _____Porquê?_____

12.1. Se acha que não têm nenhum valor, explique porque é que não têm nenhum valor.

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO

ANEXO 3-GUIÃO PARA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Público-alvo:

Local da conversa:

- Sessões espontâneas de conversas com informantes escolhidos, aleatoriamente, para conhecer ou aprofundar algum aspecto da pesquisa, embora tenhamos usado o guião para ajudar a direccionarmos as perguntas.

- Os temas da conversa não foram previamente estruturados

1. DADOS SOBRE O PERFIL INDIVIDUAL DO ENTREVISTADO/A

- Nome (não relevante) _____.

- Idade _____ ocupação _____ Sexo _____

- Local de res. _____

2. DADOS SOBRE CONHECIMENTOS LINGUÍSTICOS (PERFIL LINGUÍSTICO DO ENTREVISTADO/A)

Língua (s) que conhece (fala) ou domina. _____ Onde a (s) aprendeu? _____

Com quem a (s) aprendeu? _____.

3. DADOS SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS

- Onde, quando, porquê e para que é que o entrevistado usa o Português/as LM? Usa-o aonde e com quem?

- Com a família? (pais, esposa, filhos, irmãos, avós). _____

- Com colegas e amigos, com os vizinhos. Nas visitas a alguém. _____

- Na Escola? (na sala de aulas/intervalo com os colegas e amigos/Professores/Direcção) _____

- No serviço? (No contacto com os colegas e com os amigos)? com os superiores hierárquicos? Com o público? _____

- Fora do serviço: Que língua usa?: _____
- Na igreja? (língua da liturgia) _____
- Nas visitas? _____
- No restaurante? _____
- No futebol? _____
- Na aldeia? _____
- No Mercado? (quando compra produtos) _____
- Onde, quando e porque usa uma LBM (Língua Bantu Moçambicana)? Em casa, no serviço, na igreja, nas visitas, nos restaurantes, no futebol, na aldeia, no mercado? _____

4. ATITUDES E PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO AO PORTUGUÊS E ÀS LMOs

-Procurar saber qual é (são) a (s) língua (s) que o entrevistado gosta mais:

-Para o ensino? LP ou LMO ou ambas ou nenhuma. Porquê? _____

-Para o uso nas instituições públicas quando o cidadão vai tratar um documento? LP ou LM ou ambas ou nenhuma. Porquê? _____

5. PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO AO USO DAS LMO E DA LP NO ENSINO

Procurar recolher os pontos de vista dos entrevistados sobre o papel que a LP e as LBM podem jogar no domínio do ensino. Por exemplo: essas línguas deveriam ou não ser ensinadas e porquê? A que níveis? No ensino primário? No/ou ensino secundário/ no/ou médio e no superior e porquê? _____

6. DADOS SOBRE A ALOCAÇÃO FUNCIONAL PROSPECTIVA DO USO DA LP E DAS LMO/ FUTURO DA LP E DAS LMOs

-O que o entrevistado pensa em relação ao futuro do Português e das LBM (Línguas Bantu Moçambicanas)? Qual? Porquê? A LP não tem futuro? Tem Futuro? Qual? Porquê? As LBM têm futuro? Qual? Porquê? Se acha que não tem nenhum valor, explique porque é que não têm nenhum futuro. _____

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO

ANEXO 4-GUIÃO PARA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE

Local da Observação

Público-alvo

Objectivo: verificar aspectos concretos de usos linguísticos.

-Procurar verificar ao nível das instituições públicas, como é que o público é atendido. Em que língua é atendido.

-Se há ou não constrangimentos a nível dos usos linguísticos, de que tipo? Se há ou não algum esforço por parte do (s) funcionário (s) em facilitar a comunicação com o cidadão na língua que melhor entende?

-Verificar se através da observação haverá ou não factos que contribuam para aferir se em Maputo, aplicam-se ou não os critérios definidores de diglossia de Ferguson (1959) e de Fishman (1967).

ANEXO 5 -LOCAL DE REALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS E DAS ENTREVISTAS

TABELA 9

Género	Entrevistas/inquéritos	Local dos inquéritos/ entrevistas	Subtotal	Total	%
	Entrevistas semi-estruturadas				
Homens	4	Balcão de Atendimento Único (BAU)	7	8	10
	3	RONIL			
Mulhers	1	BAU	1		
	Entrevistas estruturadas				
Homem	8	Rádio Moçambique (RM)	11	21	26.25
	3	Escola Prim. Comp. Alba (EPCA)			
Mulher	1	RM	10		
	3	EPCA			
	6	Mercado do Zimpeto (MZ)			
	INQUÉRITOS				
Homem	1	Bairro do Alto- Maé (BAM)	18	18	22.5
	4	Bairro da Mafalala (BMF)			
	2	Instituto do Magistério Primário da Munhuana- (IMAPM)			
	2	Bairro Urbanização (BUR)			
	1	Mercado Xiphamanine (MX)			
	1	Rádio Moçambique (RM)			
	3	Bairro do Benfica (BBEN)			
	1	Escola Primária da Coop (EPCC)			
	3	Centro de Conferências Joaquim Chissano (CCJC)			

Homem	Inq	Local	Total		
	1	Escola Sec. J.Machel (ESJM)	16	16	20
	2	Bairro Central (BC)			
	2	Bairro do Albazine (BALB)			
	1	AIM			
	3	Bairro Hlamankulu. (BHL)			
	2	Bairro do Laulane (BLAU)			
	2	Magazine Independente (MIND)			
	3	Mercado da Baixa (MBX)			
Mulher	1	Bairro do AltoMaé (BALM)	17	17	21.25
	4	Bairro da Mafalala (BMF)			
	1	IMAP-Munhuana (IMAPM)			
	1	Bairro da Urbanização (BUR)			
	1	Bairro do Albazine. (BALB)			
	2	Magazine Independente (MIND)			
	1	Bairro de Laulane (BLAU)			
	1	Bairro das Mahotas (BMH)			
	3	Escola PCCoop (EPCC)			
	1	CCJC			
	1	Bairro do Benfica (BBEN)			
Total			80	80	100

Os dados indicam que 51 cidadãos responderam aos inquéritos nas áreas central (cidade de cimento), suburbanas e periféricas da urbe. Um total de 29 informantes participou das entrevistas estruturadas e semi-estruturadas nas áreas central e periférica.

ANEXO 6 - NATURALIDADE DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 10

Subtotal	Inquiridos	Ent- sest	Ent – est	Naturalidade	Total inq/ent.	%
	17	-		Maputo-Cidade	17	21.25
	2	4	16	Maputo província	22	27.5
	11	-	2	Gaza	13	16.25
	10	3	1	Inhambane	14	17.5
	0	-	-	Manica		
	2	-	1	Sofala	3	3.75
	2	-	1	Tete	3	3.75
	2	-		Zambézia	2	2.5
	4	1	-	Nampula	5	6.25
	1			Niassa	1	1.25
	0	-	-	Cabo Delgado	-	-
Subtotal	51	8	21	-	80	
Total geral	51	8	21		80	100

Inq- inquérito (s); ent- entrevista; ent-est- entrevista estruturada; ent sest-entrevista semi-estruturada

Do total dos 80 informantes, 51 responderam aos inquéritos, 8 participaram das entrevistas semi-estruturadas, 21 das entrevistas estruturadas. Destes, 17 são da cidade de Maputo, 14 de Inhambane, 13 de Gaza, 22 da Província de Maputo, 5 de Nampula, 3 de Sofala, 3 de Tete, 2 da Zambézia e 1 do Niassa. Não houve informantes de Cabo Delgado e Manica.

ANEXO 7- OCUPAÇÃO SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 11

TU	Ocp	FP	Et	Prof	DE	LR	Ep	SB	Do/ Des	Lc/ jr	Ven	Gp	OC	Mus	Tot
Inq		8	9	6		7	1	2	3	8	4	1	1	1	51
Ent sest			2				6								8
Ent Est			5		1					6	6	2	1		21
Subtotal		8	16	6	1	7	7	2	3	14	10	3	2	1	
Total															80

DE- Director Escolar; Do/De- Doméstico/Desempregado; Est - Estudante; Ep - Empresário Privado; Ent. Est- Entrevista Estruturada; Ent. Sest - Entrevista semi-estruturada; FP - Funcionário Publico; SB – Secretário do Bairro; GP-Gestor Público; inq – inquéritos; Prof - Professor; LR - Líder Religioso; Lc/jr - Locutor/jornalista; Mus - Músico; OC - Operador Comercial; Ocp - Ocupação; TU - Técnica Usada; Ven - Vendedor/Vendedeira;

Entre os inquiridos e entrevistados temos: funcionários públicos (8), jornalistas (14), estudantes (16), professores (6), gestores escolares (1), líderes religiosos (7), empresários privados (7); líderes de bairro/opinião (2), Desempregados ou Domésticos (10); Vendedor/a (3); gestores públicos (3), operadores comerciais (2) e músicos (1). O total de informantes é de 80.

ANEXO 8- ESCOLARIDADE DOS INQURIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 12

Técnica usada	NIVEL ESCOLAR	PRIM	SEC/MÉDIO	SUPERIOR	Total	%
Entrevista semi-estruturada		2	5	1	8	10
Entrevista estruturada		12	4	5	21	26
Inquéritos		7	28	16	51	64
TOTAL DE INQ/ENT		21	37	22	80	100

Prim - Ensino Primário; Sec/médio - Nível Secundário ou Médio; Superior - Nível Superior

Entre os informantes 37 têm o nível secundário ou médio, 22 têm o nível superior e 21, o ensino primário, perfazendo um total de 80 informantes.

⁴³ANEXO 9: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 13

INFORMANTES QUE RESPONDERAM AOS INQUÈRITOS/ENTREVISTAS SOBRE: LÍNGUA(S) QUE FALA COM/APRENDEU

Nº	TU	Id	sexo	nat	Ocp	Frequência	Antes da escola	na escola	Família	colegas	Amigos	Loc	Acad.
1	Inq	24	Fem	CM	Est	Port/Xich	Port/Xich	Port/Xich	Port	Port	Port/Xich	BMF	Super.
2	Inq	24	Fem	CM	Est	Port/Xich	Xich	Port/Ing	Xich	Port	Port	BMF	Medio
3	Inq	20	Fem	CM	Est	Port/Xich/Ára	Xich	Port/Ing	Port	Port	Port	BMF	Super.
4	Inq	40	Masc	Ibne.	Jr.	Git/Port/Ing	Port/Git	Port/Ing	Port/Git/Ing	Port	Port	RM	Medio
5	Inq	27	Masc	CM	LR	Port/Xir/Git/Emak Ing	Port	Port	Port	Port	Port	BMF	Medio
6	Inq	40	Masc	CM	FP	Chan/Xir/Xich	Port/Xir/Xich	Port	Port	Port	Port	IMAP	Medio
7	Inq	28	Fem	CM	FP	Port/Xich	Port/Xich	Port	Port	Port	Port	IMAP	Médio
8	Inq	29	Fem	CM	Est	Port/Xich	Xich	Port	Port/ Xich	Port	Port	BAM	Medio
9	Inq	28	Masc.	Ibne	FP	Port/Xich /Cit	Cit	Port	Port/Cit	Port	Port	BAM	Prim.
10	Inq	30	Fem	CM.	Dep	Port/Xich	Xich/Xir	Port	Port/ Xich	Xich	Port	BUR	Médio
11	Inq	50	Masc	Gaza	SB	Port/Xich/Xir	Xich	Port	Xich	Port	Port	BUR	Médio

⁴³ O anexo 9 na: coluna 7 dá indicações sobre as línguas faladas com frequência, a 8 sobre as línguas aprendidas antes da escola, a 9 sobre as línguas aprendidas na escola,10 sobre a língua (s) que se usa para falar com a família,11 sobre a língua que se usa para falar com amigos.

12	Inq	50	Masc	Ibne	CQ	Cit/Xich	Port	Port	Port/Cit/Xich	Cit	Xich	BUR	Sup
13	Inq	42	Masc	Ibne	LR	Port/Cit/Xich/Git/Cic	Port/Ára	Port	Git/Xich	Port	Port	BMF	Super
14	Inq	50	Masc	Npl	LR	Port/Emak/Xich/Ára	Port/Emak	Port/Ing/Fra	Port/Emak	Port	Emak	BMF	Médio
15	Inq	40	Fem	CM	Prof/pri	Port/Xich/Xir/Git	Port/Git	Port	Port	Port	Port	EPCC	Super
16	Inq	40	Fem	Nias	Prof/pri	Port/Emak/Ciy	Ciy/Emak	Port/Ing	Ciy/Emak/Port	Port	-	EPCC	Super
17	Inq	40	Fem	Zamb	Prof/pri	Port/Echu	Echu	Port/ling	Echu/Port	Port	Port	EPCC	Médio
18	Inq	25	Masc	PMO	FP	Port/Xich/Xir/Isi	Port./Xich	Port	Xir	Xir	Port.	BMF	Médio
19	Inq	31	Masc	Gaza	Prof/pri	Xich	Port/Xir/Git	Port	Port	Port	Port	EPCC	Super
21	Inq	40	Masc	Npl	LR	Emak/Port/Ára	Emak	Port	Emak	Port	Port	MBX	Médio
22	Inq	42	Masc	Npl	LR	Port/Emak	Emak/Ára	Port	Emak	Ára	Emak	MBX	Super
23	Inq	26	Masc	Sof	Est	Port/Cis/Cin	Cis	Port	Port	Port	Port	MBX	Prim.
24	Inq	40	Fem	CM	Jr	Port/Xir/Xich	Port/Xir	Port	Port	Port	Port	MIND	Super
25	Inq	30	Masc	CM	Jr	Port/Xich	Port	Port	Port	Port	Port	MIND	Super
26	Inq	27	Masc	CM	Jr	Port/Git/Xich/Cit	Git/Port/Xich	Port	Port	Port	Port	MIND	Médio
27	Inq	30	Fem	CM	Jr	Port/Xich	Port	Port	Port	Port	Port	MIND	Médio
28	Inq	53	Masc	CM	Jr	Xir/Port/Ing	Port/Xir	Port/Ing/Fra	Port/Xir/ling	Xir/Port	Port/Ing	CCJC	Super
28	Inq	53	Masc	CM	Jr	Xir/Port/Ing	Port/Xir	Port/Ing/Fra	Port/Xir/ling	Xir/Port	Port/Ing	CCJC	Super
29	Inq	29	Masc	Ibne	Est	Port/Cit/Xir	Port	Port /Fra/Ing	Port/Cit	Port	Port	BBEN	Super

30	Inq	34	Masc	Ibne	FP.	Port/Xich/Cit	Port/Ing/Fra	Port/Ing/Fra	Port/Cit	Port	Port	BBEN	Super
31	Inq	33	Masc	Tete	Prof	Port/ Ciny	Ciny	Port/Ing/Fra	Ciny/Port	Port	Port	BBEN	Super
32	Inq	40	Masc	Ibne	FP	Port/Xich/Cit/Git/Xir	Port/Ing/Xich	Port/Fra/Ing	Xich/Cit/Git	Port	Port	BBEN	Médio
33	Inq	31	Masc	CM	Est	Port/Xich	Port/Xich	Port/Ing	Port	Port	Port	ESJM	Médio
34	Inq	32	Masc	CM	Mús	Port/Xich/Ing	Port/Xich	Port/Ing	Port/Xich	Port	Port	BCEN	Super
35	Inq	31	Masc	Gaza	EP	Port/Xich/Cic	Cic	Port	Xich/Port	Port	Port	BALB	Médio
36	Inq	40	Masc	Ibne	Jr/Ges	Cit	Port/Ing/Xir	Port/Ing	Port/Ing/Cit	Port	Port	CCJC	Super
37	Inq	40	Fem	Zamb	Dom	Echu/Cin/Port	Port	Port	Echu	Xich/Xich	Echu	BALB	Prim.
38	Inq	40	Masc	Gaza	Est	Xich/ Xir/Port	Port.	Port	Xich	Xich	Xich	BALB	Prim.
39	Inq	36	Masc	Sof	Jr/tvm	Cis/Port	Port/Cis	Port	Port/Cis	Port	Port	BCEN	Médio
40	Inq	40	Masc	Gaza	Jr/tvm	Port/Ing./Fra/Xich	Port/Xich	Port/Ing./Fra	Port/Xich/Fra	Port	Port	CCJC	Super
41	Inq	27	Masc	Gaza	FP	Port/Xich	Xich	Port	Port/Xich	Port/Xich	Xich	BHL.	Super
42	Inq	40	Masc	Tete	Fp	Port/Cin	Cin	Port	Cin	Port	Port	BHL	Médio
43	Inq	40	Masc	Ibne.	Com	Port/Git/Xich	Git	Port	Git	Xich	Xich	BHL	Prim.
44	Inq	55	Masc	Ibne.	Jr/Gest	Cic	Port./Ing./Cic	Port/Ing/Fra	Port./Cic	Port	Port.	AIM	Super
45	Inq	32	Fem	Gaza	LR	Port/Xich	Xich	Port	Xich	Xich.	Xich	BMF.	Prim.
46	Inq	40	Masc	Gaza	FP.	Port/Xich/ Cic	Port/Xich	Port	Port/Xich	Port/Xich	Xich	BLAU	Médio

47	Inq	34	Fem	CM	Est	Port/Xich/Xir	Xich	Port	Port/Xich	Port	Xich	BLAU	Médio
48	Inq	27	Masc	Npl	Est	Emak/Port/Xir/Xich	Emak	Port	Emak/Port	Port	Port	BLAU	Prim.
49	Inq	40	Masc	Gaza	F P	Port/Xich	Xich	Port	Xich	Xich	Xich	IMAP	Prim.
50	Inq	45	Fem	Gaza	Fonu	Port/Xich/Fra/Ing	Port/Ing/Fra	Port/Fra/Ing	Port/Xich	Fra/Ing	Port	CCJC	Super.
51	Inq	40	Fem	Gaza	Ven	Xich	Xich	Port	Xich	Xich	Xich	BMH	Prim.
52	Ent -sest.	33	Masc	Ibne.	AJ	Port/Xich/Xir	Port/Ing.	Port/Ing.	Xich	Xich/Port	Port/Xich	BAU	Médio
53	Ent -sest	25	Fem	Napl	Est	Port/Emak	Port.	Port/Ing/Fra	Port/Emak	Port/Emak	Port	BAU	Super.
54	Ent -sest.	35	Masc	PMO	TP	Xich/Cic	Port.	Port	Port/Xich	Xich	Xich	BAU	Médio
55	Ent -sest	26	Masc	PMO	FP	Port/Xich	Port.	Port	Port./Xich	Port/Xich.	Port/Xich	BAU	Médio
56	Ent -sest	47	Masc	PMO	TM	Port/Xich/Cic/Git	Port. Ing.	Port/Ing	Port/Cic	Port/Xich	Port/ Xic	BAU	Médio
57	Ent -sest	44	Masc	Ibne	OBG	Port/Cit/Xich	Cit/Xich	Port	Cit/Xich	Xich.	Xich	RO/BC	Médio
58	Ent -sest	31	Masc	Ibne	CTX	Cit/Port/Xich	Cit/Xich	Port	Cit/Xich	Cit/Port	Cit/ Xich	RO/BC	Prim
59	Ent -sest	47	Masc	PMO	OBG	Port/Cic/Xich	Cic	Port	Cic/Xich	Port/Cic/Xir	Cic/Xich	RO/BC	Prim
60	Ent- est	40	Masc	PM.O	Lo/Jr	Xir	Port/Xich/Fra/Ing	-	-	Port	Xir	RM	Super

61	Ent- est	50	Masc	Gaza	Jr	Xich	Port/ Ing.	Port/Ing/Fra	Port/Xir	Port	Xich	RM	Médio
62	Ent- est	28	Masc	PMO	Lc/jr	Xich	Port	Port/Ing	Port/Xich	Port/Xich	Port/Xich	RM	Médio
63	Ent- est	35	Masc	PMO	Lo	Port./Xir/Xich	Port/Xich	Port	Port/Xich	Port	Xich	RM	Super.
64	Ent- est	51	Masc	Gaza	OC	Xich	Port.	Port./Ing/Fra	Port/Xich	Xich/Port.	Port/Xich	RM	Médio
65	Ent- est	55	Masc	Tete	Gest	Cin	Port.	Port/Ing	Port./Xich	Port	Port.	RM	Médio
66	Ent- est	40	Masc	CM	Jr	Xich/Port/Xir	Port.	Port/Ing	Port/Ciny	Xich/Port.	Port/Xich	RM	Médio
67	Ent- est	43	Fem	Ibne.	Lo-jr	Port/Cit/Xich	Cit	Ing/Port/	Xir/Xich	Port/Cit/Xich	Port/Cit/ Xich	RM	Médio
68	Ent- est	41	Masc	PMO	Gest	Xich	Port.	Port/Ing	Cit/Port	Xich/Port.	Port/Xich	RM	Super.
69	Ent- est	25	Fem	PMO	Ven	Port/Xich/Cic	Xich/Cic	Port	Port/Xich	Port/Xich/Cic	Port/Xich/Cic	MZ	Prim.
70	Ent- est	35	Fem	PMO	Ven	Port/Xir/ Xich/Cic	Port.	Port	Xich/Cic	Port/Xich	Port./Xich/Cic /Xir	MZ	Prim.
71	Ent- est	40	Fem	PMO	Vem	Xich/Port	Xich	Port	Cic	Xich/Port	Xich	MZ	Prim.
72	Ent- est	34	Fem	PMO	Ven	Cit/Port	Cit	Port	Cit/Port	Cit/Port/Xich	Cit/Port	MZ	Prim.
73	Ent- est	46	Fem	PMO	Ven	Cit	-	Port	Cit/Xich	Cit/ Port/Xich	Port/Cit/Xich h	MZ	Prim.
74	Ent- est	27	Fem	PMO	Ven	Port/Xir/Xich/Cic	Cic/Xir/Xich	Port	Cic/Port	Port/Xir/Xich/ Cic	Cic/Xir/Xich	MZ	Prim.
75	Ent- est	12	Masc	PMO	Al	Port/Xich	Port/Ing.	Port	Port/Xich	Port/Xich	Port/Xich	EPCA	Prim.

76	Ent- est	10	Fem	PMO	Al	Port/Xich	Port.	Port	Port.	Port/Xich	Xich	EPCA	Prim
77	Ent- est	8	Masc.	PMO	Al	Port	Port.	Port	Port.	Port.	Port.	EPCA	Prim
78	Ent -est	8	Fem	Sof	Al	Port.	Port.	Port.	Port.	Port.	Port	EPCA	Prim.
79	Ent -est	9	Fem	PMO	Al	Port/Xich	Port	. Port	Port/ Xich	Port/Xich	Port	EPCA	Prim
80	Ent- est	42	Masc	PMO	Dr/Pr	Xich/Port	Port/ Ing.	Port/ Ing	Port	Xich/Port	Port/Ing.	EPCA	Sup

Nº-número da ordem ; Tu-técnica usada, id-idade, nat-naturalidade, ocp-ocupação, loc-local da pesquisa, acad-nível académico

ANEXO 10: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 14: LÍNGUA QUE FALA (m) COM

Nº	TU	Id	sexo	nat	Ocp	Vizinhos	Visitas	Colegas para si	Superiores	Festas	Restaurante	Loc	Acad.
1	Inq	24	Fem	CM	Est	Port	Port	Port	Port	Port	Port	BMF	Super.
2	Inq	24	Fem	CM	Est	Port	Xich	Port	Port	Port	Port	BMF	Medio
3	Inq	20	Fem	CM	Est	Port	Port	Port	Port	Port	Port	BMF	Super.
4	Inq	40	Masc	Ibne.	Jr	Port	Port	Port	Port	Port	Port	RM	Medio
5	Inq	27	Masc	CM	LR	Port	Port	Ing	Port	Port	Port	BMF	Medio
6	Inq	40	Masc	CM	FP	Port	Port	Xich/Xir	Port	Port	Port	IMAP	Medio
7	Inq	28	Fem	CM	FP	Port	Port	Port	Port	Port	Port	IMAP	Médio
8	Inq	29	Fem	CM	Est	Xich	Port	Port	Port	Port	Port	BAM	Medio
9	Inq	28	Masc.	Ibne	FP	Xir	Port	Port	Port	Port	Port	BAM	Prim.
10	Inq	30	Fem	CM	Dep.	Xich	Port	Port	Port	Xich	Port	BUR	Medio
11	Inq	50	Masc	Gaza	SB	Port	Xich	Port	Port	Port	Port	BUR	Medio
12	Inq	50	Masc	Ibne.	CQ	Xich	Port	Xich	Xich /Git	Port	Port	BUR	Super
13	Inq	42	Masc	Ibne	LR	Port	Xich	Port	Port	Port/Emak	Port	BMF	Médio
14	Inq	50	Masc	Namp	LR	Port/Xich	Port/Xich	Port	Port	Xir	Port	BMF	Médio

15	Inq	40	Fem	CM	Prof/pri	-	Port	Port	Port	Port/Emak/Ciy	Port	EPCC	Super
16	Inq	40	fem	Nias	Prof/pri	Port	Port/Ciy/Emak	Port	Port	Port	Port	EPCC	Super
17	Inq	40	Fem	Zamb	Prof/pri	Xich	Port	Port	Port	Port	Port	EPCC	Médio
18	Inq	25	Masc	PMO	FP	Port	Port.	Port	Port	Port	Port	BMF	Médio
19	Inq	31	Masc	Gaza	Prof/pri	Port	Port	Port	-	Xich	-	EPCC	Super
20	Inq	40	Masc	MP	Ven	Port	Xich	Port	Port	Port	Port	M X	Médio
21	Inq	40	Masc	Namp	LR	Port	Emak	Ára	Ára	Port	-	MBX	Médio
22	Inq	42	Masc	Namp	LR	Port/Emak	Port	Port	Port	Port	Port	MBX	Super
23	Inq	26	Masc	Sof	Est	Port	Port	Port	Port	Port	Port	MBX	Prim.
24	Inq	40	Fem	CM	Jr	Port	Port/Xir/Xich	Port	Port	Port	Port	MIND	Super
25	Inq	30	Masc	CM	Jr	Port	Port	Port	Port	Port	Port	MIND	Super
26	Inq	27	Masc	CM	Jr	Port	Git/Port	Port	Port	Xir/Port/Ing	Port	MIND	Médio
27	Inq	30	Fem	CM	Jr	Port	Port	Port/Ing	Port/Ing	Port	Port/Xich	MIND	Médio
28	Inq	53	Masc	CM	Jr	Port	Port/Xir/Ing	Port	Port	Port	Port	CCJC	Super
29	Inq	29	Masc	Ibne	Est	Port	Port	Port	Port	Port	Port	BBEN	Super
30	Inq	34	Masc	Ibne	FP.	Port	Port	Port	Port	Port/Cit	Port	BBEN	Super
31	Inq	33	Masc	Tete	Prof	Port	Port	Port	Port/Xich	Port	Port	BBEN	Super

32	Inq	40	Masc	Ibne	FP	Xich/Cit/ Xir	Port/Cit/Xich	Port	Port.	Port	Port	BBEN	Médio
33	Inq	31	Masc	CM	Est	Port	Port	Port	Port	Xich	-	ESJM	Médio
34	Inq	32	Masc	CM	Mús	Port	Port	Port	Port	Cit/Xich/Port	Port	BCEN	Super
35	Inq	31	Masc	Gaza	EP	Xich	Port	Xir	Port	Port/Echu	Port	BALB	Médio
36	Inq	40	Masc	Ibne	Jr/ges	Port	Xir	Port	Port	Xich	Xich	CCJC	Super
37	Inq	40	Fem	Zamb	Dom	Xich	Port	Xich	Xich	Port	Port	BALB	Prim.
38	Inq	40	Masc	Gaza	Est	Xich	Xich	Port	Port	Port	Port	BALB	Prim.
39	Inq	36	Masc	Sof	Jr/tvm	Port	Port	Port	Port/Ing	Port	Port	BCEN	Médio
40	Inq	40	Masc	Gaza	Jr/tvm	Port	Port	Port	Port	Port	Port	CCJC	Super
41	Inq	27	Masc	Gaza	FP	Xich	Port	Port	Port	-	Port	BHL.	Super
42	Inq	40	Masc	Tete	FP.	Port	Port	Port	Port	Port	Port	BHIL	Médio
43	Inq	40	Masc	Ibne.	Com	Xich	Git	Port	Port.	Xich	-	BHL	Prim.
44	Inq	55	Masc	Ibne.	Jr/Gest	Port	Cic	Port	Port	Port	Port	AIM	Super
45	Inq	32	Fem	Gaza	LR	Xich	Xich	-	-.	Port/Xich	Port	BMF	Prim.
46	Inq	40	Masc	Gaza	FP.	Port/Xich	Port	Port	Port	Port	Port	BLAU	Médio
47	Inq	34	Fem	CM	Est	Port/Xich	Port/Xich	Port	Port	-	Chan	BLAU	Médio
48	Inq	27	Masc	Npl	Est	Port	Port	Xich	Xich	. Port	Port	BLAU	Prim.

49	Inq	40	Masc	Gaza	F P	Xich	Xich	Ing	Port/Ing/Fra	Xich	Xich	IMAP	Prim.
50	Inq	45	Fem	Gaza	Fonu	Xich	Port/Xich	Xich	Xich	-	-	CCJC	Super
51	Inq	40	Fem	Gaza	Vem	Xich	-	Port/Xich	Port/Xich	-	-	BMH	Prim
52	Ent-sest	33	Masc	Ibne.	AJ	Port/Xich	Port/Xir	Port	Port.	-	-	BAU	Médio
53	Ent-sest.	25	Fem	Napl	Est	Port	Port	Xich/Xich	Port/Xich	-	-	BAU	Super.
54	Ent-sest.	35	Masc	PMO	TP	Xich	Port/Xich	Xich	Port/Xich	-	-	BAU	Médio
55	Ent-sest	26	Masc	PMO	FP	Xich	Port/Xich	Port/Xich/Xir	Port/Xich/Xir	Port/Xich	-	BAU	Médio
56	Ent -sest	47	Masc	PMO	TM	-	-	Xich	Xich	Cit	-	BAU	Médio
57	Ent -sest	44	Masc	Ibne.	OBG	Xich	Xich	Cit	Cit/Xich	Port/Cic/Xich/Xir	-	RO/BC	Médio
58	Ent -sest	31	Masc	Ibne.	CTX	Cit	Cit/Xich	Port/Xich	Xich/Port	Xir/Port	Port	RO/BC	Prim
59	Ent -sest	47	Masc	PMO	OBG	Cic/Xich	Port/Xich	Xir/Xich/Port	Port/Xich/Xir	Port	Port	RO/BC	Prim.
60	Entr -est	40	Masc	PM.O	Lo/Jr	Xir	Port	Port	Port.	Port	Port	RM	Super.
61	Entr -est	50	Masc	Gaza	Jr	Port	Port.	Port	Port/ Xich	Xich/Port	Port./Xich	RM	Médio
62	Entr -est	28	Masc	PMO	Lc/jr	Xich	Port/Xich	Xich./Port	Port./Xich	Xich/Port	Port/Xich	RM	Médio
63	Entr -est	35	Masc	PMO	Lo	Xich/Xir	Port./Xich	Xich./Port	Port/ Xich	Port	Port.	RM	Super.
64	Entr -est	51	Masc	Gaza	OC	Xich/Port	Port/Xich	Port	Port.	Xich/Port	Port	RM	Médio

65	Entr -est	55	Masc	Tete	Gest	Port	Port.	Xich./Port	Port/Xich	-	-	RM	Médio
66	Entr -est	40	Masc	CM	Jr	Xich/Port	Port/Xich	Port/CitXich	Port/Cit/Xich	-	-	RM	Médio
67	Entr -est	43	Fem	Ibne.	Lo-jr	Port/Xich	Port/Cit	Xich/Port	Port/Xich	-	-	RM	Médio
68	Entr -est	41	Masc	PMO	Gest	Xich/Port.	Port/Xich	-	-	-	-	RM	Super.
69	Entr -est	25	Fem	PMO	Ven	Port/Xich	Xich/Port	-	-	-	-	MZ	Prim.
70	Entr -est	35	Fem	PMO	Ven	-	-	-	-	-	-	MZ	Prim.
71	Entr -est	40	Fem	PMO	Ven	Xich/Port	-	-	-	-	-	MZ	Prim.
72	Entr -est	34	Fem	PMO	Ven	-	-	-	-	-	-	MZ	Prim.
73	Entr -est	46	Fem	PMO	Ven	Xich	-	-	-	-	-	MZ	Prim.
74	Entr -est	27	Fem	PMO	Ven	Port/Xir/Xich	Port/Xich	-	-	-	-	MZ	Prim.
75	Entr -est	12	Masc	PMO	Al	-	-	-	-	-	-	EPCA	Prim.
76	Entr -est	10	Fem	PMO	Al	-	-	-	-	-	-	EPCA	Prim.
77	Entr -est	8	Masc.	PMO	Al	-	-	-	-	Xich./Port	-	EPCA	Prim.
78	Ent- est	8	Fem	Sof	Al	-	-	Xich./Port	Port.Xich			EPCA	Prim.
79	Ent- est	9	Fem	PMO	Al	-	-	-	-	-	-	EPCA	Prim.
80	Ent -est	42	Masc	PMO	Dr/Pr	Xich./Port	Port/Xich.	-	-	-	-	EPCA	Sup.

Nº-número da ordem, Tu-técnica usada, id-idade, nat-naturalidade, ocp-ocupação, loc-local da pesquisa, acad-nível académico

ANEXO 11: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 15:LÍNGUA (S) QUE FALA NO FUTEBOL; VISITA A ALGUÉM, NO MERCADO; /PARA TRATAR DOCUMENTOS; FALA PARA (coluna5)

Nº	TU	Id	Gen	Nat	Ocp	Futebol	Visita a alguém	mercado	documentos	Funcionário para si	Loc	Acad.
1	Inq	24	Fem	CM	Est	Port	Port	Port	Port	Port	BMF	Super.
2	Inq	24	Fem	CM	Est	Port	Xich	Xich	-	-	BMF	Medio
3	Inq	20	Fem	CM	Est	Port	Port	Port	Port	Port	BMF	Super.
4	Inq	40	Masc	Ibne.	Jorn.	Port	Git	Port	Port	Port	RM	Medio
5	Inq	27	Masc	CM	LR	Port	Xir	Port	Port	Port	BMF	Medio
6	Inq	40	Masc	CM	FP	Port	Port	Port	Port	Port	IMAP	Medio
7	Inq	28	Fem	CM	FP	Port	Xich	-	Port	Port	IMAP	Médio
8	Inq	29	Fem	CM	Est	-	-	Xich	Port	Port	BAM	Medio
9	Inq	28	Masc.	Ibne	FP	Port	Cit	Cit	Port	Port	BAM	Prim.
10	Inq	30	Fem	CM	Dep	Port	Xich	Xich	Port	Port	BUR	Medio
11	Inq	50	Masc	Gaza	SB	Port/Cit	Port/Xich	Xir	Port	Port	BUR	Medio
12	Inq	50	Masc	Ibne.	CQ	Cit/Xich	Port	Xich	Port	Port	BUR	Super
13	Inq	42	Masc	Ibne	LR	Port	Xich/Git	-	Port	Port	BMF	Médio

14	Inq	50	Masc	Namp	LR	Port/Xich	Port/Emak	-	Port	Port	BMF	Médio
15	Inq	40	Fem	CM	Prof/pri	-	-	Xir	Port	Port	EPCC	Super
16	Inq	40	fem	Nias	Prof/pri	Port	Port	Port/Xich	Port	Port	EPCC	Super
17	Inq	40	Fem	Zamb	Prof/pri	-	-	Port/Xich	Port	Port	EPCC	Médio
18	Inq	25	Masc	PMO	FP	Port/Xich/Xir/ Isi	Port./Xich	Port/Xir	Port	Port	BMF	Médio
19	Inq	31	Masc	Gaza	Prof/pri	Port	GitXich	-	Port	Port	EPCC	Super
20	Inq	40	Masc	MP	Ven	Xich	Xich	Xich	Port	Port	M X	Médio
21	Inq	40	Masc	Namp	LR	-	Emak	Port	Port	Port	MBX	Médio
22	Inq	42	Masc	Namp	LR	Port	Emak	Port	Port	Port	MBX	Super
23	Inq	26	Masc	Sof	Est	-	-	-	Port	Port	MBX	Prim.
24	Inq	40	Fem	CM	Jr	Port	Xir	Port/Xich	Port	Port	MIND	Super
25	Inq	30	Masc	CM	Jr	Port	Port/Xich	-	Port	Port	MIND	Super
26	Inq	27	Masc	CM	Jr	Port	Git	Xich	Port	Port	MIND	Médio
27	Inq	30	Fem	CM	Jr	-	Xich	Port	Port	Port	MIND	Médio
28	Inq	53	Masc	CM	Jr	-	-	Xir/Port	Port	Port	CCJC	Super
29	Inq	29	Masc	Ibne	Est	Xir	Cit	Xir	Port	Port	BBEN	Super
30	Inq	34	Masc	Ibne	FP.	Port	Port	Xich/Xir	Port	Port	BBEN	Super

31	Inq	33	Masc	Tete	Prof	Port	Port	Port	Port	Port	BBEN	Super
32	Inq	40	Masc	Ibne	FP	Port	Cit/Git	-	Port	Port	BBEN	Médio
33	Inq	31	Masc	CM	Est	Port	Xich.	Port	Xich	Port/Xich	ESJM	Médio
34	Inq	32	Masc	CM	Mús	-	-	Port	Port	Port	BCEN	Super
35	Inq	31	Masc	Gaza	EP	-	Xich	Xich	Port	Port	BALB	Médio
36	Inq	40	Masc	Ibane	Jr/ges	Port/Xir	-	-	Port	Port	CCJC	Super
37	Inq	40	Fem	Zamb	Dom	-	Ech	Port/Xich	Port	Port	BALB	Prim.
38	Inq	40	Masc	Gaza	Est	Xich./Xir/Port	Xich	Xich	Xich	Xich	BALB	Prim.
39	Inq	36	Masc	Sof	Jr/tvm	Port	Port	Port	Port	Port	BCEN	Médio
40	Inq	40	Masc	Gaza	Jr/tvm	Port	Xich	Port/Xich	Port/Ing	PortIng	CCJC	Super
41	Inq	27	Masc	Gaza	FP	Por	Port	Por/Xich	Port	Port	BHL	Super
42	Inq	40	Masc	Tete	FP.	Port	Ciny	Port	Port	Port	BHL	Médio
43	Inq	40	Masc	Ibne.	Com	Port	Git	Xich	Port	Port	BHL	Prim.
44	Inq	55	Masc	Ibne.	Jr/gest	Port	Cic	Port	Port.	Port	AIM	Super
45	Inq	32	Fem	Gaza	LR	Xich	Xich	Xich	Port	Port	BMF	Prim.
46	Inq	40	Masc	Gaza	FP.	Port	Xich	Xich	Port.	Port	BLAU	Médio
47	Inq	34	Fem	CM	Est	Xich	Xich	Port/Xich	Port	Port	BLAU	Médio

48	Inq	27	Masc	Npl	Est	Port	Emak	Port	Port	Port	BLAU	Prim.
49	Inq	40	Masc	Gaza	F P	Xich	Xich	Xich	Xich	Xich	IMAP	Prim.
50	Inq	45	Fem	Gaza	Fonu	Port	Xich	Port/Xir/Xich	Port/Ing/ Fra	Port/Ing/ Fra	CCJC	Super
51	Inq	40	Fem	Gaz	Ven	Xich	Xich	Xich	Xich	Xich	BMH	Prim.
52	Ent-sest.	33	Masc	Ibne.	AJ	-	-	Xich	Port.	Ron/Xich	BAU	Médio
53	Ent-sest.	25	Fem	Napl	Est	-	-	Port	Port.	Port	BAU	Super.
54	Ent-sest.	35	Masc	PMO	TP	-	-	Xich	Xich	Xich	BAU	Médio
55	Ent-sest	26	Masc	PMO	FP	-	-	-	Port/Xich	Port/Xich	BAU	Médio
56	Ent-sest	47	Masc	PMO	TM	-	-	-	Port/Xich/ Xir	Port/Xich/Xir	BAU	Médio
57	Ent -sest	44	Masc	Ibne.	OBG	-	-	Port/Xich	Port/Xich	Port/Xich	RO/BC	Médio
58	Ent -sest	31	Masc	Ibne.	CTX	-	-	Xitsh	Port	Port	RO/BC	Prim
59	Ent- sest	47	Masc	PMO	OBG	-	-	-	Xich/Port	Port/Xich	RO/BC	Prim.
60	Ent- est	40	Masc	PMO	Lo/Jr	-	-	Xir	Port	Port	RM	Super.
61	Ent- est	50	Masc	Gaza	Jr	-	-	-	Port.	Port	RM	Médio
62	Ent- est	28	Masc	PMO	Lc/jr	-	-	Xich	Port	Port	RM	Médio
63	Ent- est	35	Masc	PMO	Lo	-	-	Xich/Xir	Port.	Port	RM	Super.

64	Ent- est	51	Masc	Gaza	OC	-	-	-	Port.	-	RM	Médio
65	Ent- est	55	Masc	Tete	Gest	-	-	Port	Port.	Port	RM	Médio
66	Ent- est	40	Masc	CM	Jr	-	-	-	Port.	Xich/Xir/Port	RM	Médio
67	Ent- est	43	Fem	Ibne.	Lo-jr	-	-	-	Port	Port	RM	Médio
68	Ent- est	41	Masc	PMO	Gest	-	-	Port/Xich	Port.	Port	RM	Super.
69	Ent- est	25	Fem	PMO	Ven	-	-	Port/Xir	Port/Xich	Port/Xich	MZ	Prim.
70	Ent- est	35	Fem	PMO	Ven	-	-	Xich/Cic	Port/Xich	Port/Xich	MZ	Prim.
71	Ent- est	40	Fem	PMO	Ven	-	-	Xich	Xich	Port	MZ	Prim.
72	Ent- est	34	Fem	PMO	Ven	-	-	Xich/Cit/Git	Cit	Xich	MZ	Prim.
73	Ent-est	46	Fem	PMO	Vem	-	-	Cit/Xich/Xir	-	-	MZ	Prim.
74	Ent-est	27	Fem	PMO	Ven	-	-	Port/Xich	Port/Xir/Xich	Port/Xir/ Xich	MZ	Prim.
75	Ent-est	12	Masc	PMO	Al	-	-	Port/Xich.	-	-	EPCA	Prim.
76	Ent- est	10	Fem	PMO	Al	-	-	Port/Xich	-	-	EPCA	Prim.
77	Ent- est	8	Masc.	PMO	Al	-	-	Xich	-	-	EPCA	Prim.
78	Ent- est	8	Fem	Sof	Al	-	-	Port.	-	-	EPCA	Prim.
79	Ent- est	9	Fem	PMO	Al	-	-	Port	-	-	EPCA	Prim.
80	Ent –est	42	Masc	PMO	Dr/Pr	-	-	-	Port.	Port	EPCA	Sup.

Nº.-número da ordem, Tu-técnica usada, id-idade, Gen-gênero, Nat-naturalidade, Ocp-ocupação; loc-local da pesquisa, acad-habilitações acadêmicas,

ANEXO 12: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 16: HÁ LÍTERATURA NA SUA LÍNGUA? (OBRAS E AUTORES)/LÍNGUA DA/ PALAVRA DE DEUS/ LÍNGUA DE USO PARA/DEVE SER USADA

Nº	TU	Id	Gen	Nat	Ocp	LITERATURA		Homilia	ensino	Instituições	Valor da LP	Loc	Acad.
						LP	LM/outra						
1	Inq	24	Fem	CM	Est	Bíblia	-	-	-	Port	Facilita comunicação/ Melhor comunicação	BMF	Super.
2	Inq	24	Fem	CM	Est	-	-	-	-	Port	Comunicar	BMF	Medio
3	Inq	20	Fem	CM	Est	-	Alcorão	-	-	Ára	Comunicação entre moçambicanos	BMF	Super.
4	Inq	40	Masc	Ibne.	Jorn.	-	Alcorão	-	-	Ára	Comunicação entre nós	RM	Medio
5	Inq	27	Masc	CM	LR	-	-	-	-	Port	Unidade nacional	BMF	Medio
6	Inq	40	Masc	CM	FP	-	Bíblia	-	-	Xich	-	IMAP	Medio
7	Inq	28	Fem	CM	FP	-	Bíblia	-	-	Xich	Unidade nacional	IMAP	Médio
8	Inq	29	Fem	CM	Est	-	Bíblia	-	-	Xich	Muito importante na comunicação	BAM	Medio
9	Inq	28	Masc.	Ibne	FP	-	-	-	-	Xir/Xich	União dos moçambicanos. Comunicação ao nível nacional	BAM	Prim.

10	Inq	30	Fem	CM	Dep.	-	-	-	-	-		BUR	Medio
11	Inq	50	Masc	Gaza	SB	-	Vários.	-	-	Xich	-	BUR	Medio
12	Inq	50	Masc	Ibne.	CQ			-	-	Port	-	BUR	Super
13	Inq	42	Masc	Ibne	LR	-	Bíblia	-	-	Xich/Git	Maior capacidade de comunicação	BMF	Médio
14	Inq	50	Masc	Namp	LR	-	Alcorão	-	-	Ára	Elo de ligação entre moçambicanos	BMF	Médio
15	Inq	40	Fem	CM	Prof/pri	-	-	-	-	-	Língua falada pela maioria	EPCC	Super
16	Inq	40	fem	Nias	Prof/pri	-	Bíblia	-	-	Port/Xir	Facilita comunicação entre países da CPLP	EPCC	Super
17	Inq	40	Fem	Zamb	Prof/pri	Bíblia	Bíblia	-	-	Ech/Port	Contacto entre moçambicanos	EPCC	Médio
18	Inq	25	Masc	PMO	FP	Bíblia	Bíblia	-	-	Port./Xich/Xir	-	BMF	Médio
19	Inq	31	Masc	Gaza	Prof/pri	-	-			-	Une o povo	EPCC	Super
20	Inq	40	Masc	MP	Ven	-	-	-	-	-	É a língua nacional	M X	Médio
21	Inq	40	Masc	Namp	LR	Ap ⁴⁵	Alcorão-	-	-	Ára	Une os moçambicanos	MBX	Médio
22	Inq	42	Masc	Namp	LR		Alcorão	-	-	Ára	Facilita comunicação	MBX	Super
23	Inq	26	Masc	Sof	Est	Bíblia	-	-	-	Port	-	MBX	Prim.

⁴⁴ A obra referida pelo informante é o livro de Hélder Muteia “Sonhos ao Averso”

⁴⁵ O informante mencionou como obras que conhece o Dicionário Macua-Português de A. Pires Prata

24	Inq	40	Fem	CM	Jr	-	-	-	-	Xich/Xir	Unidade nacional	MIND	Super
25	Inq	30	Masc	CM	Jr	Mc,jc ,Sbm 46	-	-	-	Port	Comunicação entre nós	MIND	Super
26	Inq	27	Masc	CM	Jr	-	Bíblia	-	-	Cit	Comunicação a nível nacional	MIND	Médio
27	Inq	30	Fem	CM	Jr	-	Bíblia	-	-	Xich	Comunicação	MIND	Médio
28	Inq	53	Masc	CM	Jr	-	Bíblia	-	-	Ing ⁴⁷	Identidade do povo	CCJC	Super
29	Inq	29	Masc	Ibne	Est			-	-	Port	Comunicação	BBEN	Super
30	Inq	34	Masc	Ibne	FP.		Bíblia	-	-	Cit	Facilita comunicação	BBEN	Super
31	Inq	33	Masc	Tete	Prof	Bíblia	-			Port	Comunicação	BBEN	Super
32	Inq	40	Masc	Ibne	FP	-	Bíblia	-	-	Xich	-	BBEN	Médio
33	Inq	31	Masc	CM	Est	.	Bíblia	-	-	Xich	Comunicação	ESJM	Médio
34	Inq	32	Masc	CM	Mús	-	-	-	-	-	-	BCEN	Super

⁴⁶ O informante mencionou as obras de Mía Couto: o Último Voo do Flamingo, A Varanda do Frangipani e de José Craveirinha: Maria, Babalaze das Hienas; Karingana wa Karingana e Folclore Moçambicano e suas Tendências e por fim a Bíblia Sagrada em Língua Portuguesa da Sociedade Bíblica de Moçambique.

⁴⁷ Algumas igrejas em Maputo, sobretudo as protestantes, têm cultos em Inglês para atender a crentes de outras nacionalidades ou então a casais de moçambicanos(as) com cônjuges de outras nacionalidades, como é o caso deste informante.

35	Inq	31	Masc	Gaza	EP	-	canções da igreja/bíblia	-	-	Xich	Unir os moçambicanos Unidade nacional	BALB	Médio
36	Inq	40	Masc	Ibane	Jr/ges	-	-	-	-	-	Unir os moçambicanos	CCJC	Super
37	Inq	40	Fem	Zamb	Dom	-	Bíblia	-	-	Ech	-	BALB	Prim.
38	Inq	40	Masc	Gaza	Est	-	Bíblia	-	-	Xich	Comunicação	BALB	Prim.
39	Inq	36	Masc	Sof	Jr/tvm	Bíblia	-	-	-	Port	Importante para comunicação	BCEN	Médio
40	Inq	40	Masc	Gaza	Jr/tvm	Bíblia	Bíblia	-	-	Port/Xich	Unidade nacional	CCJC	Super
41	Inq	27	Masc	Gaza	FP	-	Bíblia	-	-	Xich	Unidade nacional	BHL.	Super
42	Inq	40	Masc	Tete	FP.	Vários	-	-	-	Port	Unidade do povo	BHIL	Médio
43	Inq	40	Masc	Ibne.	Com	-	Bíblia	-	-	Xich	Comunicação	BHL	Prim.
44	Inq	55	Masc	Ibne.	Jr/gest	-	Vários	-	-	Port	Comunicação entre moçambicanos	AIM	Super
45	Inq	32	Fem	Gaza	LR	-	Bíblia	-	-	Xich	Comunicação com o outro	BMF.	Prim.
46	Inq	40	Masc	Gaza	FP.	-	Alcorão	-	-	Ára	Comunicação entre moçambicanos	BLAU	Médio
47	Inq	34	Fem	CM	Est	-	Bíblia	-	-	Xich/Port	Comunicação	BLAU	Médio
48	Inq	27	Masc	Npl	Est	-	-	-	-	Port	Facilita a comunicação	BLAU	Prim.
49	Inq	40	Masc	Gaza	F P	-	-	-	-	-	-	IMAP	Prim.

50	Inq	45	Fem	Gaza	Fonu	-	-	-	-	Port/Ing/Fra	Unidade nacional	CCJC	Super
51	Inq	40	Fem	Gaza	Vem	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xich	Ccomunicação entre nós	BMH	Prim.
52	Ent-sest.	33	Masc	Ibne.	AJ	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xir	Vai ser língua universal	BAU	Médio
53	Ent- sest	25	Fem	Napl	Est	Bíblia	Bíblia	LPLBM	LP/LBM	Port/Emak	-	BAU	Super.
54	Ent- ses.	35	Masc	PMO	TP	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xich	Comunicação entre moçambicanos	BAU	Médio
55	Ent -sest	26	Masc	PMO	FP	-	Bíblia	LP/LBM/Chinês / Ing	LP/LBM	Xich	Para falar entre nós e PALOPs devido à colonização	BAU	Médio
56	Ent -sest	47	Masc	PMO	TM	-	Bíblia	-	-	Xich	-	BAU	Médio
57	Ent- sest	44	Masc	Ibne.	OBG	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich	Une Moçambique e os moçambicanos	RO/BC	Médio
58	Ent-sest	31	Masc	Ibne.	CTX	-	Bíblia	-	-	Cit/Xich	-	RO/BC	Prim.
59	Ent -sest	47	Masc	PMO	OBG	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xich	Une os moçambicanos	RO/BC	Prim.
60	Ent -est	40	Masc	PM.O	Lc/Jr	vários	Bs, jm ⁴⁸	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich/Fra/ Ing	Unidade nacional	RM	Super
61	Ent- est	50	Masc	Gaza	Jr	bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich	Unidade nacional	RM	Médio

⁴⁸ O informante deu como exemplos de obras que conhece em Tsonga, as obras de Bento Siteo: Zabela, Dicionário Changana-Português, Musongi e Ntanda Vantu e de Jafete Matsimbe:Svivòngo Sva Vatsonga e em Português a Bíblia Sagrada e de Mia Couto: O último Voo do Flamingo, de Ungulani Ba Ka Khosa: Walalapi.

62	Ent -est	28	Masc	PMO	Lc/jr		Jm ⁴⁹	LP/LBM	LP/LBM	Port	-	RM	Médio
63	Ent -est	35	Masc	PMO	Lc	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port./Xir	Une o país e povo	RM	Super
64	Ent- est	51	Masc	Gaza	OC	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich/Xir	Não pode desaparecer	RM	Médio
65	Ent -est	55	Masc	Tete	Gest	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich	Língua é cultura	RM	Médio
66	Ent -est	40	Masc	CM	Jr	-	-	LP/LBM	LP/LBM	-	-	RM	Médio
67	Ent -est	43	Fem	Ibne.	Lo-jr	-	Bíblia	LP/LBM,	LP/LBM	Cit/Xich	Francês e Inglês vão criar problemas	RM	Médio
68	Ent -est	41	Masc	PMO	Gest	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich	Não está em perigo	RM	Super.
69	Ent-est	25	Fem	PMO	Ven	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xich	Importante na nossa comunicação	MZ	Prim.
70	Ent -est	35	Fem	PMO	Ven	-	Bíblia	LP/LBM	LPLBM	Xir	Português é difícil	MZ	Prim.
71	Ent -est	40	Fem	PMO	Ven	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xich	Ensinar nossos filhos	MZ	Prim.
72	Ent -est	34	Fem	PMO	Ven	Bíblia	Bíblia	LP/ILBM	LP/LBM	Cit/Port	Ensinar nas escolas	MZ	Prim.
73	Ent- est	46	Fem	PM O	Ven	-	Bíblia	LP//LBM	LP/LBM	Xich	É bom	MZ	Prim
74	Ent- est	27	Fem	PMO	Ven	Bíblia	-	LP/LBM	LP/LBM	Port	É bom	MZ	Prim.
75	Ent- est	12	Masc	PMO	Al	Bíblia	-		LP/LBM	- Port	-	EPCA	Prim.
76	Ent- est	10	Fem	PMO	Al	Bíblia	Bíblia	LP/ILBM	LP/LBM	Port/Xich.	-	EPCA	Prim.
77	Ent- est	8	Masc.	PMO	Al	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port/Xich	-	EPCA	Prim.

⁴⁹ Sobre se existe ou não Literatura em Português e /ou em Tsonga o informante mencionou como obra que conhece a de Jafete Matsimbe cujo título é Svivòngo Sva Vatsonga.

78	Ent- est	8	Fem	Sof	Al	Bíblia	-	LP/LBM	LP/LBM	Port.	Gosto da LP	EPCA	Prim.
79	Ent- est	9	Fem	PMO	Al	-	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Xich	-	EPCA	Prim.
80	Ent- est	42	Masc	PMO	Dr/Pr	Bíblia	Bíblia	LP/LBM	LP/LBM	Port./Xich	Facilita a nossa comunicação	EPCA	Sup.

Nº-ordem numérica, Tu-técnica usada, id-idade, ocp-ocupação; gen-género; loc-local da pesquisa, acad-nível académico, nat-naturalidade;

ANEXO 13: IDENTIDADE SOCIAL DOS INQUIRIDOS/ENTREVISTADOS

TABELA 17: VALOR DAS LBM/FUTURO DA LP/FUTURO DAS LBM

Nº	TU	Id	Gen	nat	Ocp	Valor LM	Futuro LP	Futuro LM	Loc	Acad.
1	Inq	24	Fem	CM	Est	Línguas da nossa tradição	Ensinada a nível acional	Uso nos povoados	BMF	Super.
2	Inq	24	Fem	CM	Est	Identificam-nos como povo	Desenvolvimento	Desaparecer	BMF	Medio
3	Inq	20	Fem	CM	Est	-	Expandir-se pelo mundo	Desaparecer	BMF	Super.
4	Inq	40	Masc	Ibne.	Jorn.	Comunicação e aprendizagem	Ameaçada por outras línguas	Terem mais falantes	RM	Medio
5	Inq	27	Masc	CM	LR	Fazem parte da nossa cultura	Extinção devido ao calão	Serem mais faladas	BMF	Medio
6	Inq	40	Masc	CM	FP	Preservação da nossa cultura	Será usada por muitos moçambicanos	Estão a ser ensinadas. Futuro é muita esperança	IMAP	Medio
7	Inq	28	Fem	CM	FP	-	Ser falada por todos	-	IMAP	Médio
8	Inq	29	Fem	CM	Est	Valorizam a cultura e a unidade entre nós	Perder o monopólio de língua da unidade	Serão mais relevantes na comunicação entre nós	BAM	Medio
9	Inq	28	Masc.	Ibne	FP	Permitem-nos conhecer nossa cultura	Mais usada como veículo de comunicação	Estamos a perder o legado. Muitos não usam as LM.	BAM	Prim.
10	Inq	30	Fem	CM	Dep.	União dos moçambicanos	Que todos a compreendam	-	BUR	Medio
11	Inq	50	Masc	Gaz	SB	Comunicação a nível local	Terá mais aceitação	Mais faladas e inseridas na sociedade	BUR	Medio
12	Inq	50	Masc	Ibne.	CQ	-	Mais preferida pelos falantes	-	BUR	Super

13	Inq	42	Masc	Ibne	LR	Continuar nossa tradição	Continuar a ser usada na comunicação	Continuarão importantes	BMF	Médio
14	Inq	50	Masc	Namp	LR	Caracterizam-nos como moçambicanos	Ascenderem além-fronteiras	Desaparecer.nossos filhos desprezam-nas	BMF	Médio
15	Inq	40	Fem	CM	Prof/pri	-	-	-	EPCC	Super
16	Inq	40	fem	Nias	Prof/pri	Identificam nossa origem	Unir o povo	permitirem continuidade da origem de cada grupo	EPCC	Super
17	Inq	40	Fem	Zamb	Prof/pri	Identificam o povo	Ser ameaçada pelo inglês	Poderão ser oficializadas	EPCC	Médio
18	Inq	25	Masc	PMO	FP	Caracterizam os moçambicanos	Expansão pelo mundo	Perderem seu uso	BMF	Médio
19	Inq	31	Masc	Gaza	Prof/pri	-	Melhorar cada vez mais	-	EPCC	Super
20	Inq	40	Masc	MP	Ven	São nossa identidade	Próspero	Ser ensinadas nas escolas	M X	Médio
21	Inq	40	Masc	Namp	LR	Exprimem a vida local	Será língua da economia	Aumento do seu valor na cultura	MBX	Médio
22	Inq	42	Masc	Namp	LR	São cartão de visitas do povo	Será língua internacional	Céptico	MBX	Super
23	Inq	26	Masc	Sof	Est	-	É positivo	Serão importantes na cultura	MBX	Prim.
24	Inq	40	Fem	CM	Jr	Representam a nossa origem	Expandir-se cada vez pelo país	Se não se fizer nada vão desaparecer	MIND	Super
25	Inq	30	Masc	CM	Jr	Valorizar a nossa cultura	Expandir-se ainda mais	Serão esquecidas pelas novas gerações	MIND	Super
26	Inq	27	Masc	CM	Jr	Preservar a nossa cultura	Comunicação no país	Melhorar a comunicação nas comunidades	MIND	Médio
27	Inq	30	Fem	CM	Jr	Preservar a nossa história	-	-	MIND	Médio

28	Inq	53	Masc	CM	Jr	Identidade cultural	O futuro desta língua não está claro	Maior ascendência com integração no SNE	CCJC	Super
29	Inq	29	Masc	Ibne	Est	São nossas línguas	Expandir-se	Ficarem para a História	BBEN	Super
30	Inq	34	Masc	Ibne	FP.	Identidade do povo	Expansão	Representar nossa história	BBEN	Super
31	Inq	33	Masc	Tete	Prof	Identificam-nos como povo	-	-	BBEN	Super
32	Inq	40	Masc	Ibne	FP	Sem língua não temos cultura	O futuro é promissor	Preservação e divulgação	BBEN	Médio
33	Inq	31	Masc	CM	Est	-	risonho devido à globalização	São a riqueza cultural do povo	ESJM	Médio
34	Inq	32	Masc	CM	Mús	-	-	-	BCEN	Super
35	Inq	31	Masc	Gaza	EP	Fazem parte da nossa cultura	-	Os jovens não têm nada a ver com as LMO.Estamos a perder nossa identidade	BALB	Médio
36	Inq	40	Masc	Ibane	Jr/ges	-	-	-	CCJC	Super
37	Inq	40	Fem	Zamb	Dom	Preservação da cultura	-	Ensiná-las para que nossa cultura e tradição não se percam	BALB	Prim.
38	Inq	40	Masc	Gaza	Est	-	-	-	BALB	Prim.
39	Inq	36	Masc	Sof	Jr/tvm	São a nossa identidade	Vai continuar	Vão extinguir-se	BCEN	Médio
40	Inq	40	Masc	Gaza	Jr/tvm	-	Ter mais falantes no mundo	Aumentar o número de falantes	CCJC	Super
41	Inq	27	Masc	Gaza	FP	São nossa tradição	Muita gente vai falar LP	-	BHL.	Super
42	Inq	40	Masc	Tete	FP.	Permitem-nos conhecer nossa cultura	Vai continuar a ser usada	Futuro não será muito bom porque não são ensinadas aos nossos filhos.	BHIL	Médio

43	Inq	40	Masc	Ibne.	Com	São parte da nossa cultura	Mais pessoas vão falar esta língua	Estão a ganhar espaço. Os pais já as ensinam aos filhos	BHL	Prim.
44	Inq	55	Masc	Ibne.	Jr/gest	Serem usadas com aqueles que não falam LP	Língua da eternidade	Devem ser promovidas para não morrerem.	AIM	Super
45	Inq	32	Fem	Gaza	LR	Reflectem a moçambicanidade	Vai-se misturar com outras línguas	Cada vez maior ascensão	BMF	Prim.
46	Inq	40	Masc	Gaza	FP.	Manter a tradição	Expansão	Desaparecimento	BLAU	Médio
47	Inq	34	Fem	CM	Est	Nossa cultura	Expansão no meio urbano	Vão ganhar mais valor no país	BLAU	Médio
48	Inq	27	Masc	Npl	Est	Fazem parte da cultura	Extinção por causa do calão	Tendência de ser mais faladas	BLAU	Prim.
49	Inq	40	Masc	Gaza	F P	-	Que todos a falem bem.	-	IMAP	Prim.
50	Inq	45	Fem	Gaza	Fonu	São línguas nacionais.Elas identificam-nos.	Comunicação a nível nacional	Facilitam a comunicação nas comunidades	CCJC	Super.
51	Inq	40	Fem	Gaza	Vem	-	Que seja cada vez melhor	-	BMH	Prim.
52	Ent-sest.	33	Masc	Ibne.	AJ	A UEM já ensina LBMs e isso é muito bom.	Aperfeiçoar o ensino da LP	Devem ser ensinadas nas secolas	BAU	Médio
53	Ent -sest	25	Fem	Npl	Est	São nossas línguas	Brilhante porque é língua materna de alguns e universal	Muitos jovens não falam LBMs. Devem ser ensinadas.	BAU	Super
54	Ent-sest	35	Masc	PMO	TP	Quando troco copos falo Changana.	Português é língua que não é nossa (não nativa).	São importantes. Não podemos elevar uma língua que não é nossa.	BAU	Médio

55	Ent-sest	26	Masc	PMO	FP	Até estrangeiros já querem aprender Changana.	Deve ser bem ensinada nas escolas. Usa-se mal esta língua.	Ser ensinadas. Já estive em comícios onde os chefes não sabiam falar LMOs.	BAU	Médio
56	Ent- sest	47	Masc	PMO	TM	Falo algumas línguas do sul conforme o ambiente. Com o Chefe, no Hospital e com amigos.	Uso-o para comunicar com outros moçambicanos de outros pontos do país	Até já aparece bibliografia. Isso anima.	BAU	Médio
57	Ent- sest	44	Masc	Ibne.	OBG	São línguas dos antepassados e da nossa história.	Expandir-se	Desaparecerem porque em todo o lado só se usa LP	RO/BC	Médio
58	Ent-sest	31	Masc	Ibne.	CTX	-	-	-	RO/BC	Prim.
59	Ent- sest	47	Masc	PMO	OBG	Através delas nos entendemos melhor.	Tem futuro em qualquer país mas não sei qual.	Nunca vão acabar/ desaparecer	RO/BC	Prim.
60	Ent –est	40	Masc	PMO	Lo/Jr	São as primeiras portas da comunicação entre nós.	Vai mudar a estrutura gramatical.	Serão adulteradas pela LP	RM	Super.
61	Ent –est	50	Masc	Gaza	Jr	Herança cultural do povo	Instrumento indispensável para a unidade do país	Património sociocultural a proteger e desenvolver	RM	Médio
62	Ent –est	28	Masc	PMO	Lc/jr	-	-	-	RM	Médio
63	Ent –est	35	Masc	PMO	Lo	Representam a cultura e união dos moçambicanos	Vai sofrer evolução no léxico e na gramática por causa das nossas línguas	As LMO estão a sofrer mudanças. O ronga e o bitonga estão a desaparecer.	RM	Super.
64	Ent -est	51	Masc	Gaza	OC	As nossas avós explicam-nos coisas da nossa história através delas.	Não pode desaparecer.	Não podemos deixar as nossas línguas de qualquer maneira	RM	Médio

65	Entr-est	55	Masc	Tete	Gest	Devem ser usadas em vários sectores sem dividir os moçambicanos	É a língua da unidade e de comunicação com o mundo	Se não forem utilizadas na alfabetização Vão desaparecer	RM	Médio
66	Ent-est	40	Masc	CM	Jr	-	-	-	RM	Médio
67	Ent-est	43	Fem	Ibne.	Lo-jr	Criar núcleos para debater a situação das LMO	Qualquer dia teremos problemas com LP. Só se exige inglês e Francês nas instituições.	Usá-las no ensino. Se se usar só o Macua na comunicação haverá problemas com outras línguas.	RM	Médio
68	Ent-est	41	Masc	PMO	Gest	São património inquestionável do país	Não está em perigo. Vai durar muito tempo. É língua materna de algumas pessoas.	Vão evoluir. Usá-las oficialmente no ensino e preservar a história e cultura.	RM	Super.
69	Ent-est	25	Fem	PMO	Vem	-	-	-	MZ	Prim.
70	Ent-est	35	Fem	PMO	Vem	Valorizá-las porque são importantes	Importante na escola. Sem ela não podemos avançar.	Devemos usá-las cada vez mais	MZ	Prim.
71	Ent-est	40	Fem	PMO	Vem	Comunicar com outras pessoas	-	-	MZ	Prim.
72	Ent-est	34	Fem	PMO	Vem	Têm valor sim.	Tem sim. Por causa dos nossos filhos	-	MZ	Prim.
73	Ent-est	46	Fem	PMO	Vem	-	-	-	MZ	Prim.
74	Ent-est	27	Fem	PMO	Vem	Nós não damos valor às LM.	Ensiná-la nas escolas	Usá-las e ensiná-las	MZ	Prim.
75	Ent-est	12	Masc	PMO	Al	Não gosto do Xichangana	-	-	EPCA	Prim.
76	Ent-est	10	Fem	PMO	Al	Porque é bom (o Xichangana)	-	-	EPCA	Prim.

77	Ent –est	8	Masc.	PMO	Al	Porque é bom (o Xichangana)	-	-	EPCA	Prim.
78	Ent –est	8	Fem	Sof	Al	-	-	-	EPCA	Prim.
79	Ent –est	9	Fem	PMO	Al	Porque gosto.	Gosto da LP	Gosto delas	EPCA	Prim.
80	Ent –est	42	Masc	PMO	Dr/Pr	-	Existirá sempre porque é língua oficial	Devemos usar estas línguas no ensino	EPCA	Sup.

Nº-ocupação; gen-género; id-idade; nat-nativo/a; ocp-ocupação; antes da escola; na escola; Tu-técnica usada; loc-local da pesquisa, acad-nível académic

ANEXO 14- CÓPIA DO REGIMENTO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

REGIMENTO

Mandato 2009 - 2013

3. O segundo ponto da ordem do dia será a análise e ratificação de deliberações tomadas pela Mesa da Assembleia Municipal e pela Comissão Permanente, se as houver.
4. Na primeira reunião das sessões ordinárias deve ser, em princípio, apreciada a informação que tiver sido fornecida pelo Presidente do Conselho Municipal acerca da actividade do Município.

Artigo 54
(Fundo de tempo)

Para o debate de cada ponto de agenda será determinado um fundo de tempo, cuja utilização será de acordo com a proporcionalidade de mandatos.

Artigo 55
(Diversos)

O período e assuntos diversos são da responsabilidade da Mesa e, eventualmente serão também usados pelo Presidente do Conselho Municipal ou seu substituto.

SECÇÃO III
USO DA PALAVRA

Artigo 56
(Intervenção no período da ordem do dia
pelos membros da Assembleia Municipal)

1. A cada membro da Assembleia Municipal é concedida a palavra para intervir nos debates do período da ordem do dia, quando para tal se inscreva, no máximo de duas vezes sobre o mesmo assunto e por um período não superior a vinte minutos.
2. A língua de trabalho é a língua oficial do País.
3. É permitido o uso da língua Ronga nas sessões da Assembleia Municipal, devendo o orador providenciar um intérprete.

ANEXO 15- REGIMENTO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA



Assembleia da República
Secretariado-Geral da Assembleia da República

Legislação

Básica



Conteúdo

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA

REGIMENTO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 13/2014,
de 17 de Junho

**ESTATUTO, SEGURANÇA E PREVIDÊNCIA
DO DEPUTADO**

Lei n.º 31/2014,
de 30 de Dezembro

LEI ORGÂNICA DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 13/2013,
de 12 de Agosto

REGIMENTO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA**Preâmbulo**

A Assembleia da República é o órgão representativo dos moçambicanos que, no seu funcionamento observa os princípios de democracia, transparência e de igualdade.

Desde a sua criação em 1975 funcionou com base em regras que experimentaram profundas transformações.

Em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz e à luz da Constituição de 1990, consolidou-se a democracia multipartidária e melhorou-se o mecanismo de relacionamento dos órgãos de soberania e demais instituições.

A Assembleia da República multipartidária aprovou Regimentos, em 1995, 2001 e 2007, visando adequar o seu funcionamento à realidade política, social e económica do País.

A Assembleia da República acompanha a dinâmica do País, a necessidade de adequar o seu funcionamento à Constituição, consagra as boas práticas, atenta à sua modernização.

**CAPÍTULO I
Disposições Gerais****Artigo 1
(Objecto)**

O Regimento da Assembleia da República tem por objecto definir e regular as competências da Assembleia da República, bem como o seu relacionamento com as demais instituições do Estado e outras pessoas jurídicas.

**Artigo 2
(Definição)**

1. A Assembleia da República é o órgão representativo de todos os cidadãos moçambicanos.

2. O Deputado representa todo o país e não apenas o círculo pelo qual é eleito.

**Artigo 3
(Âmbito)**

O Regimento da Assembleia da República, abreviadamente, designado por RAR, estabelece as normas de organização e funcionamento da Assembleia da República, bem como o seu relacionamento com os demais órgãos e instituições do Estado e outras pessoas jurídicas.

**Artigo 4
(Função)**

1. A Assembleia da República é o mais alto órgão legislativo na República de Moçambique.

Básica

- b) observar o Estatuto do Deputado;
- c) observar o decoro parlamentar;
- d) respeitar a dignidade da Assembleia da República e dos Deputados;
- e) comparecer às sessões do Plenário e às da comissão de que for membro;
- f) participar nas votações e nos trabalhos da Assembleia da República.

2. São ainda deveres do Deputado:

- a) assumir os cargos e funções para que tenha sido eleito;
- b) contribuir, com a sua inteligência e empenho, para o sucesso e bom nome da Assembleia da República e para a observância da Constituição.

Artigo 12
(Língua de trabalho)

A língua de trabalho da Assembleia da República é a língua oficial.

Artigo 13
(Uso de línguas nacionais)

1. O Deputado pode requerer exprimir-se numa língua nacional providenciando-se a tradução simultânea.

Básica

2. Sempre que tiver que recorrer a expressões de outras línguas, nacionais ou estrangeiras, o Deputado deve, acto contínuo, providenciar a tradução imediata.

Artigo 14
(Uso de outras línguas)

Os visitantes e convidados de honra podem usar a língua oficial dos respectivos países, providenciando-se a tradução simultânea.

Artigo 15
(Linguagem específica)

O Deputado com deficiência pode usar linguagem específica, providenciando-se a interpretação.

CAPÍTULO II
Funcionamento da Assembleia da República

Artigo 16
(Funcionamento)

1. A Assembleia da República funciona em Plenário e em Comissões de Trabalho.

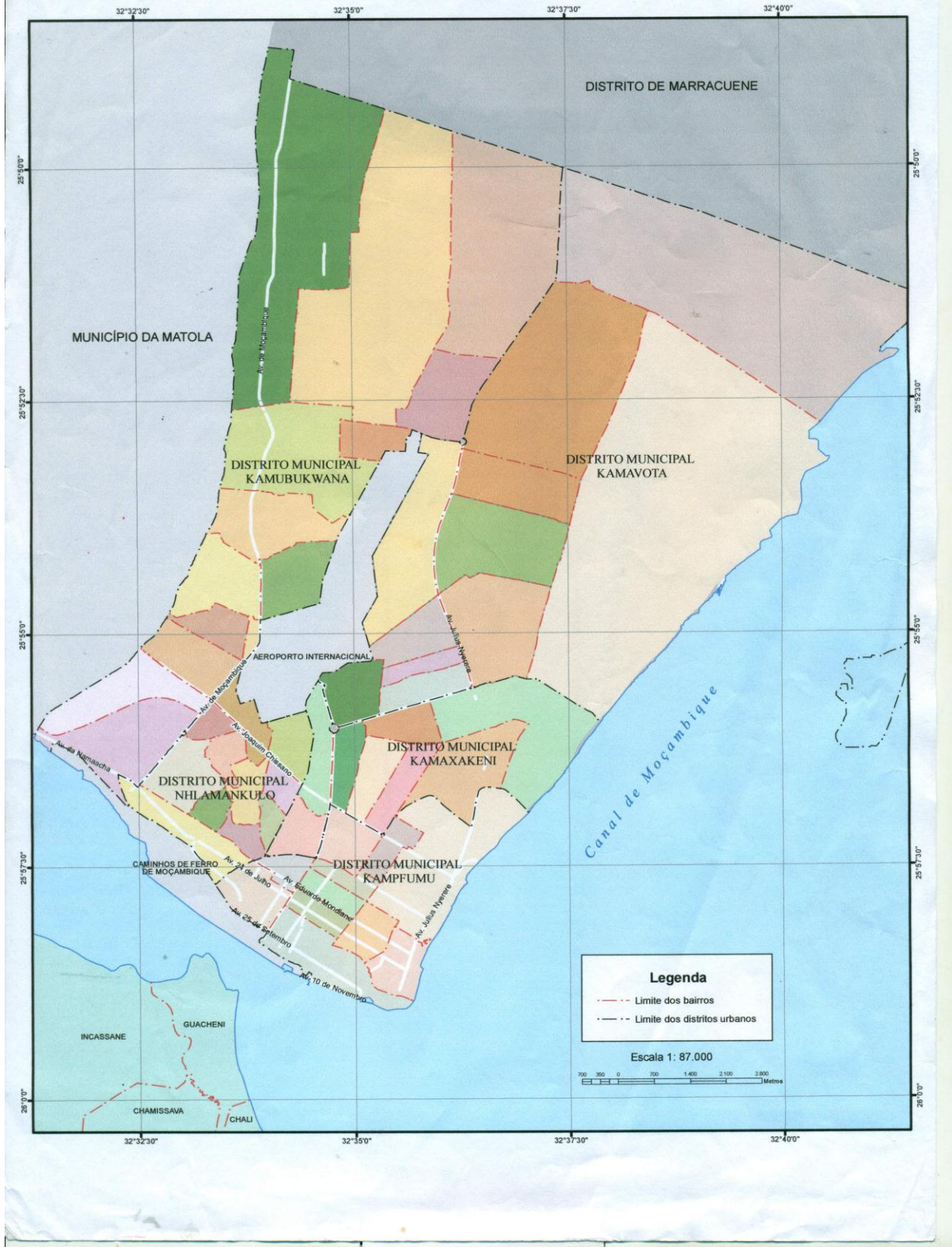
2. Na sua actividade, a Assembleia da República apoia-se no trabalho das Bancadas Parlamentares.

Artigo 17
(Períodos de funcionamento)

1. A Assembleia da República reúne-se, ordinariamente

ANEXO 16- MAPA DA CIDADE DE MAPUTO

MAPA DA CIDADE DE MAPUTO



ANEXO 17-MAPA DOS BAIRROS DA CIDADE DE MAPUTO

